

Perspectivas para a agropecuária

Volume 3 – Safra 2015/2016
Produtos de Verão

BRASÍLIA, 2015

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretor de Operações e Abastecimento

Marcelo de Araújo Melo

Diretor de Gestão de Pessoas

Rogério Luiz Zeraik Abdalla

Diretor Administrativo, Financeiro e Fiscalização

Lineu Olímpio de Souza

Diretor de Política Agrícola e Informações

João Marcelo Intini

Superintendente de Gestão de Oferta

Wellington Silva Teixeira

Gerência de Alimentos Básicos

Stelito de Assis dos Reis Neto

Gerência de Fibras e Produtos Especiais e Regionais

Fernando Gomes da Motta

Gerência de Oleaginosas e Produtos Pecuários

Thomé Luiz Freire Guth

Gerência de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro

Diretoria de Política Agrícola e Informações
Superintendência de Gestão da Oferta

Perspectivas para a agropecuária

Volume 3 – Safra 2015/2016
Produtos de Verão

ISSN 2318-3241

PERSPEC. AGROPEC., BRASÍLIA, V.3, P. 1-130, SET. 2015



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: < <http://www.conab.gov.br> >
Impresso no Brasil

Responsáveis Técnicos: Wellington Silva Teixeira e Gabriela Lopes Souto

Colaboradores: Fernando Gomes da Motta, João Figueiredo Ruas, Leandro Menegon Corder, Leonardo Amazonas, Maria Helena Fagundes, Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior, Thomé Luiz Freire Guth, Wander Fernandes de Sousa.

Editoração: Superintendência de Marketing e Comunicação – Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Diagramação: Aloma Dourado, Marília Yamashita

Fotografias: Arquivo Conab

Normalização: Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562.

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

338.5
C737r

Companhia Nacional de Abastecimento.
Perspectivas para a agropecuária / Companhia Nacional de Abastecimento – v.1
– Brasília : Conab, 2013-
v.

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Anual

1. Produção agrícola. 2. Custo de produção. 3. Comércio interno. 3. Comércio externo. I. Título.

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento

Superintendência de Gestão de Oferta

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6240

<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br



SUMÁRIO

Apresentação	07
Algodão	09
1. Introdução	09
2. Panorama internacional	10
3. Panorama nacional	13
4. Perspectiva para a próxima safra	15
Arroz em casca natural	18
1. Introdução	18
2. Panorama internacional	19
3. Panorama Nacional	23
4. Perspectiva para a próxima safra	24
Carnes	29
1. Introdução	29
2. Mercado internacional	30
3. Mercado nacional	34
4. Fatores críticos	39
5. Perspectivas para 2015/16.....	40
Feijão	43
1. Panorama internacional	43
2. Panorama nacional	44
3. Perspectiva para a temporada 2014/15 e 2015/16	48
4. Informações e algumas considerações	49
Leite	53
1. Mercado internacional	53
2. Mercado nacional	67
3. Considerações finais.....	77
Milho	79
1. Introdução	79
2. Panorama internacional	80
3. Panorama nacional	87
4. Análise prospectiva para a safra nacional 2015/16	91
5. Conclusão	97
Soja	98
1. Introdução	98
2. Mercado internacional	99
3. Mercado nacional	111
4. Análise prospectiva para a safra nacional 2015/16	117
Sorgo	119
1. Introdução	119
2. Panorama internacional	120
3. Panorama nacional	123
4. Análise Prospectiva	126
5. Conclusão	128

APRESENTAÇÃO



A Companhia Nacional de Abastecimento, dentro de sua visão de empresa, tem como objetivos: ser referência como provedora de informações e conhecimento do setor agrícola e de abastecimento; além de ser reconhecida como centro de excelência na formulação, execução e difusão de políticas de segurança alimentar; e, pela excelência no exercício de seu papel institucional e na execução dos serviços prestados.

Tendo sua visão como norteadora de suas ações, a Conab coleta informações de preços, elabora metodologia própria para o cálculo dos diversos custos de produção, realiza levantamentos periódicos de safras, além de levantar informações de oferta e demanda e preços de diversos produtos.

Tradicionalmente, a Conab oferece à sociedade essas informações com diferentes enfoques e em diferentes momentos da safra, como acontece com a divulgação da proposta de Preço Mínimo e mais recentemente, com as perspectivas de mercado de alguns produtos.

Os preços mínimos são propostos e começam a vigorar no início de cada safra com base nos custos de produção, entre outras variáveis. Já o trabalho das perspectivas é publicado a tempo de que os produtores consigam tomar sua decisão de plantio, normalmente quando estão adquirindo seus insumos, e fornece informações de suprimento mundial do produto em questão, panorama nacional e internacional, fatores críticos, preços e rentabilidade, com a projeção de panoramas para a próxima safra e a estimativa de preços futuros.

Neste ano de 2015, diferentemente do que ocorreu nos anos anteriores, a divulgação das perspectivas será dividida em duas partes: produtos de verão e produtos de inverno, separando as culturas de acordo com o período de colheita.

No presente trabalho, serão apresentadas as projeções dos produtos de verão: arroz, feijão, algodão, milho, soja, sorgo, carnes (bovinos e aves) e leite. E no primeiro trimestre de 2016 serão divulgadas as projeções dos produtos de Inverno.

A perspectiva, diferentemente do preço mínimo, volta o seu olhar para a tomada de decisão dos produtores, fornecendo informações da economia, do mercado nacional e internacional e os prováveis cenários que podem ocorrer nos próximos meses com relação principalmente aos preços. Tudo isso com o intuito auxiliar o produtor rural nos aspectos da produção que mais lhe interessam como projeção de preços, rentabilidade e os horizontes de ação que se projetam.

João Marcelo Intini

Diretor de Política Agrícola e Informações



ALGODÃO

FERNANDO GOMES DA MOTTA



1. Introdução

A fibra de algodão, apesar da perda de espaço para as fibras sintéticas, é a principal matéria-prima da indústria têxtil brasileira e mundial. Todavia, o produto do algodoeiro também pode ser empregado de diversas formas, além da fabricação de produtos têxteis. O caroço, cujo mercado cresceu expressivamente na última década, representa importante fonte energética, podendo ser utilizado de forma *in natura*, para alimentação animal, ou esmagado, permitindo a elaboração de subprodutos importantes, tais como a torta para ração animal e óleo utilizado pela indústria de gêneros alimentícios, de combustíveis entre outras.

Por outro lado, é imprescindível destacar que a importância do algodão não se resume unicamente a suas diversas formas de utilização, mas inclui também a geração de divisas. O Brasil exportou, de agosto de 2014 a julho de 2015, ou seja, a totalidade do período da safra 2014/15, cerca de 851 mil toneladas da pluma, gerando um volume de receita para o país da ordem de US\$ 1,448 bilhão.

Assim posto, o presente trabalho analisa os números do mercado nacional e mundial de algodão, no intuito de antever a situação do comércio desse produto num futuro próximo, ou seja, o ano-safra 2015/16. Para alcançar seu objetivo, o texto expõe uma análise do mercado internacional e do mercado nacional de forma separada para, somente então, finalizar com a análise de perspectiva baseada em projeções macroeconômicas.

2. Panorama internacional

2.1. Oferta e demanda mundial

Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão – ICAC, a produção mundial de algodão, na safra 2014/15, deverá ser de 26,2 milhões de toneladas, o consumo de 24,4 milhões e o estoque de passagem de 22 milhões. Para a safra 2015/16, o Comitê prevê que o cultivo reduza em 9,05%, de maneira a que o volume produzido diminua para 23,8 milhões de toneladas. Para o consumo, a entidade prediz um crescimento de 2,26%, atingindo o patamar de 24,9 milhões de toneladas. Desse modo, é esperado que o movimento nessas variáveis reduza em 5% os estoques mundiais, de tal maneira que atinja o montante de 20,9 milhões de toneladas.

É importante destacar que o consumo mundial de pluma não supera a produção desde a safra 2009/10. Assim, esse movimento de ajuste no quadro de suprimento se mostrou inevitável, posto que a continuidade desse cenário de produção superior ao consumo causaria fortes impactos negativos sobre os preços. Para detalhes ver Tabela 1 e Gráfico 2.

Tabela 1
Suprimento mundial de algodão em pluma

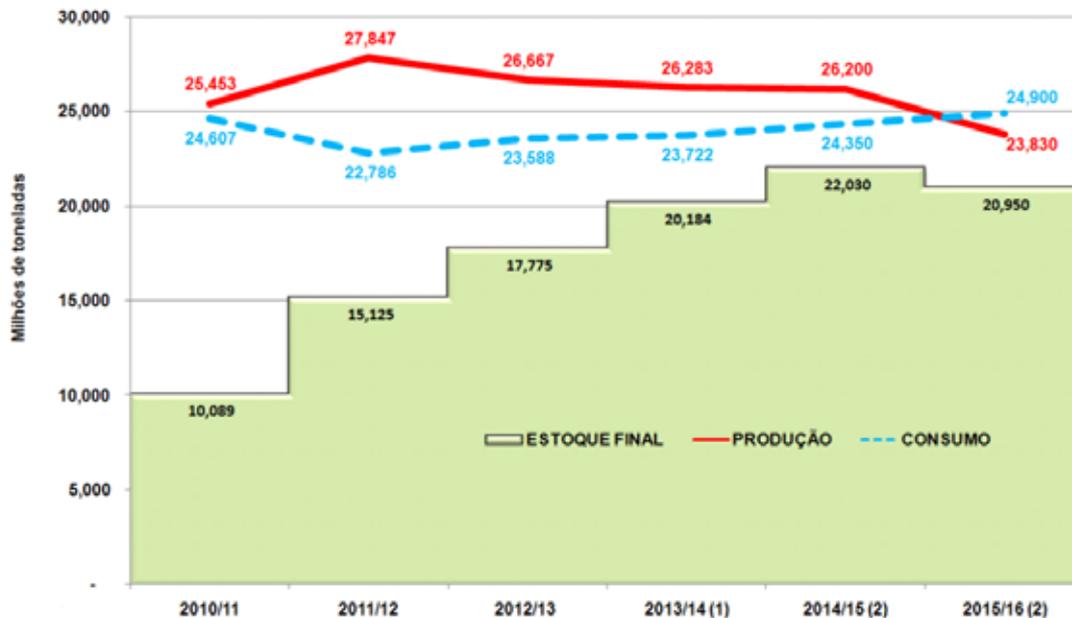
Discriminação	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014 ⁽¹⁾	2014/2015 ⁽¹⁾	2015/2016 ⁽²⁾
est.inicial	11,756	8,614	10,089	15,125	16,851	20,184	21,810
produção	22,334	25,453	27,847	26,667	26,283	26,200	23,830
importação	7,928	7,727	9,785	9,614	8,653	7,670	7,710
oferta total	42,018	41,794	47,721	51,406	51,787	54,054	53,350
consumo	25,529	24,607	22,786	23,588	23,722	24,350	24,900
exportação	7,799	7,727	9,827	10,044	8,804	7,670	7,710
perdas	0,078	0,629	0,017	0,001	0,923	0,004	0,210
estoque final	8,612	10,089	15,125	17,775	20,184	22,030	20,950

Legenda: (1) estimativa (2) projeção.

Fonte: International Cotton Advisory Committee - ICAC.

Dados divulgados pelo ICAC, em agosto de 2015 revelam que se a variação percentual nas variáveis selecionadas a seguir fosse anualizada em taxas de crescimento, a taxa média anual do consumo mundial entre 2011 e 2015 de pluma seria negativa em 0,20% a.a., enquanto que da produção seria positiva em 0,58% a.a. Esse movimento ao longo de cinco anos permitiu que o estoque crescesse à taxa média de 16,91% por safra e alcançasse o volume de 22 milhões de toneladas na safra 2014/15, com um consumo de 24,3 milhões, ou seja, uma relação consumo/estoque de 90,5%.

Gráfico 1
Disponibilidade de pluma no mercado mundial



Fonte: ICAC; NYSE.

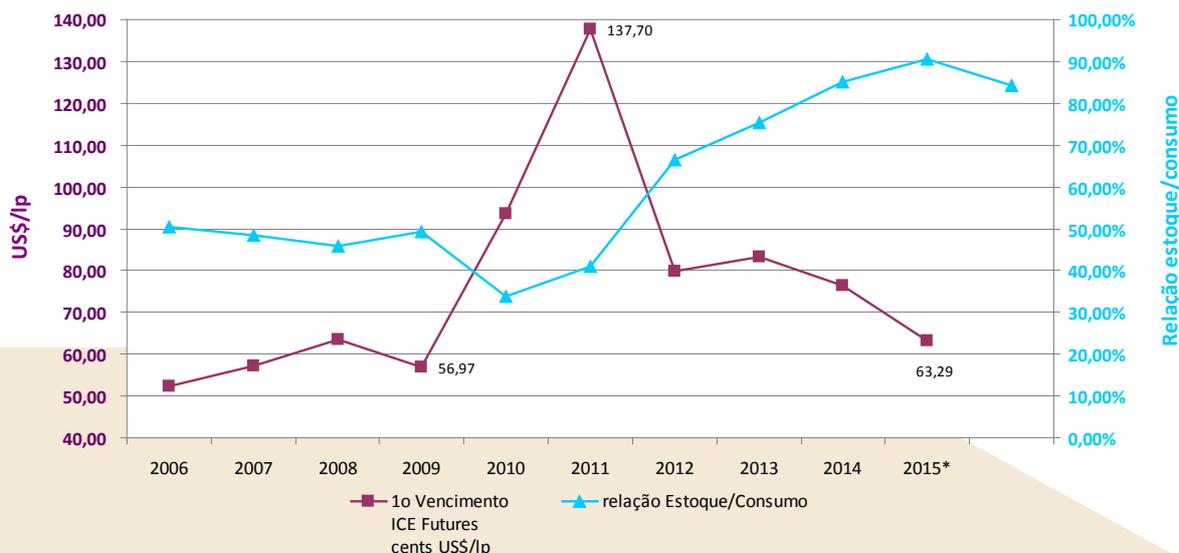
2.2. Preços internacionais

A formação de preços das *commodities* é intimamente ligada à disponibilidade do produto, dessa feita o quadro de oferta e demanda mundial se mostra fundamental para avaliar corretamente a trajetória dos preços da pluma de algodão. Portanto, esse cenário de alta disponibilidade mundial de algodão inviabilizou a sustentação de preços internacionais em patamares adequados e remuneradores, de maneira que as cotações médias seguem em tendência de queda desde 2011.

Todavia, é imperioso enfatizar que o desempenho do mercado mundial do algodão, na safra 2014/15, ocorre conforme projetado pelos analistas de mercado, isto é, disponibilidade de produto elevada e consumo inferior ao produzido. Dessa maneira, o arrefecimento da demanda chinesa por algodão ao longo dos últimos cinco anos e o rápido aumento dos estoques mundiais motivaram a intensa queda das cotações internacionais da pluma em 2014 e início de 2015.

Cabe lembrar que as expectativas do mercado desde o ano 2013 já apontavam para um ambiente baixista no mercado mundial do algodão no biênio 2014 e 2015, entretanto, uma queda tão intensa nas cotações não é observada desde a safra 2011/12. A explicação para essa retração nos preços é trazida pela grande concentração do estoque mundial de algodão na China (aproximadamente 57,5% em 2014), originado por uma política de sustentação de estoques estratégicos em 2011 que neutralizou grande parcela da produção mundial de pluma e agora traz incertezas para toda a cadeia produtiva.

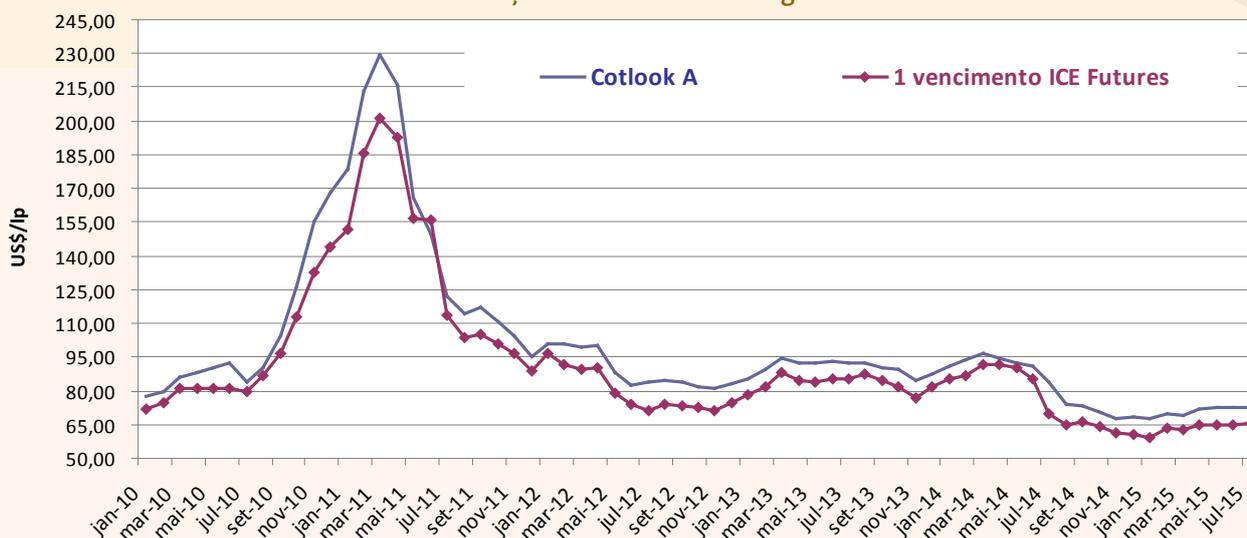
Gráfico 2
Cotações algodão NYSE vs relação estoque/consumo



Fonte: ICAC; NYSE.

Nesse sentido, ao comparar a relação estoque/consumo e preço mundial em série histórica é perceptível uma forte correlação inversa entre as duas variáveis, conforme demonstrado no Gráfico 2. É necessário destacar que, apesar do acúmulo de grandes volumes de pluma armazenada, um fator surgiu como freio à queda dos preços em 2013, neutralizando a afinidade inversa das séries: a política econômica adotada pela China. A forte demanda chinesa, fomentada pelo programa de aquisição de algodão no mercado interno e via importações, possibilitou a manutenção dos preços internacionais do algodão acima das médias passadas. Assim, cabe enfatizar que os estoques oficiais do produto mantidos pelo governo chinês acumularam volumes recordes ao longo da safra 2014/15, chegando a mais de 12 milhões de toneladas, segundo as estimativas do ICAC, publicadas em agosto de 2015. Contudo, com o fim dessa política a trajetória de queda das cotações se mostrou de maneira progressiva, conforme demonstrado pelo Gráfico 3.

Gráfico 3
Preços internacionais do algodão



Fonte: Nyse; Cotlook

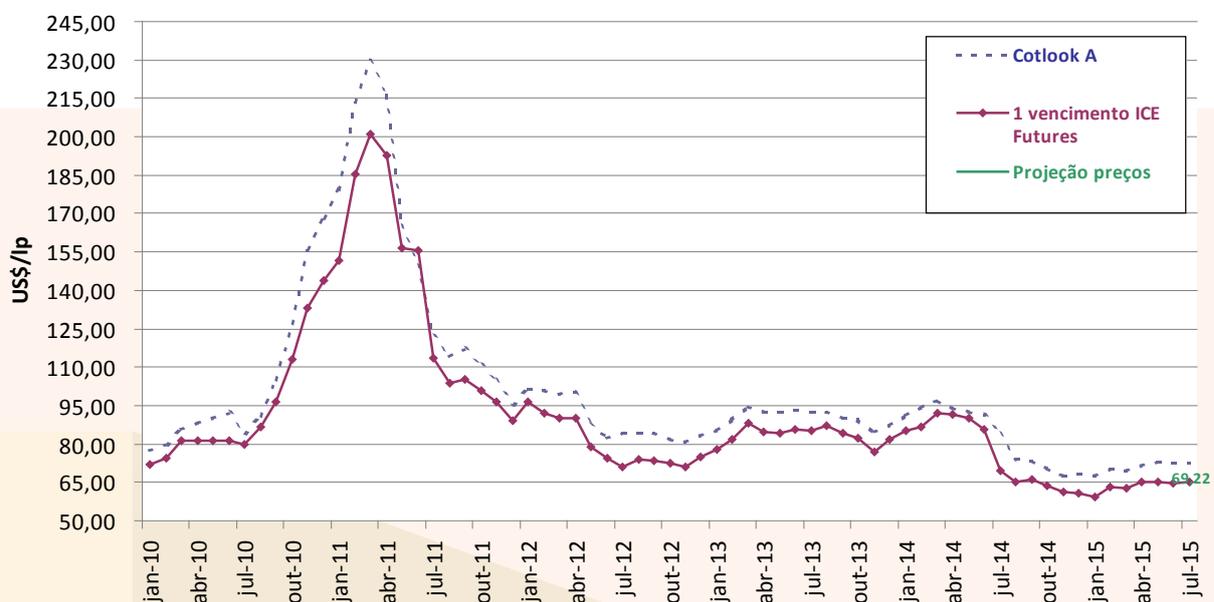
2.3. Cenário para a safra 2015/16

Diante das expectativas de ajuste no suprimento mundial de algodão, redução na produção mundial de 9,05%, com destaque para a redução de 2,15% na produção da Índia, queda de 16,51% na China e de 12,39% nos EUA, associada com uma redução de 5% nos estoques finais da safra 2015/16, é esperado que as cotações internacionais prossigam estabilizadas, posto que o movimento de redução dos estoques apenas se inicia.

Portanto, por via de análise estatística e dos movimento sazonais dos preços, a Conab projeta que o preço médio na Bolsa de Nova Iorque e Índice “A” para 2016 deverão ser de US\$64,67/lb e US\$72,11/lb, respectivamente.

O Gráfico 4 mostra uma linha de tendência pelo ponto médio entre as projeções.

Gráfico 4:
Projeção de preços internacionais



Fonte: Nyse; Cotlook

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda nacional

Segundo o 11º levantamento de safra executado pela Conab, em 2015, o Brasil reduziu em 14,8% a área destinada ao plantio de algodão na safra 2014/15, em comparação à safra 2013/14. Com 976,2 mil hectares cultivados, o País deverá produzir 1.504,1 mil toneladas de pluma na safra em curso (2014/15), representando uma redução de 13,3%, em comparação com a safra antecedente. Segundo as expectativas da Conab, a oferta nacional de algodão em pluma em 2015 deverá reduzir 2,63% e alcançará, dessa maneira, aproximadamente 2 milhões de toneladas.

Para encontrar esse número de oferta, deve-se somar à produção esperada o estoque inicial de 501,9 mil toneladas e a expectativa de 10 mil toneladas internalizadas via importação. Para detalhes e série histórica ver Tabela 2.

Tabela 2:
Oferta e demanda nacional

Discriminação	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
OFERTA	1.903,1	1.627,5	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.016,0
estoque inicial	675,0	394,1	76,0	521,7	470,5	305,1	501,9
PRODUÇÃO	1.213,7	1.194,1	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.504,1
- Centro/Sul	804,1	755,2	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.003,5
- Norte/Nordeste	409,6	438,9	697,4	550,1	405,2	542,0	500,6
importações	14,5	39,2	144,2	3,5	17,4	31,5	10,0
DEMANDA	1.509,0	1.551,5	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.568,6	1.590,0
consumo interno	1.004,1	1.039,0	900,0	895,2	920,2	820,0	800,0
exportações	504,9	512,5	758,3	1.052,8	572,9	748,6	790,0
estoque final	394,1	76,0	521,7	470,5	305,1	501,9	426,0
meses de uso	3,1	0,6	3,8	2,9	2,5	3,8	3,2

Fonte: Conab

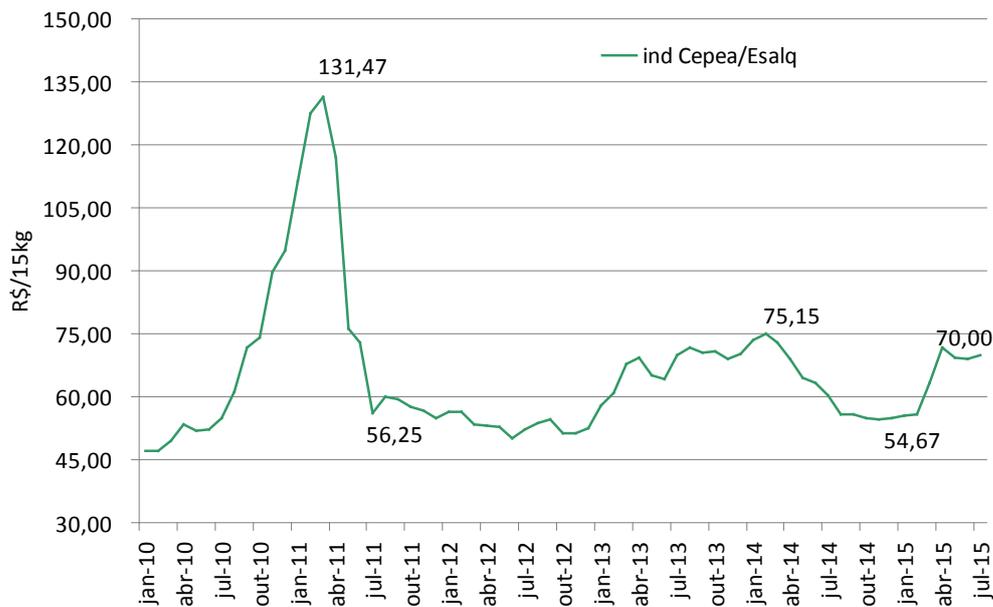
3.2. Preços nacionais

As cotações nacionais de algodão em pluma seguem em uma trajetória de recuperação. O dólar valorizado foi o principal aliado deste movimento, posto que os fatores baixistas como a grande disponibilidade e a demanda mundial retraída ainda estarão presentes, mesmo que em menor grau e com expectativa de melhores números em 2016.

A tendência de queda dos preços observada em 2014 foi interrompida pela intervenção do Governo brasileiro no mercado doméstico de algodão, via leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro), quando os preços atingiram o patamar inferior ao Preço Mínimo, mas foi sustentada pela paridade de exportação e importação que se mantivera em tendência de alta ao longo do primeiro semestre de 2015.

Assim colocado, é necessário destacar o papel da desvalorização cambial na recuperação dos preços nacionais do algodão. Cerca de 50% da produção brasileira de algodão são destinados à exportação, deste modo a forte tendência de desvalorização do real a partir de setembro de 2014 trouxe maior competitividade à produção brasileira no mercado internacional, fazendo com que o incremento das paridades de exportação e importação no período, proporcionada em maior parcela pelo aumento do dólar do que pela recuperação dos preços internacionais, majorasse o poder de barganha do cotonicultor, permitindo uma maior exigência financeira pela produção doméstica ao realizarem novos contratos.

Gráfico 5
Preços nacionais
Cepea 8 dias em R\$/15kg



Fonte: Cepea/Esalq

4. Perspectiva para a próxima safra

4.1. Análise do quadro de suprimento

A demanda assume na análise um papel de grande importância posto que o escoamento da produção é fundamental na formulação dos preços. Nesse sentido, a Conab espera que o consumo nacional não aumente mais que 3% em 2016, uma vez que essa análise assume que o investimento da indústria nacional não deverá seguir o desempenho da economia brasileira. Para esse estudo foi adotada uma expectativa de inflação ao final de 2016 de 5,59% a.a. e a Selic 11,50% a.a.. Por outro lado, é importante destacar que o setor têxtil reduziu seus investimentos em 2015, de maneira que, mesmo que a economia brasileira ainda esteja em movimento de ajuste, algum incremento deverá ocorrer no próximo ano.

Para realizar uma análise completa do quadro de oferta e demanda brasileiro, é necessário observar os detalhes do comércio internacional de algodão. Nota-se que o Brasil possui uma importante posição de fornecedor de pluma mundial e, como já destacado, cerca da metade da produção doméstica tem as exportações como destino final. Portanto, cabe aqui uma pequena discussão sobre a demanda internacional focada nos principais *players*.

O consumo mundial, segundo as estimativas do ICAC, deverá ser incrementado em singelo percentual de 2,3%. Essa estimativa considera que o incremento projetado pelos analistas no consumo indiano de 20,4% deverá ser suprido pela produção interna e pelos estoques daquele país. Desse modo, os maiores impactos na demanda mundial serão proporcionados pela redução de 10% das importações chinesas (passando de 1,8 milhões de toneladas em 2015, para 1,62 milhões de toneladas em 2016) e pelo aumento de 4,4% no consumo europeu (de 1,9 milhões de toneladas em 2015, para 1,65 em 2016).

A oferta mundial, por outro lado deverá cair 9% na safra 2015/16, como já informado nesse estudo. O principal vetor desse movimento de redução é a China que deverá reduzir sua produção em 16,5%, alcançando 5,41 milhões de toneladas produzidas na safra 2015/16, contra 6,5 milhões em 2014/15. Outro fator de queda da disponibilidade de pluma é a queda de produção projetada pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) para aquele país. Segundo o Departamento, a produção estadunidense deverá reduzir 20% na safra 2015/16, devido a problemas climáticos e plantio realizado fora da janela adequada. Os números esperados são de 2,8 milhões de toneladas produzidas, contra 3,6 milhões da safra 2014/15.

Neste cenário, é necessário destacar que ao longo dos últimos cinco anos o Brasil assumiu uma importante posição no abastecimento dos países asiáticos, como Indonésia, Coreia do Sul, China e Taiwan. Apenas esses quatro países responderam juntos por 67% das exportações brasileiras em 2014. Dessa forma, o desempenho econômico da Ásia e da indústria têxtil, bem como o comportamento do consumo desses países, se mostram como variáveis importantes ao avaliar a formação de preços da pluma brasileira. Assim sendo, causa apreensão o fato de que o aumento do consumo de fibra sintética nesses países se apresenta em uma trajetória sem volta, posto que os parques industriais se adaptaram à utilização desse tipo de fibra.

Além disso, a sinalização que o crescimento econômico Chinês apresenta sinais de esgotamento torna o cenário futuro do consumo de fibras naturais importadas daquele país ainda mais incerto. É importante lembrar que coaduna com esse cenário de queda de consumo asiático o fato de que a moeda chinesa desvalorizou muito em 2015, frente o dólar. Diante desse cenário internacional de retração, a Conab projeta que as exportações brasileiras tenham um desempenho inferior ao que será realizado em 2015.

4.2. Análise de rentabilidade

Uma avaliação da rentabilidade estimada para a safra 2014/15, em estática comparativa com as projeções de preço e custo para a safra 2015/16, demonstrou que, não obstante a receita ser incrementada pela desvalorização cambial, o aumento dos custos, em grande parcela dolarizados, impedirão que ganhos econômicos relevantes ocorram ao longo da safra vindoura.

Para definir a média Brasil foram utilizados os custos calculados pela Conab nos Estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e suas respectivas produtividades, além do volume efetivamente produzido em safras passadas. Após avaliações da topografia dessas regiões e análises climatológicas, a Companhia entende que a adoção da média ponderada pela produção dessas regiões atende com fidelidade o objetivo de avaliar o custo médio e a rentabilidade média da produção de algodão no país.

O resultado aponta para um ligeiro aumento nos indicadores projetados para 2015/16, em comparação ao estimado para 2014/15, todavia, serão mantidos os patamares similares. É destaque que o incremento na receita de 15,5% para a próxima safra é quase que inteiramente compensado pelo incremento de 14,02% nos custos variáveis. Dessa maneira, a previsão, *coeterius paribus*, de margem líquida para 2015/16 é de 9,2%, enquanto que a margem bruta sobre o custo variável é de 20%. Ver Tabela 3 para detalhes.

Tabela 3
Rentabilidade comparada

Descrição	2014/2015		2015/2016	
	R\$/ha	R\$/15kg	R\$/ha	R\$/15kg
Análise Financeira				
A - Receita Bruta	6.425,60	60,24	7.421,87	69,58
B - Despesas				
B1 - Despesas de Custeio (DC)	3.878,77	36,36	4.246,46	39,81
B2 - Custos Variáveis (CV)	5.207,94	48,82	5.937,96	55,67
B3 - Custos Operacionais (CO)	5.911,73	55,42	6.739,28	63,18
a - Margem Bruta s/ DC (A - B1)	2.546,83	23,88	3.175,41	29,77
b - Margem Bruta s/ CV (A - B2)	1.217,66	11,42	1.483,91	13,91
Margem Líquida s/ CO (A - B4)	513,87	4,82	682,59	6,40
Análise Quantitativa	kg/ha	15 kg/ha	kg/ha	15kg/ha
Ponto de equilíbrio s/ DC	966	64,39	915	61,03
Ponto de equilíbrio s/ CV	1.297	86,45	1.280	85,34
Ponto de equilíbrio s/ CO	1.472	98,14	1.453	96,86
Indicadores				
Margem Bruta (DC)/Receita	--	39,6%	--	42,8%
Margem Bruta (CV)/Receita	--	19,0%	--	20,0%
Margem Líquida (CO)/Receita	--	8,00%	--	9,2%
Produtos pluma		1.600 /ha		1.600 kh/ha

Fonte: Conab

Após a avaliação da oferta e demanda mundial, aliada às especificidades do mercado brasileiro, as projeções de preços para a safra 2015/16 apontam para uma significativa melhora da remuneração do cotonicultor no Brasil. Todavia, a necessidade de importar matéria-prima tornará o custo total da produção muito mais elevado. Além disso, o preço da energia elétrica e dos combustíveis exercerão maior pressão no custeio da lavoura e dos custos variáveis.

Face às análises acima apresentadas, a Conab acredita que o incremento da receita esperada pela produção de algodão, na safra 2015/16, em comparação ao recebido na safra 2014/15, será, em grande parcela, consumido pelo incremento nos custos, sendo necessário que o produtor brasileiro mantenha esforço extra quanto a minimizar seus custos na safra vindoura, apesar da expectativa de melhores preços.

Cabe ainda destacar que a indústria nacional não deverá realizar investimentos nem expandir sua atividade em 2016, além da recuperação do que foi reduzido em 2015 pela concorrência com as fibras sintéticas importadas, mas que perderão força com a desvalorização do real. Acrescenta-se a este fato a importância em observar que, o mercado chinês, outrora maior produtor e consumidor de algodão, demonstra clara tendência de desaquecimento já observado na queda dos índices precificados em Bolsa. Dessa maneira, é fundamental que o produtor de algodão observe essas variáveis no momento de decisão de investimentos e trace uma estratégia com vista aos novos mercados externos como sudeste asiático e Europa.

Enquanto países como a Indonésia e a Tailândia aumentam seu parque industrial, países europeus possuem maior preferência pela fibra natural.

ARROZ EM CASCA NATURAL

SÉRGIO ROBERTO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR



1. Introdução

Segundo os dados divulgados pelo Foreign Agricultural Service (FAS) do United States Department of Agriculture (USDA), é previsto o consumo, na safra 2015/16, no total de 2.049,8 milhões de toneladas de grãos no mundo. O arroz, na sua forma beneficiada, participará com 473,8 milhões de toneladas, ou 23,11% do quantitativo. Entre os produtos destinados à alimentação humana, é o segundo em importância, ficando atrás, apenas, do trigo. Em algumas partes do mundo, especialmente na Ásia, o arroz é base da alimentação de sua população.

O arroz, juntamente com o feijão, constitui o principal alimento do povo brasileiro. Tomando-se por base os dados do quadro de suprimento da Conab, e somando-se os dois produtos (arroz em casca e feijão), na safra 2014/15, o consumo deverá ser de 15,6 milhões de toneladas, ou seja, superior ao trigo, cuja previsão é o uso de 11,4 milhões de toneladas. Dada a sua relevância no abastecimento interno e na segurança alimentar da população, o arroz sempre teve grande importância na formulação e execução das políticas agrícolas e de abastecimento. É um dos produtos que o governo brasileiro tem dado maior atenção, de modo que quando ocorrem fatores conjunturais dentro do raio de ação dos instrumentos de apoio, o poder público tem sido bem presente.

2. Panorama internacional

Segundo os dados divulgados pelo FAS/USDA para a safra 2015/16, a produção mundial de arroz deverá ser de 706,38 milhões de toneladas base casca ou 480,34 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Para tanto, foram plantados 161,01 milhões de hectares, sendo esperada uma produtividade média de 4.387 kg/ha. Em comparação com a safra passada, haverá acréscimo na área destinada à orizicultura no mundo de 0,54% e incremento de 0,53% na produção, com uma produtividade do setor estável.

Acerca da demanda mundial, foi previsto consumo de 488,78 milhões de toneladas de arroz beneficiado e exportações de 41,24 milhões toneladas. Esses números representam, em relação à campanha anterior, aumento de 0,84% no consumo mundial e retração de 1,81% nas exportações. Haja vista que a produção e o consumo crescerão 4,06 milhões de toneladas e 4,09 milhões de toneladas, respectivamente, o déficit da safra será de 8,44 milhões de toneladas e refletirá na redução do mesmo volume do estoque final de passagem (-8,53% em relação ao anterior). Como resultado, a relação estoque/consumo ficará em 18,52%, valor inferior ao observado na última safra 2012/13 (20,42%).

A expressiva relação estoque/consumo da última safra é resultado da política intervencionista instaurada pelo governo tailandês ao longo dos últimos anos. Esta política baseia-se na formação de estoque de passagem, objetivando a elevação do preço do arroz tailandês no mercado internacional. Logo, o resultado dessas compras governamentais, no maior exportador mundial dos anos 2000, reverberou negativamente na oferta e no volume transacionado no comércio internacional do arroz. Outro efeito relevante foi o acréscimo da participação indiana no comércio internacional, fazendo da Índia o maior exportador mundial do produto nas safras 2011/12 (10,4 milhões de toneladas), 2012/13 (10,87 milhões de toneladas), 2013/14 (10,15 milhões de toneladas) e 2014/15 (10,20 milhões de toneladas). Para a atual safra 2015/16, o USDA estima uma retomada, por parte da Tailândia, da posição de maior exportador mundial, da qual a previsão de um volume transacionado de 10,20 milhões de toneladas. Em 2014, houve mudança de governo na Tailândia e subsequente alteração da política orizícola empregada nos últimos períodos.

Tabela 1 - Arroz beneficiado - balanço de oferta e demanda dos principais *players* mundiais ano safra 2013/14 a 2015/16 - em milhões de toneladas de arroz beneficiado

Safra	Eventos	Produtores		Exportadores			Importadores		Mundo
		China	Índia	Tailândia	Vietnã	EUA	Nigéria	Filipinas	
2013/2014	1 - Estoque inicial	46,83	47,83	12,81	0,86	1,16	1,49	0,89	110,66
	2 - Produção	142,53	106,54	20,46	28,16	6,12	11,81	2,77	478,18
	3 - Importação	4,02	0,00	0,30	0,30	0,73	1,20	2,80	38,38
	4 - Suprimento total (1+2+3)	193,38	154,37	33,57	29,32	8,01	14,50	6,46	627,22
	5 - Consumo	146,30	99,18	10,88	22,00	4,00	12,85	5,80	484,48
	6 - Exportação	0,26	10,15	10,97	6,33	2,99	0,00	0,00	41,72
	7 - Demanda total (5+6)	146,56	109,33	21,85	28,33	6,99	12,85	5,80	526,20
	8 - Estoque Final (4-7)	46,81	22,65	11,72	1,00	1,03	1,70	0,66	107,36
	9 - Relação estoque x consumo	32,00	22,84	107,72	4,55	25,75	13,23	11,38	22,16

continua.

Safr	Eventos	Produtores		Exportadores			Importadores		Mundo
		China	Índia	Tailândia	Vietnã	EUA	Nigéria	Filipinas	
2014/ 2015 (Estimativa)	1 - Estoque inicial	46,81	22,65	11,72	1,00	1,03	1,70	0,66	107,36
	2 - Produção	144,50	102,50	18,75	28,05	7,07	11,88	2,84	476,28
	3 - Importação	4,40	0,00	0,30	0,40	0,78	1,70	4,00	40,77
	4 - Suprimento total (1+2+3)	195,71	125,15	30,77	29,45	8,88	15,28	7,50	624,41
	5 - Consumo	148,40	99,35	11,70	21,90	4,13	13,20	6,40	484,69
	6 - Exportação	0,40	10,20	10,00	6,70	3,26	0,00	0,00	43,02
	7 - Demanda total (5+6)	148,80	109,55	21,70	28,60	7,39	13,20	6,40	527,71
	8 - Estoque Final (4-7)	46,91	15,60	9,07	0,85	1,48	2,08	1,09	98,95
	9 - Relação estoque x consumo	31,61	15,70	77,52	3,88	35,84	15,76	17,03	20,42
2015/2016 (Previsão)	1 - Estoque inicial	46,91	15,60	9,07	0,85	1,48	2,08	1,09	98,95
	2 - Produção	146,00	104,00	19,00	28,20	6,95	12,40	2,71	480,34
	3 - Importação	4,70	0,00	0,30	0,50	0,78	1,30	3,00	39,50
	4 - Suprimento total (1+2+3)	197,61	119,60	28,37	29,55	9,21	15,78	6,80	618,79
	5 - Consumo	151,00	99,50	12,00	22,00	4,17	13,25	6,00	488,78
	6 - Exportação	0,40	8,50	10,20	6,90	3,43	0,00	0,00	42,24
	7 - Demanda total (5+6)	151,40	108,00	22,20	28,90	7,60	13,25	6,00	531,02
	8 - Estoque Final (4-7)	46,21	11,60	6,17	0,65	1,50	2,53	0,80	90,51
	9 - Relação estoque x consumo	30,60	11,66	51,42	2,95	35,97	19,09	13,33	18,52

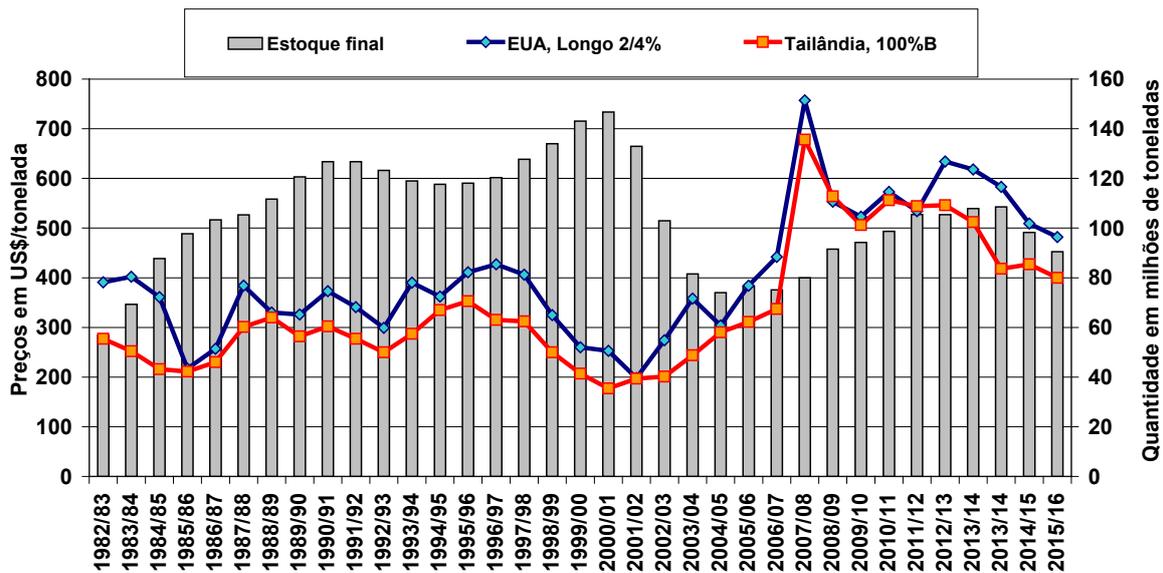
Fonte: Wasde Julho/2015 (www.fas.usda.gov, acessado em 12/08/2015)

Na Tabela 1, são mostrados os dados do quadro de suprimento para os principais *players* mundiais no mercado do arroz. A Índia, segundo maior exportador mundial e segundo maior produtor atual, sofrerá uma expansão na sua produção na safra 2015/16 de 1,50 milhões de toneladas e no consumo de 0,15 milhões de toneladas. As estimativas de exportação 8,50 milhões de toneladas, apesar de estarem abaixo da média dos últimos períodos, encontram-se acima do saldo positivo entre a produção e o consumo do grão de 4,50 milhões de toneladas. Com isso, haverá redução no volume indiano estocado em 4,0 milhões de toneladas, tendência esta já observada nas últimas safras. Na safra 2016/17, a previsão é que a participação indiana no mercado internacional se dilua em razão da impossibilidade de direcionamento de estoques de passagem para o comércio internacional. Ademais, o saldo entre a produção e o consumo não será suficiente para o país se manter entre os maiores exportadores de arroz.

Como informação relevante sobre o mercado do arroz indiano, cabe destacar que, após a crise dos preços dos alimentos e a forte preocupação com uma possível escassez de alimentos, observada no final de 2007 e início de 2008, o governo indiano proibiu a exportação de algumas variedades desse produto. Essa política foi adotada com o objetivo de garantir a segurança alimentar no país. Com o recuo das expectativas pessimistas, o governo indiano decidiu retirar esse veto de exportação, o que consequentemente corroborou para um aumento da participação indiana no comércio internacional.

A China, maior produtor mundial, não participa de forma ativa no comércio internacional, sendo a sua produção fortemente controlada pelo seu governo, que busca o equilíbrio entre a oferta e a demanda interna. Esse controle visa mitigar a dependência chinesa dos mercados externos, garantindo, juntamente com um alto estoque de passagem, a segurança no abastecimento do produto no país. No caso chinês, nos últimos anos, as importações e as exportações têm sido utilizadas como pequenos ajustes da demanda e da oferta do arroz.

Gráfico 1
Arroz beneficiado
relação entre estoques finais e preços internacionais



Fonte: USDA/FAS Agosto 2015 - preços Infoarroz até Jul 2015.

A correlação entre os estoques de passagem mundiais, a produção e os preços nas duas principais praças de formação de comércio externo do arroz é apresentada no Gráfico 1. De certa forma, pode-se afirmar que em momentos de estoques elevados e de produção similar ou superior ao da safra anterior, os preços tendem a sofrer decréscimos. É certo que existem vários fatores que interferem na formação dos preços de mercado de quaisquer produtos, como exemplo, pode-se citar o ocorrido no ano de 2008 no mercado do arroz, no qual existiam suspeitas de que haveria falta desse grão. Frente essas expectativas pessimistas, alguns países do leste asiático resolveram restringir as exportações, enquanto que outros buscavam antecipar suas compras externas. Como consequência, houve aumento exacerbado nos preços do produto, de modo que em maio chegaram a atingir a média de US\$ 1.024 por tonelada para o tailandês 100%B e de US\$ 988 por tonelada para o americano tipo 2, com 4% de quebrados. A partir de então, tendo o mercado percebido o equívoco, os preços recuaram de modo que em dezembro valiam US\$ 564/t (51,37%) e US\$ 553/t (65,99%) daqueles valores, respectivamente.

Após os eventos tratados anteriormente, os preços internacionais mostraram quão fracos estavam e iniciaram o movimento de queda, cujos menores preços, depois da safra 2007/08, foram US\$ 523 e US\$ 506 por tonelada para o arroz americano e tailandês, respectivamente, nas safras 2008/09 e 2009/10. Esse enfraquecimento se deu em razão da elevação do volume de estoques de passagem, com as safras produzindo quantidades suficientes para atender a demanda. Outro fator relevante na formação do preço é a forte concorrência no mercado asiático. Atualmente, observam-se preços deprimidos nos principais mercados, estando o arroz norte-americano cotado em US\$ 482/tonelada e o tailandês em US\$ 400/tonelada. Este resultado ilustra o insucesso da extinta política intervencionista do governo tailandês, vez que seu objetivo inicial era a valorização do arroz a patamares de US\$ 800 por tonelada. No mercado argentino, apesar da cotação ser mais elevada que a de outros mercados, o preço atual do arroz (US\$ 555/tonelada) representa uma baixa 12,80% na cotação do grão, em comparação com o mesmo período da última safra.

Tabela 2
Mercosul - quadro de oferta e demanda, em mil toneladas

Safr	Atributos	Territórios Regionais				
		Argentina	Brasil	Paraguai	Uruguai	Mercosul
2012/2013	Produção	1.560,0	11.819,1	400,0	1.360,0	15.139,1
	Consumo	661,5	11.544,1	29,9	85,7	12.321,2
	Exportação	809,2	1.220,6	544,8	1.341,4	3.916,0
	Estoque final	349,2	776,5	17,9	30,0	1.173,6
2013/2014	Produção	1.580,0	12.205,9	580,6	1.348,6	15.715,1
	Consumo	669,2	11.617,6	22,4	78,6	12.387,8
	Exportação	760,0	1.250,0	567,2	1.367,1	3.944,3
	Estoque final	552,3	964,7	14,9	28,6	1.560,5
2014/2015	Produção	1.550,8	12.205,9	800,0	1.460,0	16.016,7
	Consumo	676,9	11.617,6	29,9	78,6	12.403,0
	Exportação	861,5	1.176,5	597,0	1.357,1	3.992,2
	Estoque final	526,2	1.185,3	161,2	52,9	1.925,5
2015/2016	Produção	1.615,4	12.205,9	810,4	1.480,0	16.111,7
	Consumo	676,9	11.691,2	29,9	78,6	12.476,5
	Exportação	892,3	1.176,5	746,3	1.428,6	4.243,6
	Estoque final	580,0	964,7	198,5	25,7	1.768,9

Fonte: PSD on line ago. 2015. Disponível em: <<http://ers/usda.gov>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

Com base nos dados divulgados pelo FAS/USDA e expostos na Tabela 2, os países integrantes do Mercosul deverão produzir, na safra 2015/16, o total de 16,1 milhões toneladas de arroz em casca (evolução de 17,99% desde a safra 2006/07), sendo o Brasil responsável por 75,75% da produção do bloco. Argentina e Uruguai, segundo a estimativa, produzirão 1,6 milhão de toneladas e 1,5 milhão de toneladas, respectivamente. Estes países, na série histórica da balança comercial brasileira, se apresentam como importantes mercados importadores, suprindo, quando necessário, os déficits brasileiros entre a oferta e a demanda interna.

Mais recentemente, o Paraguai, com uma produção estimada de 0,8 milhão de toneladas para a próxima safra, apresenta-se como principal exportador para o mercado brasileiro, comercializando no último período comercial 434,2 mil toneladas, o que representou 53,79% do total importado. O arroz paraguaio tem sido direcionado principalmente para atender parte da demanda das indústrias de beneficiamento localizadas na região Sudeste. Esta demanda brasileira por arroz paraguaio elevou-se, principalmente, em face do alto custo logístico de escoamento da produção da região Sul e dos preços paraguaios competitivos.

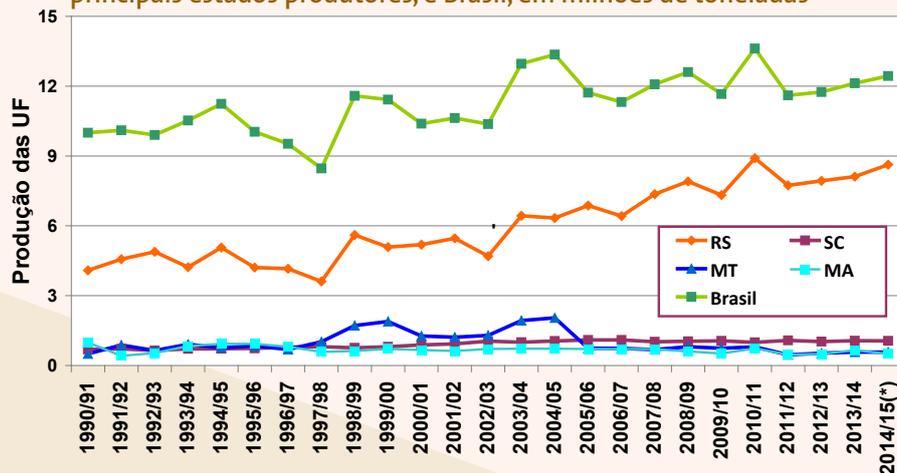
O Brasil destaca-se como o maior mercado consumidor, com uma demanda estimada de 11,7 milhões de toneladas. Os outros integrantes do Mercosul não possuem uma forte cultura de consumo do produto, sendo as suas produções, em grande parte, não destinadas ao consumo interno e sim ao mercado internacional (o Brasil é o mais importante destino). Sobre as exportações brasileiras, estimadas em 1,1 milhões de toneladas, o principal destino são países não pertencentes ao grupo, com destaque para algumas nações africanas, a Venezuela e alguns países centro-americanos. Por meio dos dados disponibilizados pelo Aliceweb/MDIC, para o atual período de comercialização entre os meses de março e julho de 2015, os preços efetivos médios de exportação (US\$ 519,77/tonelada) apresentaram-se superiores aos preços efetivos de importação (US\$ 501,90/tonelada).

As estimativas do USDA sobre estoques de passagem divergem das estimativas realizadas pela Conab para a safra 2014/15 (em +430,7 mil toneladas) e para a safra 2015/16 (em +310,1 mil toneladas) para o Brasil. Segundo aquela instituição, o estoque de passagem da próxima safra será de 0,9 milhões de toneladas. Essa redução do estoque final estimado ocorre em face do baixo volume de estoque público. Na ótica absoluta dos estoques argentino e paraguaio, ambos possuirão baixos números, porém, na ótica relativa (razão estoque/consumo), ambos possuirão elevados números.

3. Panorama Nacional

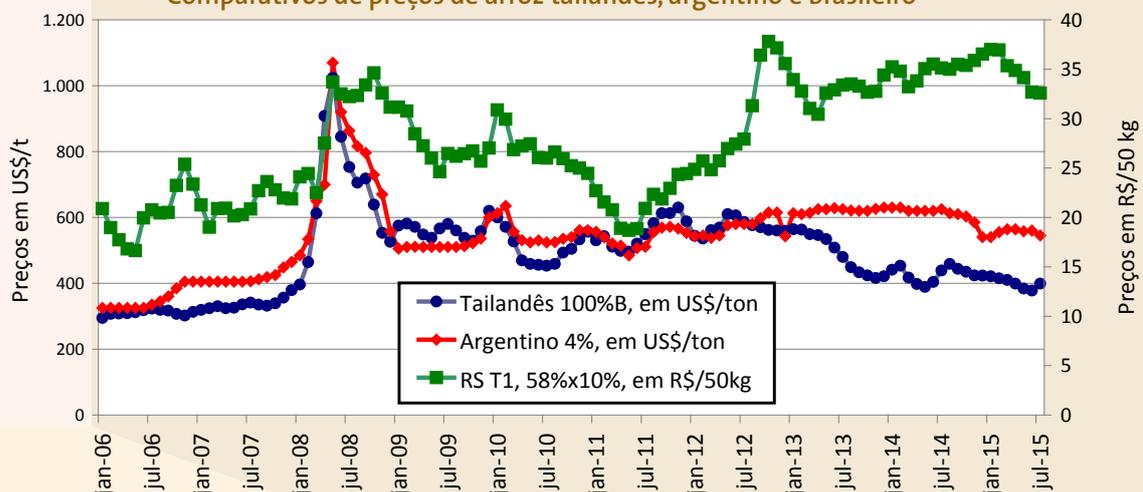
Analisando o mercado brasileiro no Gráfico 2, observa-se o crescimento apresentado pela orizicultura nos últimos anos. Entre as safras 1990/91 e 2014/15, a produção expandiu-se 24,36%, esta obtida com aumento da produtividade do setor. O grande impulsionador do crescimento do arroz no Brasil foi o Rio Grande do Sul, que aumentou em 111,21% sua produção entre as safras 1990/91 e 2014/15. Atualmente, o RS sozinho é responsável por volta de 2/3 de toda produção do grão no Brasil.

Gráfico 2
Arroz em casca
principais estados produtores, e Brasil, em milhões de toneladas



Fonte: Levantamento de Safras Conab (Agosto/2015)
Nota:(*) estimativa

Gráfico 3
Comparativos de preços de arroz tailandês, argentino e brasileiro



Fonte: Infoarroz e Siagro - Agosto-2015

Acerca dos preços, no Gráfico 3, são mostrados os comportamentos do arroz gaúcho, tailandês e argentino. Nota-se, pela análise gráfica, a pouca aderência dos preços internos aos das cotações internacionais analisadas. O mercado brasileiro apresenta certa independência às volatilidades internacionais, fato este comprovado pelo baixo índice de correlação de 0,27, quando analisados os preços nacionais com os preços tailandeses, ou seja, pouca aderência (quanto mais se aproximar de 1,0, maior é a aderência).

Já entre os mercados argentino e brasileiro, o índice melhora um pouco, chegando a 0,66. Porém, quando se calcula para o produto argentino em relação ao tailandês, a estatística passa para 0,78. Tal resultado é esperado, uma vez que ambos os países são atuantes no mercado internacional (tomadores de preço internacional), direcionando relevante parte de suas respectivas produções ao comércio internacional. O Brasil, todavia, direciona majoritariamente sua produção para o mercado interno, o que corrobora para a independência das cotações internas nacionais frente ao mercado internacional. Por outro lado, ao calcular a correlação dos preços tailandeses com a série de preços nacionais em dólar americano, observa-se uma correlação significativa de 0,83.

Ainda analisando o Gráfico 3, mais especificamente os preços no Rio Grande do Sul na safra 2011/12, os preços de mercado operaram abaixo do preço mínimo estabelecido. Esse desaquecimento foi essencialmente resultado do excesso de oferta na safra em questão. No período de comercialização da safra 2011/12, a cotação do arroz aqueceu, atingindo em meados de 2012 o patamar recorde de R\$ 38,19 por saco de 50 kg. Esta alta foi resultado da baixa produção da região Sul (Brasil), Uruguai e Argentina. Cabe ressaltar que os dois países destacados configuram como importantes supridores de oferta para o mercado brasileiro. Outro fator que exerceu pressão de alta nos preços foi a política de compras governamentais tailandesas.

A expressiva alta observada a partir de meados da safra 2012/13 foi parcialmente dissipada com o início da colheita. Todavia, essa tendência de queda foi revertida já no início da janela de análise da safra 2013/14. A formação de estoque do montante colhido por parte da cadeia produtiva, reduzindo a oferta do grão, em busca de preços atrativos na entressafra, foi fator significativo na antecipação da dinâmica de reversão de tendência dos preços. No período de entressafra 2012/13, as cotações continuaram em patamares elevados (média anual de R\$ 33,08/saco de 50kg no Rio Grande do Sul), porém estáveis. A definição de um preço de liberação de estoques públicos (PLE) de R\$ 33,28 por saco de 50kg no Rio Grande do Sul foi fator preponderante no comportamento dos preços, pois, balizou as expectativas dos atores do mercado orizícola. Comportamento similar de pouca oscilação e de preços remuneradores foi observado ao longo de todo período comercial da safra 2013/14.

4. Perspectiva para a próxima safra

Para a atual safra 2014/15, as cotações continuam acima dos preços mínimos em todos os estados. Entretanto, nos meses de maio e junho, observou-se um movimento de queda nas cotações da região Sul em virtude da retração do crédito disponibilizado ao setor. Ou seja, houve um deslocamento da usual sazonalidade negativa dos meses de março e abril para os meses de maio e junho. Hoje, no mercado ao produtor no Rio Grande do Sul, há poucos produtores dispostos a comercializarem aos preços vigentes, o que acarreta um baixo volume de comercialização. Ademais, o crescente volume de contratos de exportação firmados pelas indústrias de beneficiamento brasileiras corrobora com um aumento da demanda por grão em casca e com o subseqüente viés de alta no valor do produto para o segundo semestre.

Ao analisar a Tabela 3, de rentabilidade das diferentes culturas, com base no município de Sorriso/MT, observa-se que a previsão de rentabilidade (margem bruta/receita) do arroz de sequeiro para a próxima safra é estimada em um prejuízo de 1,89%. Na comparação com a rentabilidade da soja, que é estimada em um lucro de 32,26%, nota-se a grande disparidade de rentabilidade entre as culturas. Ou seja, utilizando o município de Sorriso como *proxy* para estas estimações, conclui-se que a forte concorrência da soja por área de plantio tem desestimulado o plantio de arroz nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Segundo o mesmo estudo, para que as rentabilidades de soja e arroz sejam equivalentes, é necessário que o preço do arroz esteja por volta de R\$ 60,50 (R\$/60kg). Na região Sul, a rentabilidade prevista para a safra 2015/16 do arroz irrigado é de um prejuízo de 1,89%, com base nos preços vigentes no município de Cachoeira do Sul, entretanto, esperam-se preços mais remuneradores para o próximo período comercial, o que possivelmente reverterá o prejuízo projetado no atual momento.

Tabela 3
Análise de rentabilidade entre produtos substitutos, em R\$ / hectare
(com base na produtividade efetiva com base nos levantamentos da Conab, em kg/ha e porcentagem)

Produtos	Arroz sequeiro - MT		Arroz irrigado - RS		Soja em grãos - MT	
	2014/15	2015/16	2014/15	2015/16	2014/15	2015/16
Safra						
Preço (R\$/50kg)	29,84	50,42	35,41	33,75	45,49	46,61
Produtividade do pacote (Kg/ha)	3.600	3.600	7.200	7.200	3.180	3.180
Análise financeira						
A - Receita bruta (I*II)	2.148,60	3.630,00	5.099,04	4.860,00	2.893,27	2.964,29
B - Despesas:						
B1 - Despesas de custeio (DC)	1.595,01	2.030,11	3.208,25	3.644,88	1.683,06	1.668,99
B2 - Custos variáveis (CV)	1.944,85	2.460,72	4.069,00	4.565,13	2.040,27	2.007,99
B3 - Custo operacional (CO)	2.516,26	3.105,93	4.564,57	5.100,53	2.183,22	2.158,61
a) Margem bruta s/ DV (A-B1)	553,59	1.599,89	1.890,79	1.215,12	1.210,21	1.295,30
b) Margem bruta s/ CV (A-B2)	203,75	1.169,28	1.030,04	294,87	853,00	956,30
c) Margem líquida s/ CO (A-B4)	-367,66	524,07	534,47	-240,53	710,05	805,68
Indicadores						
Receita sobre o custeio (A/B1)	1,35	1,79	1,59	1,33	1,72	1,78
Receita sobre o custo variável (A/B2)	1,10	1,48	1,25	1,06	1,42	1,48
Receita sobre o custo operacional (A/B3)	0,85	1,17	1,12	0,95	1,33	1,37
Margem bruta (DC)/receita (a/A)	25,77%	44,07%	37,08%	25,00%	41,83%	43,70%
Margem bruta (CV)/receita (b/A)	9,48%	32,21%	20,20%	6,07%	29,48%	32,26%
Margem líquida (CO)/receita (c/A)	-17,11%	14,44%	10,48%	-4,95%	24,54%	27,18%

Fonte: Sistema de custos Conab/Siagro

Por meio da análise da demanda por alimentos da população brasileira, o arroz apresenta-se como principal produto da base nutricional do indivíduo comum, estando presente na mesa de todas as camadas sociais. Por meio de diversos trabalhos acadêmicos, é evidenciada a elasticidade-renda negativa do produto, o que classifica o arroz como sendo um bem inferior. Ou seja, elevações no nível de renda influenciam na redução do consumo de arroz, pois ao terem maior disponibilidade de renda, os agentes demandantes alteram seus hábitos alimentares, passando a consumir outros alimentos (especialmente comidas rápidas e massas).

Para o próximo período comercial, estima-se que o país terá uma taxa de crescimento menor que o previsto anteriormente, de modo que o boletim focus do Banco Central do Brasil (Bacen) indica uma retração do Produto Interno Bruto (PIB) em mais 2% para 2015. Este resul-

tado refletirá na demanda interna de arroz, que se manterá, possivelmente, nos níveis atuais (em torno de 12 milhões de toneladas). Cabe destacar, todavia, que o comportamento dos preços do arroz e de seus bens substitutivos é variável fundamental na determinação da demanda nacional de arroz. Logo, apesar de não haver indícios de que estes fatores irão influenciar na comercialização do produto, expressivas variações desses podem alterar a previsão de consumo do grão.

Outro fator que pode influenciar na demanda total do setor é o comportamento do mercado externo. A taxa de câmbio encontra-se, no presente momento, desvalorizada em relação à série histórica dos últimos anos. Para o final do ano, a previsão do Bacen é de 3,40 R\$/US\$, o que exercerá pressão por saldos positivos na balança comercial. Para a semana de 10/08/2015 até 14/08/2015, o câmbio estava cotado em R\$ 3,4899/US\$, valor este que reverbera em ganho de competitividade do produto nacional. Em suma, nos cinco primeiros meses de análise do período comercial 2015/16, março/15 até julho/15, o superávit identificado foi de 254,6 mil toneladas.

Visto que o mercado externo ainda é muito reduzido se comparado com o mercado nacional, o volume produzido internamente atua como o fator mais relevante na determinação dos preços nacionais. Desta forma, uma oferta mais abundante do setor redundará, seguramente, em preços deprimidos. Ou seja, fatores como variações climáticas e incidência de pragas, por influírem na quantidade produzida, possuem significativa importância na definição do preço de mercado vigente. Para a safra 2015/16, o fenômeno El Niño será variável preponderante no volume produzido de arroz no Brasil.

Pelo lado da demanda para o período de comercialização da safra 2015/16, pode-se estimar que o consumo, como já ressaltado anteriormente, deverá ser igual ao da safra presente, ou seja, 12,0 milhões de toneladas base casca, incluindo perdas, consumo humano e industrial e sementes. Com relação às exportações brasileiras, estima-se que essas se acomodem em 1,25 milhão de toneladas, considerando que o arroz é um produto de tradição e o industrial brasileiro mantenha os mercados conquistados, pelo menos os mais tradicionais.

Pelo lado da oferta, o presente momento de menor liquidez é devido ao comportamento dos produtores em reter parte do montante colhido, visando à busca de preços mais remuneradores. Todavia, a produção da safra 2014/15 de 12.432 mil toneladas, segundo o décimo primeiro levantamento da Conab, é superior em 2,6% à passada. Logo, em virtude da menor disponibilidade estocada pelo setor privado e da atual cotação do produto (R\$ 33,05), projeta-se para esse segundo semestre baixa variância das cotações do grão com um ameno viés de alta. Fundamenta-se esse resultado no leve desequilíbrio entre o ímpeto ofertante e o ímpeto demandante para a atual entressafra em virtude da provável expansão dos contratos de exportação e da manutenção do consumo interno. Outra variável de influência no comportamento dos preços internos é o preço de paridade do arroz internacional. No atual momento, o preço de paridade do arroz tailandês encontra-se em R\$ 52,23 por saco no Rio Grande do Sul, o que corrobora com a perspectiva de valorização do produto no curto e médio prazo.

Para o próximo período comercial 2015/16, projetam-se uma área plantada constante e uma produção ligeiramente inferior à atual, face à expectativa de influência do fenômeno El Niño nas regiões produtoras e à provável redução do nível tecnológico empregado nas lavouras em face do aumento dos custos. Ainda sobre a produção, estima-se um volume que proporcione um equilíbrio entre a oferta e a demanda, desconsiderando nessa estimativa a influência

de fatores exógenos. Caso a produção ultrapasse o volume de 13,0 milhões de toneladas, como observado na safra 2010/11, haverá seguramente uma maior pressão de baixa sobre os preços estimados.

Ao ponderar todas as variáveis de influência expostas ao longo deste estudo, o volume de estoque público de passagem de 125,8 mil toneladas e a sazonalidade histórica do mercado em questão, é esperado um preço médio do arroz no Rio Grande do Sul em Santa Catarina de R\$ 34,50 por saco de 50kg, para o início do próximo período de comercialização da safra 2014/15. Como apoio a essa projeção, foi desenvolvido um estudo utilizando o Capital Asset Pricing Model (CAPM), no qual o modelo para o mercado nacional de arroz foi estabelecido como:

$$E(R_i) = \text{Taxa Selic} + \text{Beta} \times (\text{Retorno do Ibovespa} - \text{Taxa Selic})$$

Sendo Beta igual à covariância entre o retorno do Ibovespa e o retorno do mercado de arroz dividido pela variância do Ibovespa. Para o cálculo da rentabilidade histórica do setor, foram utilizadas séries de dados de custo de produção, disponibilizadas pela Conab e os preços de mercado (média do Rio Grande do Sul) disponibilizados pelo Siagro/Conab.

Como resultado do CAPM, encontra-se que o retorno ajustado ao risco tomado pelo orizicultor para o arroz é de 15,36%a.a.. Com isso, dado que o atual custo variável do saco de 50kg de arroz em casca é de R\$ 31,67, aplica-se esta rentabilidade no custo citado, chegando a um valor de R\$ 36,54 por saco. O valor encontrado no CAPM é a cotação no qual o retorno desse produto é condizente com os riscos assumidos pelo setor. Logo, o preço de equilíbrio desazonalizado – para março e abril de 2015 – foi estimado em R\$ 34,07 e R\$ 34,56 respectivamente, o que corrobora com a projeção de R\$ 34,50 realizada neste trabalho para o início do próximo período de comercialização.

5. Considerações finais

A produção de arroz compete intensamente com a soja, principalmente no Centro-Oeste brasileiro. Na atual conjuntura, a consistente demanda internacional e os preços atrativos da soja atuaram, ao longo dos últimos anos, como variáveis inibidoras na expansão da orizicultura. Diferentemente do mercado de soja, o arroz possui mais de 90% de sua demanda concentrados dentro do próprio país, sendo o mercado internacional de relevância reduzida na formação dos preços internos.

Nas últimas safras, todavia, houve um esforço maior por parte da cadeia produtiva na promoção do arroz brasileiro no âmbito internacional, fato este que garantiu para o produtor mais um canal de comercialização do produto colhido. Somado a isso, o produtor gaúcho diversificou a produção e conseqüentemente a geração de renda ao destinar antigas áreas de arroz para o plantio da soja. O desenvolvimento tecnológico adaptativo das sementes de soja para a região Sul foi fundamental nesse processo.

Em suma, o produtor gaúcho com a diversificação na formação de seu fluxo de caixa, garantiu um maior poder de negociação com o mercado atacadista e varejista, o que represen-

tou em ganho de margem pelos produtores nos últimos dois anos. No atual momento, entretanto, a estabilidade do preço do arroz no varejo tem atuado como barreira para o repasse dos recentes aumentos dos custos de produção para o preço ao produtor. Logo, com base na expectativa para 2015 do índice IPCA de inflação de 9,27% do boletim Focus do Bacen, é esperado que os preços no varejo aumentem e reverberem sobre os preços no atacado e ao produtor. Caso contrário, os produtores e atacadistas sofrerão grande pressão por parte dos varejistas para manutenção dos antigos patamares de preço, o que refletirá em redução da rentabilidade, se comparada aos últimos períodos comerciais.

CARNES

WANDER FERNANDES DE SOUSA



1. Introdução

O Brasil segue como um dos principais atores do mercado internacional, destacando-se dentre os maiores produtores de carnes no mundo. A Tabela 1 mostra o *ranking* brasileiro na produção, consumo e exportação de carne bovina, de frango e suína, frente ao mercado mundial. A receita estimada para 2015 com as exportações de carnes é da ordem de US\$ 14,4 bilhões.

Tabela 1
Brasil - participação no suprimento mundial de carnes - 2015

	Bovino	Frango	Suíno
Produção	2°	2°	4°
Consumo	2°	4°	5°
Exportação	1°	1°	4°

Fonte: USDA - abr/2015

Cumpre destacar que o setor de carnes é também importante elo na cadeia produtiva de grãos, uma vez que consome significativa parte da produção de milho e farelo de soja, principais componentes da ração animal.

O país, como maior exportador mundial de carne bovina e de frango, tem o reconhecimento do mercado internacional relativamente à qualidade e sanidade do produto. A agroindústria nacional utiliza as melhores tecnologias disponíveis, assegurando aos consumidores produtos de qualidade a preços competitivos.

O mercado interno também tem grande expressividade no consumo de carnes, considerando que cerca de 70% da produção de carne de frango é consumida internamente. Já para as carnes bovina e suína, o consumo interno é de cerca de 78% e 85% da produção, respectivamente.

2. Mercado internacional

2.1. Oferta e demanda

Os dados divulgados em abril de 2015 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam que a produção mundial de carne bovina neste exercício deverá apresentar uma redução em relação ao ano de 2014, conforme se observa na Tabela 2. Essa redução é justificada pelo ciclo pecuário, com recomposição do rebanho nos principais países produtores.

O consumo mundial apresenta desempenho similar, uma vez que no setor de carnes a produção é bem ajustada ao consumo em razão dos altos custos de armazenamento.

O fluxo de comercialização mundial deverá se manter próximo aos níveis observados em 2014, de acordo com os dados da Tabela 2.

Tabela 2
Suprimento mundial de carne bovina
(em 1000 t equivalente carcaça)

	2012	2013	2014	2015Out*	Variação		
					2012/13	2013/14	2014/15
Produção	58.511	59.512	59.690	58.739	1,7%	0,3%	-1,6%
Consumo	57.032	57.818	57.629	56.884	1,4%	-0,3%	-1,3%
Exportação	8.138	9.126	10,003	9.943	12,1%	9,6%	-0,6%
Importação	6.680	7.484	7.890	8.049	12,0%	5,4%	2,0%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA - abr/2015

É importante ressaltar que o Brasil deverá, neste ano, recuperar a liderança perdida, para a Índia em 2014, de maior exportador de carne bovina. Segundo os dados divulgados pelo USDA, a Índia vem conquistando, nos últimos anos, expressiva fatia do mercado mundial de carne bovina (Tabela 3).

Tabela 3
Exportações mundiais de carne bovina
(em 1000 t equivalente carcaça)

Países	2012	2013	2014	2015Out*	Variação		
					2012/13	2013/14	2014/15
1 Brasil	1.524	1.849	1.909	2.235	21,3%	3,2%	17,1%
2 Índia	1.411	1.765	2.082	1.950	25,1%	18,0%	-6,3%
3 Austrália	1.407	1.593	1.851	1.590	13,2%	16,2%	-14,1%
4 USA	1.112	1.175	1.167	1.145	5,7%	-0,7%	-1,9%
5 Nova Zelândia	517	529	579	575	2,3%	9,5%	-0,7%
6 Uruguai	360	340	350	435	-5,6%	2,9%	24,3%
7 Paraguai	251	326	389	395	29,9%	19,3%	1,5%
8 Canadá	335	332	378	355	-0,9%	13,9%	-6,1%
9 Bielorrússia	156	220	196	250	41,0%	-10,9%	27,6%
10 União Europeia	296	244	301	245	-17,6%	23,4%	-18,6%
11 México	200	166	194	185	-17,0%	16,9%	-4,6%
12 Outros	569	587	607	583	3,2%	3,4%	-4,0%
13 Total	8.138	9.126	10.003	9.943	12,1%	9,6%	-0,6%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA - abr/2015

O produto indiano tem origem basicamente em carnes de búfalo, com um rebanho de cerca de 105 milhões de cabeças (57% do rebanho mundial), sendo o abate permitido somente para touros e novilhas não produtivas. As exportações de carne de búfalo aumentaram significativamente, devido à crescente demanda por carne bovina que não foi suprida pelos exportadores tradicionais nos últimos anos, em função das secas, da queda no tamanho do rebanho e da crise financeira.

O abate de bovinos não é aceito pela religião hindu, que associa as vacas com santidade. Somente a população não hindu (cerca de 20%) consome carne de búfalos.

O governo indiano tem um agressivo programa de incentivo à produção e melhoria genética, com vistas à exportação de carne de búfalos, prestando assistência técnica e distribuição pública subsidiada de serviços veterinários. Contudo, a Índia ainda não é um país livre de febre aftosa, o que limita o alcance de mercado da indústria, restringindo a demanda para regiões emergentes, sensíveis a preços. Com isso, embora ainda não tenha adquirido um grau de excelência em qualidade para atingir os mercados mais exigentes, abastece boa parte do sudeste da Ásia, Oriente Médio e África do Norte, a preços muito competitivos. As exportações são unicamente permitidas na forma desossada.

Tendo em vista as projeções de redução das exportações em 2015 da própria Índia, dos EUA e da Austrália, boa parcela do mercado internacional pode ser suprida pelo produto brasileiro, como se observa na Tabela 3.

Assim, o USDA estima que o Brasil poderá fechar 2015 com um volume exportado de cerca de 2.235 toneladas, 17% a mais que o volume exportado em 2014 – 1.909 toneladas.

No caso da carne de frango, o USDA prevê um modesto aumento de 1,2% na produção mundial em 2015 comparativamente a 2014 (Tabela 4).

Tabela 4
Suprimento mundial de carne de frango
(em 1000 t)

	2012	2013	2014	2015Out*	Variação		
					2012/13	2013/14	2014/15
Produção	83.416	84.606	86.348	87.385	1,4%	2,1%	1,2%
Consumo	81.776	83.091	84.668	85.112	1,6%	1,9%	0,5%
Exportação	10.088	10.255	10.489	10.928	1,7%	2,3%	4,2%
Importação	8.543	8.681	8.843	8.662	1,6%	1,9%	-2,0%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA - abr/2015

O Brasil continua liderando as exportações mundiais de carne de frango, com cerca de 3.825 toneladas em 2015, seguido muito de perto pelos EUA, que deverão fechar o ano com 3.341 toneladas exportadas, também de acordo com os dados do USDA (Tabela 5).

A estimativa de crescimento das exportações brasileiras pelo USDA, da ordem de 7,5% em 2015, deve-se, sobretudo, à redução das exportações da União Europeia. Assim, espera-se que, no segundo semestre, haja uma reação positiva para as exportações brasileiras, de forma a se alcançar esse patamar.

Tabela 5
Exportações mundiais de carne de frango
(em 1000 t)

Países	2012	2013	2014	2015Out*	Variação		
					2012/13	2013/14	2014/15
1 Brasil	3.508	3.482	3.558	3.825	-0,7%	2,2%	7,5%
2 USA	3.300	3.332	3.313	3.341	1,0%	-0,6%	0,8%
3 União Europeia	1.094	1.083	1.134	1.100	-1,0%	4,7%	-3,0%
4 Tailândia	538	504	546	570	-6,3%	8,3%	4,4%
5 China	411	420	430	460	2,2%	2,4%	7,0%
6 Turquia	284	337	379	420	18,7%	12,5%	10,8%
7 Argentina	295	334	278	375	13,2%	-16,8%	34,9%
8 Ucrânia	75	141	167	190	88,0%	18,4%	13,8%
9 Canadá	141	150	137	155	6,4%	-8,7%	13,1%
10 Bielorrússia	105	105	113	130	0,0%	7,6%	15,0%
11 Chile	93	88	87	90	-5,4%	-1,1%	3,4%
12 Outros	244	279	347	272	14,3%	24,4%	-21,6%
13 TOTAL	10.088	10.255	10.489	10.928	1,7%	2,3%	4,2%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA - abr/2015

Quanto à carne suína, o USDA estima que a produção mundial em 2015 deverá crescer por volta de 1,1%, em relação a 2014 (Tabela 6).

Tabela 6
Suprimento mundial de carne suína
(em 1000 t equivalente carcaça)

	2012	2013	2014	2015Out*	Variação		
					2012/13	2013/14	2014/15
Produção	106.950	108.821	110.476	111.735	1,7%	1,5%	1,1%
Consumo	106.342	108.361	109.954	111.063	1,9%	1,5%	1,0%
Exportação	7.268	7.029	6.887	7.196	-3,3%	-2,0%	4,5%
Importação	6.858	6.595	6.363	6.322	-3,8%	-3,5%	-0,6%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA - abr/2015

Embora a carne suína seja a mais consumida no mundo, o Brasil figura como o quarto maior exportador e em quantidades bem mais modestas que os três maiores exportadores (Tabela 7).

As exportações brasileiras de carne suína correspondem a aproximadamente um terço do volume exportado pelos EUA ou pela União Europeia, os dois maiores exportadores mundiais. As exportações de carne suína brasileira ainda são bastante concentradas para a Rússia e Hong Kong – cerca de 65% do volume exportado – fato que traz muita instabilidade aos produtores nacionais.

Embora o USDA indique para 2015 um aumento de 25,9% nas exportações de carne suína, os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) apontam para um crescimento de cerca de 3% no período de janeiro a julho/2015, comparativamente ao mesmo período de 2014. O setor espera uma reação positiva no segundo semestre, podendo alcançar um incremento de 2% em relação a 2014.

Tabela 7
Exportações mundiais de carne suína
(em 1000 t equivalente carcaça)

Países	2012	2013	2014	2015Out*	Variação		
					2012/13	2013/14	2014/15
1 USA	2.440	2.264	2.204	2.381	-7,2%	-2,7%	8,0%
2 União Europeia	2.165	2.227	2.177	2.200	2,9%	-2,2%	1,1%
3 Canadá	1.243	1.246	1.219	1.180	0,2%	-2,2%	-3,2%
4 Brasil	661	585	556	700	-11,5%	-5,0%	25,9%
5 China	235	244	277	300	3,8%	13,5%	8,3%
6 Chile	180	164	163	160	-8,9%	-0,6%	-1,8%
7 México	95	111	117	125	16,8%	5,4%	6,8%
8 Vietnã	36	40	40	40	11,1%	0,0%	0,0%
9 Austrália	36	36	37	37	0,0%	2,8%	0,0%
10 Bielorrússia	104	74	25	30	-28,8%	-66,2%	20,0%
11 Sérvia	6	4	25	7	-33,3%	525,0%	-72,0%
12 Outros	67	34	47	36	-49,3%	38,2%	-23,4%
13 TOTAL	7.268	7.029	6.887	7.196	-3,3%	-2,0%	4,5%

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA - abr/2015

China, União Europeia e EUA - além de serem os maiores produtores - são os maiores consumidores mundiais de carne suína. Contudo, o acesso a esses mercados continua bastante restrito, protegido fortemente por barreiras sanitárias.

3. Mercado nacional

3.1. Oferta e demanda

Os dados de abate bovino divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, relativos ao primeiro trimestre de 2015, apontam para este ano uma redução no volume de carne a ser produzida da ordem de 10%. Contudo, considerando que a demanda aumenta sazonalmente no segundo semestre do ano, estima-se que essa redução seja um pouco menor. A queda na oferta e a demanda fraca, combinadas com preços elevados, inibem o consumo. Por outro lado, o desempenho das exportações, até julho deste ano, aponta para uma redução de volume, também da ordem de 10% em relação a 2014 (Tabela 8), fato este que contraria as estimativas do USDA apresentadas na Tabela 3.

Tabela 8
Carne bovina

Ano	2011	2012	2013	2014*	2015*
Rebanho (1.000 cabeças)	212.815,3	211.279,1	211.764,3	211.019,0	210.133,4
Produção de carne (1.000 t equiv. carcaça)	8.448,4	8.751,7	9.601,9	9.061,8	8.080,0
Importação (1.000 t equiv. carcaça)	44,8	60,1	57,1	76,8	65,3
Exportação (1.000 t equiv. carcaça)	1.494,6	1.684,4	2.007,3	2.057,5	1.851,8
Disponibilidade interna (1.000 t equiv. carcaça)	6.998,6	7.127,4	7.651,7	7.081,1	6.293,5
População (milhões de habitantes)	197,40	199,24	201,03	202,77	204,45
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab./ano)	35,5	35,8	38,1	34,9	30,8

Legenda: * Estimativa

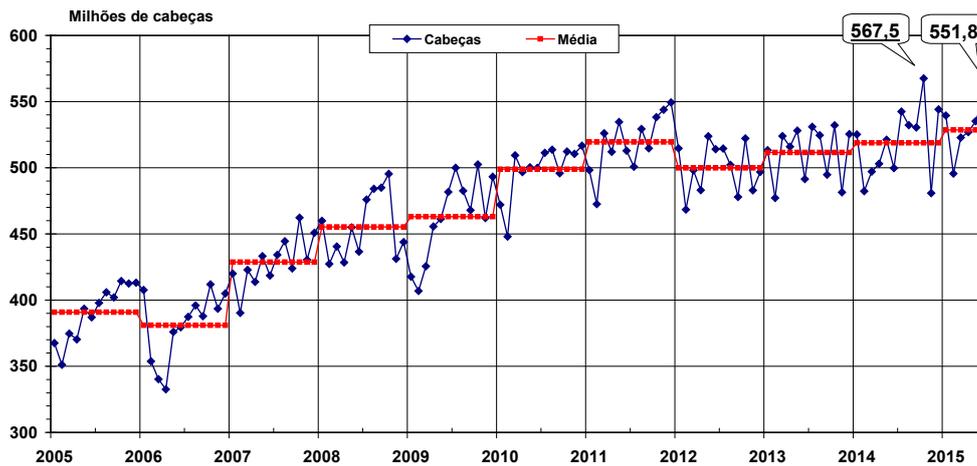
Fonte: 1) Rebanho: IBGE e mercado ; 2) Exportação e Importação: SECEX; 3) População: IBGE.

A disponibilidade de carne bovina *per capita* em 2015 indica uma redução de aproximadamente 4kg/habitante/ano. Assim, estima-se que a disponibilidade *per capita* poderá situar-se em torno de 30,8kg/habitante/ano.

No tocante à carne de frango, verifica-se que após longo período de crescimento, o alojamento de pintainhas estabilizou-se na casa dos 500 milhões de cabeças/mês desde 2010, desacelerando o ritmo de crescimento médio anual, como pode ser observado no Gráfico 1.

Em razão do curto ciclo de produção, os volumes disponibilizados ao mercado permitem ajustes rápidos ao consumo, fator esse que limita a expansão da oferta, eliminando os reflexos negativos nos preços.

Gráfico 1
Brasil - alojamento de pintos de corte



Fonte: Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte - APINCO

A avicultura de corte poderá fechar 2015 com incremento nos níveis de produção da ordem de 3,4% em relação a 2014 (Tabela 9). O consumo *per capita* aponta para 44,8kg/habitante/ano.

Tabela 9
Avicultura de corte

	2011	2012	2013	2014*	2015*
Alojamento de pintos de corte (milhões de cabeças)	6.232,6	5.998,7	6.138,9	6.226,3	6.465,3
Produção de carne de frango (1.000 t)	12.863,2	12.645,1	12.281,1	12.875,7	13.318,2
Exportação (1.000 t)	3.942,6	3.917,6	3.891,7	3.995,2	4.165,6
Disponibilidade interna (1.000 t)	8.920,6	8.727,5	8.389,4	8.880,5	9.152,6
População (milhões de habitantes)	197,40	199,24	201,03	202,77	204,45
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab./ano)	45,2	43,8	41,7	43,8	44,8

Legenda: * Estimativa

Notas: 1) O alojamento, e não a produção de pintos de corte, reflete o plantel que irá produzir carne;
2) Produção. Fonte: Assoc. Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte - APINCO;
3) Exportação. Fonte: SECEX; 4) População. Fonte: IBGE.

A carne suína poderá ter redução no volume de produção de cerca de 3% em 2015 (Tabela 10). O volume de exportações no primeiro semestre de 2015 teve uma redução da ordem de 5%. O fraco desempenho das exportações no primeiro semestre deste ano, a concentração de mercados e a dificuldade de acesso a novos mercados afetam o crescimento dos níveis de produção. O ciclo produtivo, bem mais longo que o do frango (cerca de 170 dias), dificulta o planejamento do volume de alojamento para ajuste da oferta à demanda, diante de um cenário futuro incerto.

Tabela 10
Carne suína

Ano	2011	2012	2013	2014*	2015*
Rebanho (1.000 cabeças)	39.307,3	38.795,9	36.743,6	35.672,0	34.766,0
Produção de carne (1.000 t equiv. carcaça)	3.397,8	3.488,4	3.428,6	3.257,2	3.159,5
Importação (1.000 t equiv. carcaça)	11,0	13,3	12,2	15,4	17,6
Exportação (1.000 t equiv. carcaça)	534,6	590,4	528,3	504,8	499,2
Disponibilidade interna (1.000 t equiv. carcaça)	2.874,2	2.911,2	2.912,5	2.767,8	2.677,9
População (milhões de habitantes)	197,40	199,24	201,03	202,77	204,45
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab./ano)	14,6	14,6	14,5	13,6	13,1

Legenda: * Estimativa

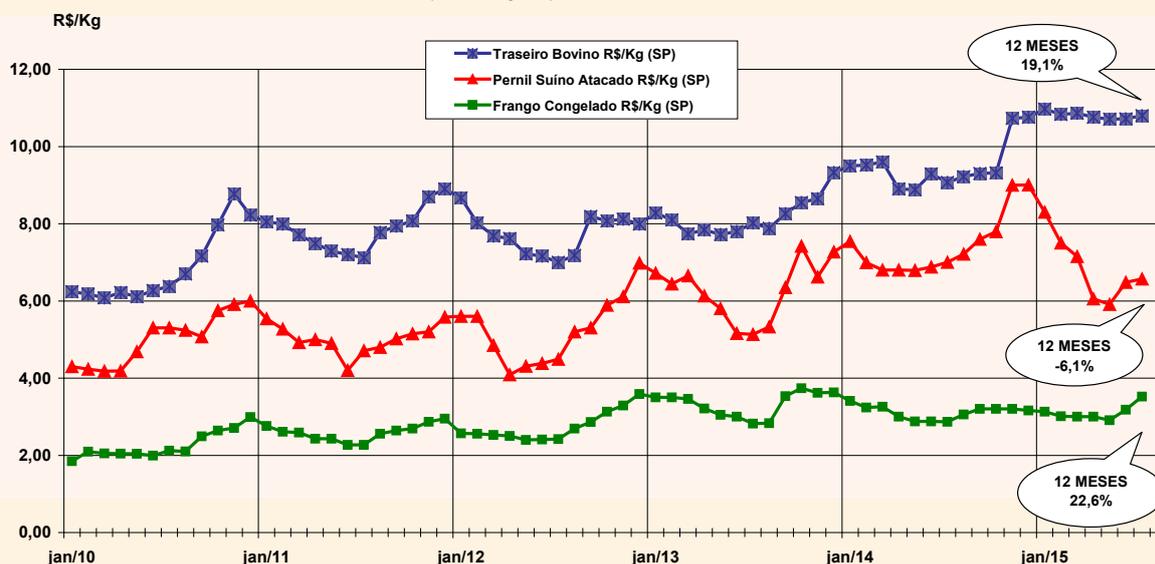
Notas: 1) Rebanho. Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal;
2) Exportação e Importação. Fonte: SECEX;
3) População. Fonte: IBGE;
4) Produção de carne: ABIPECS.

O setor produtivo segue em seu esforço na difusão do aumento do consumo interno de carne suína, por meio do programa denominado PNDS (Projeto Nacional de Desenvolvimento da Suinocultura), cujos objetivos são: a modernização da comercialização da carne suína e a generalização de boas práticas de produção da granja à mesa, que contribuem para consolidá-la como um produto saudável e nutritivo, produzido de forma tecnicamente correta, socialmente justa e ambientalmente responsável. A comercialização em cortes embalados à vácuo nas gôndolas dos supermercados, como ocorre com a carne de frango, contribui para o aumento desse consumo.

3.2. Preços

O Gráfico 2 mostra o desempenho dos preços nominais das carnes no atacado, desde 2010. Como se observa, o preço do corte traseiro bovino teve uma elevação de 19,1% e o frango congelado, 22,6%, no período acumulado de agosto/2014 a julho/2015. Já o pnil suíno apresentou queda de 6,1% neste mesmo período.

Gráfico 2
Brasil - evolução de preços nominais de carne - atacado



Convém destacar que o atual período (mês de julho) é historicamente de preços mais baixos, todavia, com tendência de elevação, atingindo o pico no mês de dezembro.

Já os preços reais ao consumidor, deflacionados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), demonstram um acréscimo para a carne bovina de 8,9% no período acumulado de agosto de 2014 a julho 2015, como se vê no Gráfico 3.

Os preços internos encontram-se em patamares elevados, sustentados por uma oferta ajustada ou mesmo restrita em determinados momentos, uma vez que o pecuarista tem a opção de manter o boi no pasto por algum tempo como forma de pressionar preços, sem impactos significativos nos custos.

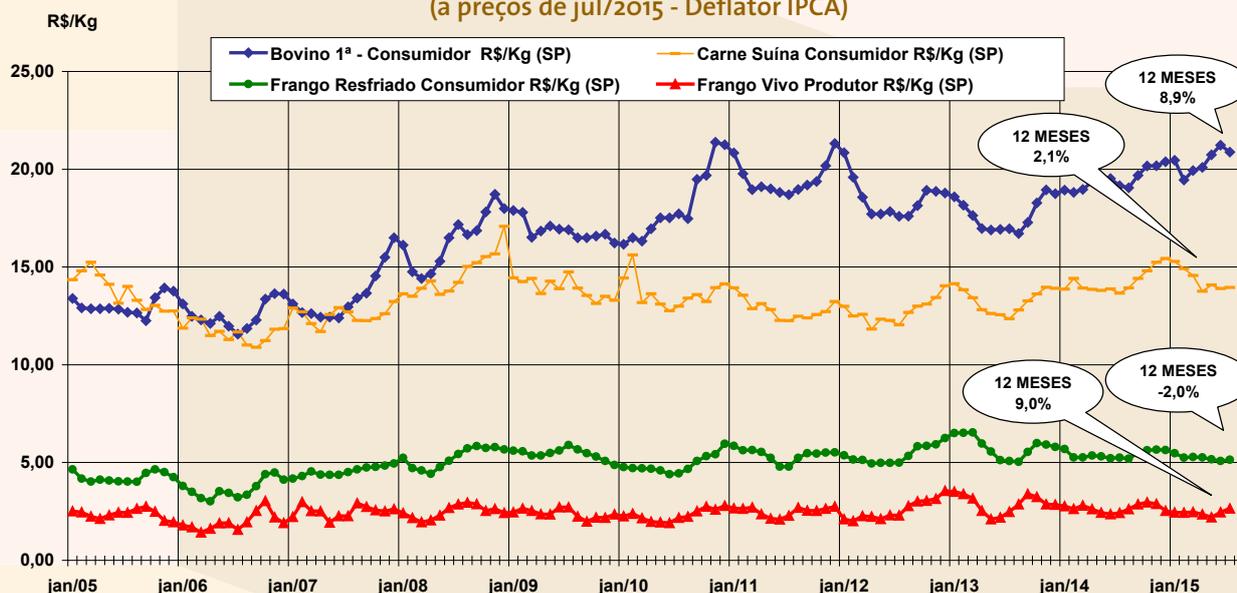
Até 2013, observou-se um comportamento sazonal de queda de preços da carne bovina, em termos reais, no primeiro semestre e elevação no segundo. A partir de 2014, esse comportamento de preços altera-se para a estabilidade de preços em patamares elevados no primeiro semestre, com aumento de preços no segundo semestre.

Essa mudança de comportamento de preços em 2014 pode ser explicada pela redução dos abates bovinos (Gráfico 4) no mesmo período, reduzindo a oferta. Esse fato é agravado pela participação de fêmeas em torno de 40% do total de abates, nos últimos anos.

A carne suína aumentou 2,1%, em termos reais, no período de agosto/2014 a julho/2015, com preços reais aos níveis praticados em 2009/2010, após um esforço do setor para o ajuste da oferta.

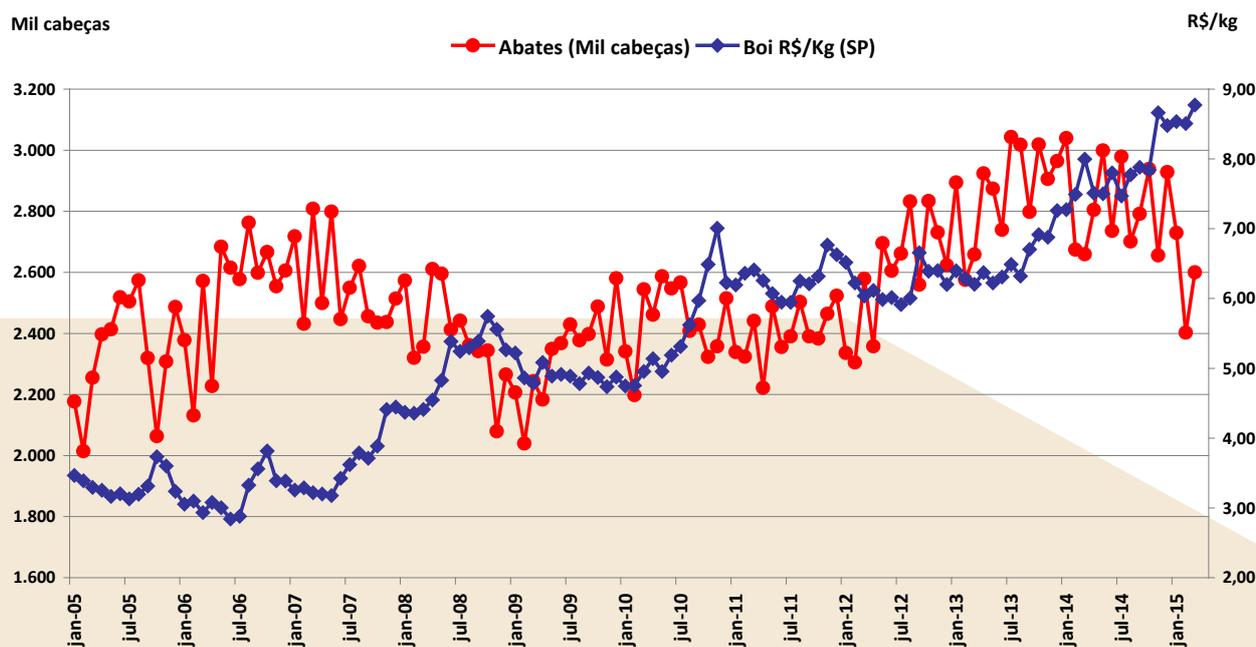
A carne de frango caiu 2%, nesse mesmo período, resultado de mais um ano difícil para a expansão de mercado, tanto interno quanto externo. Mesmo assim, observa-se relativa estabilidade de preços reais, comparativamente às carnes concorrentes.

Gráfico 3
Brasil - evolução de preços reais da carne - consumidor
(a preços de jul/2015 - Deflator IPCA)



Fonte: DIEESE, IEA-SP e Safras&Mercados

Gráfico 4
Evolução do preço do boi e dos abates



3.3. Importação/exportação

Considerando os dados de 2014, as exportações de carne bovina representam, aproximadamente, 22% da produção nacional. Para a carne de frango, as exportações representam 31% e para a suína, 15%.

A receita com as exportações de carnes em 2014 atingiu a cifra de 16,66 bilhões de dólares. A carne bovina teve participação de 43%, a carne de frango 47,5% e a carne suína, 9,5% da receita total (Tabela 11).

Para 2015, estima-se que a receita poderá cair cerca de 13,6%, alcançando a cifra de aproximadamente 14,4 bilhões de dólares.

Já os volumes a serem exportados em 2015 deverão se manter nos mesmos níveis verificados em 2014, estimados em 6,03 milhões de toneladas líquidas. Cabe destacar que a estimativa de redução em volume da carne bovina poderá ser compensada pelo aumento de volume das outras carnes.

Tabela 11
Brasil - Exportações anuais de carne

Ano	Tipo	Receita US\$ milhões FOB	Var	Volume Mil t líq.	Var	US\$/t	Var
2011	Bovina	5.348,8	11,5%	1.095,7	-11,0%	4.881,74	25,3%
	Frango	8.253,0	21,2%	3.942,6%	3,2%	2.093,27	17,4%
	Suína	1.433,0	7,0%	515,8	-4,4%	2.778,11%	11,9%
	Total	15.034,8	16,2%	5.554,1	-0,6%	2.706,95	16,9%
2012	Bovina	5.744,1	7,4%	1.242,5	13,4%	4.623,08	-5,3%
	Frango	7.703,0	-6,7%	3.917,6	-0,6%	1.966,26	-6,1%
	Suína	1.488,4%	3,9%	576,8	11,8%	2.580,66	-7,1%
	Total	14.935,6	-0,7%	5.736,8	3,3%	2.603,45	-3,8%
2013	Bovina	6.666,0	15,9%	1.504,3	21,1%	4.427,27	-4,2%
	Frango	7.966,5	3,4%	3.891,7	-0,7%	2.047,05	4,1%
	Suína	1.353,1	-9,1%	513,3	-11,0%	2.636,14	2,1%
	Total	15.979,6	7,0%	5.909,3	3,0%	2.704,14	3,9%
2014	Bovina	7.148,9	7,3%	1.545,0	2,7%	4.626,99	4,5%
	Frango	7.932,6	-0,4%	3.995,2	2,7%	1.985,56	-3,0%
	Suína	1.584,5	17,1%	490,6	-4,4%	3.229,47	22,5%
	Total	16.666,1	4,3%	6.030,9	2,1%	2.763,47	2,2%
2015*	Bovina	5.889,7	-17,6%	1.372,4	-11,2%	4.291,49	-7,3%
	Frango	7.244,3	-8,7%	4.165,6	4,3%	1.739,06	-12,4%
	Suína	1.257,8	-20,6%	501,1	2,1%	2.510,14	-22,3%
	Total	14.391,8	-13,6%	6.039,1	0,1%	2.383,09	-13,8%

Legenda: (*) Estimativa Conab

Fonte: MDIC/SECEX

Os preços médios por tonelada líquida de carnes em 2015 apresentam queda média de aproximadamente 13,8% em relação a 2014, ou seja, 2,4 mil dólares/tonelada.

4. Fatores críticos

O cenário internacional em 2015 é bastante preocupante devido à crise da União Europeia e à desaceleração do crescimento econômico da China. A crise da Rússia, um dos principais mercados da carne brasileira, também gera insegurança aos produtores.

Exigências do mercado internacional relacionadas à sanidade e à rastreabilidade ainda interferem negativamente na expansão de mercados externos. O Brasil tem plenas condições de expandir sua produção de carnes e atender uma demanda maior por esse produto. Contudo, barreiras não tarifárias continuam como principal entrave para o acesso a novos mercados. A União Europeia é o mercado que mais impõe barreiras à carne brasileira, sobretudo, bovina e suína.

5. Perspectivas para 2015/16

5.1. Carne bovina

Segundo o USDA, a oferta mundial de carne bovina deverá ter uma redução de aproximadamente 1,6% em 2015. Assim, estima-se que a produção se situará em torno de 58,7 milhões de toneladas, devido, principalmente, ao ciclo pecuário em recomposição de rebanhos e a adversidades climáticas verificadas nos EUA e Oceania.

Infelizmente, a disponibilidade de animais prontos para o abate no Brasil também é restrita, limitando oportunidades de expansão das exportações.

A China deverá buscar no mercado internacional o complemento de carne necessária para consumo, tendo em vista a redução em sua produção interna, estimada em 7% pelo USDA.

Este cenário de oferta mundial limitada deverá sustentar os preços da carne bovina em patamares elevados.

5.2. Carne de frango

O crescimento estimado para a oferta mundial de carne de frango é da ordem de 1,2%, algo em torno de 87,4 milhões de toneladas.

Os preços médios para exportação da carne brasileira apresentaram queda da ordem de 12% no primeiro semestre de 2015, situando-se em torno de US\$ 1,7 mil/tonelada, enquanto os preços internos deverão se manter nos patamares atuais, com tendência de alta, alavancados pela carne bovina, uma vez que a carne de frango é a opção mais barata para o consumidor.

Sendo o maior exportador mundial, o Brasil já exporta carne de frango para cerca de 150 países, tornando-se cada vez mais difícil o acesso a novos mercados.

Países como Tailândia, Turquia, Ucrânia e Bielorrússia têm se destacado ultimamente como fortes concorrentes, com crescimento significativo nas exportações de carne de frango. Suas localizações favorecem a logística de distribuição do produto aos países importadores.

O surto da gripe aviária H7N9 na China pode ter potencial para se transformar em uma pandemia, a menos que se estabeleçam as medidas de controle necessárias. A gripe aviária também já chegou aos EUA. Desde dezembro/2014, o USDA confirmou casos em Minnesota, Iowa, Wisconsin, Dakota do Norte, Dakota do Sul, Montana, Kansas, Arkansas, Missouri, Oregon, Califórnia, Washington e Idaho. Minnesota, o principal estado produtor de perus do país, foi o mais atingido.

Mesmo sem qualquer registro da doença no território nacional, o Brasil implementou o Programa Nacional de Sanidade Avícola, desde 1994, e elabora constante vigilância nas doenças de aves. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) aumentou a fiscalização nos portos, aeroportos e demais pontos de fronteira. A staff de quarentena e fiscalização já está alerta para aves vivas e produtos avícolas que entram no país.

5.3. Carne suína

A oferta mundial de carne suína deverá ter um crescimento modesto, da ordem de 1%, ou seja, 111,7 milhões de toneladas, segundo o USDA.

A disseminação da Epidemia de Diarreia Suína (PED) nos EUA, com alto índice de mortalidade de leitões, continua como uma grande ameaça ao setor produtivo.

O risco de a PED chegar ao território brasileiro é real, uma vez que já foram constatados casos em alguns países da América do Sul.

A produção da União Europeia também tem dificuldades de crescimento devido às limitações impostas pela observância de normas de proteção relacionadas com a habitação de matrizes reprodutoras.

Quanto aos preços, em dólar, a tendência é de queda no mercado internacional, estimada na ordem de 22% em relação a 2014.

5.4. Conclusões

Muito embora o Governo Federal não opere diretamente com carnes, as políticas governamentais voltadas à produção de grãos beneficiam os produtores deste setor, principalmente aquelas relacionadas ao milho e à soja, principais componentes da ração. Cumpre lembrar que aproximadamente 70% do milho produzido destina-se ao consumo animal.

O cenário mundial para 2015/16 é de oferta de carnes bastante ajustada e produção/consumo globais relativamente estabilizados.

Os indicadores das exportações brasileiras apontam para queda de volume da carne bovina e leve aumento para as carnes de frango e suína.

Índia, Austrália e EUA seguem como os maiores concorrentes na exportação de carnes, porém o Brasil deverá manter a liderança mundial no fornecimento de carne bovina e de frango no mercado internacional.

As barreiras sanitárias impostas pelos maiores consumidores mundiais continuam como principais entraves ao aumento das exportações. A forte concorrência da Índia dificulta o acesso aos mercados mais sensíveis a preços.

O cenário de recessão econômica no Brasil, aliado à crise fiscal, previsto pelos analistas econômicos, traz preocupações ao setor produtivo.

A busca de novos mercados na África e Ásia tem sido o foco dos produtores e da indústria de carnes brasileira. A China deverá continuar buscando, no mercado externo, o suprimento de suas necessidades de alimentos em decorrência de fatores relacionados à migração dos campos para as cidades e aos limites para o aumento da sua produção.

Finalmente, espera-se que o abastecimento mundial de soja e milho tenha bons resultados em 2015/16, proporcionando relativa tranquilidade aos produtores de carnes no que se refere ao suprimento de ração animal.



1. Panorama internacional

1.1. Produção mundial

A pouca importância comercial do produto no âmbito mundial, aliada à falta de um real conhecimento do seu mercado e ao pequeno consumo entre os países do primeiro mundo, limitam a expansão do comércio internacional. O feijão tem pouca expressão, uma vez que quase todos os países produtores são também grandes consumidores, tornando pequeno o excedente exportável, fato que gera um comércio internacional bastante restrito.

Em se tratando dos hábitos alimentares, estes são bastante diversificados entre os países. Mesmo entre regiões de um mesmo país, há preferências diversas por tipos, variedades e classes. Cerca de 61% da produção mundial de feijão originam-se de apenas seis países. Myanmar é o maior produtor mundial dessa leguminosa, seguido da Índia. Surgem, ainda, como maiores produtores Brasil, China, Estados Unidos e México.

Tabela 1
Produção mundial – 2009 a 2013

Países	2009	2010	2011	2012	2013
Brasil	3.502.700	3.322.500	3.732.800	2.918.400	2.806.300
Índia	2.430.000	4.890.000	4.330.000	3.710.000	3.630.000
Myanmar	3.375.000	3.530.000	3.750.000	3.900.000	3.800.000
China	1.480.000	1.330.000	1.572.000	1.550.000	1.400.000
EUA	1.150.310	1.442.470	902.196	1.448.095	1.110.668
México	1.041.350	1.156.251	567.779	1.080.857	1.294.634
Outros	8.233.017	8.144.903	8.356.243	9.310.151	9.097.402
Total	21.212.377	23.816.124	23.211.018	23.917.503	23.139.004

Fonte: FAO/Conab

1.2. Produção no Mercosul

Nos últimos quatro anos, a produção média de feijão em países que compõem o Mercosul ficou em 3,6 milhões de toneladas, sendo o Brasil o principal produtor com cerca de 3,1 milhões de toneladas anuais, seguido da Argentina, com 350 mil toneladas, Paraguai, com 56 mil toneladas e Uruguai com 3,5 mil toneladas.

O Brasil se destaca como o maior produtor e consumidor, com participação superior a 90% na produção e no consumo. A Argentina, segundo maior produtor, registra consumo *per capita* em torno de 470 g/ano, com saldo exportável médio de 180 mil toneladas anuais. O feijão é produzido, principalmente, na região noroeste do país, nas províncias de Salta, Santiago del Estero, Jujuy e Tucumã.

As principais classes produzidas na Argentina são o comum preto e o comum branco, comercializadas em mercados distintos. Cerca de 90% do feijão branco é destinado à exportação. A União Europeia é a principal importadora dessa classe, e a Espanha, sua principal consumidora, seguida de Portugal, Itália e França.

O feijão comum preto é exportado em sua totalidade, já que não existe consumo na Argentina para essa cultivar. O Brasil se destaca como principal importador dessa variedade. Outro importante comprador é a Venezuela.

2. Panorama nacional

Na safra em curso 2014/2015, a produção de feijão comum cores representou 69,2% do volume produzido; a de feijão preto, 14%; e a de macaçar, 16,8%. O feijão comum cores está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais. O feijão comum preto concentra-se no sul do país e cerca de 58,6% de sua produção é oriunda da 1ª safra. A variedade caupi, cultivada nas regiões Norte/Nordeste e no Mato Grosso, concentra-se na 2ª safra, à exceção da produção da Bahia.

Tabela 2
Estimativa da produção por classe 2014/15 (em mil t)

Classe	1ª Safra	2ª Safra	3ª Safra	Total
C. Cores	753,5	696,9	741,6	2.192,0
C. Preto	259,1	158,8	24,2	442,1
Caupi	119,2	368,8	44,2	532,2
Total	1.131,8	1.224,5	810,0	3.166,3

Fonte: Conab

2.1. Comportamento da temporada 2014/15

1ª Safra ou Safra das Águas: colheita de novembro a abril – concentração nas regiões Sul, Sudeste e nos estados de Goiás, Piauí e Bahia.

A área está estimada em 1,05 milhão de ha, o que configura um decréscimo de 10,7% em relação à safra anterior. Todos os estados produtores indicaram plantios de áreas menores que as cultivadas anteriormente. Os baixos preços praticados no mercado, os riscos climáticos e a atratividade de outras culturas concorrentes, como a soja e o milho, têm pesado na hora de decidir o espaço a ser cultivado, como consequência, a produção passou de 1.258,7 mil toneladas para 1.131,8 mil toneladas, ou seja, menos 10,1%.

Nessa safra, concentra-se o plantio da cultivar comum preto, variedade que vem sendo bastante prejudicada pela elevada importação do produto proveniente da Argentina, China e Bolívia, além da forte competitividade com a soja. Muitos produtores estão optando em reduzir o plantio do feijão comum preto na 1ª safra em detrimento à soja. Em contrapartida, estão ampliando o cultivo na 2ª safra com a cultivar carioca.

A redução de 126,9 mil toneladas na produção, em relação à safra anterior, manteve o mercado pouco ofertado e com preços aquecidos. No Paraná, a saca de 60 kg ao produtor, passou de R\$ 108, em novembro, para até R\$ 143, em janeiro, recuando para R\$ 138 em março. Em Minas Gerais e Goiás, de R\$ 90 para cerca de R\$ 160, nos meses de janeiro a março.

2ª Safra ou Safra da Seca: colheita de abril a julho – concentração nas regiões Nordeste, Sul, Sudeste e nos estados de Mato Grosso, Rondônia e Goiás.

A área plantada ficou estabelecida em 1.332,4 milhão de ha, o que representa um decréscimo de 11,6% em relação à safra pretérita. Em que pese os bons preços de mercado e as boas perspectivas para o cultivo do milho, o oneroso e difícil controle da mosca branca se constituíram nas principais causas da retração no cultivo.

O clima adverso, com destaque para a região Nordeste e aliado à expressiva retração no plantio, resultou numa produção de 1.224,5 mil toneladas, volume inferior em 107,3 mil toneladas em relação à safra 2013/2014.

Mesmo com uma menor produção, a entrada da produção da safra da seca, nos meses de abril a julho, refletiu negativamente nos preços, em patamares elevados, com a saca de 60 kg ao produtor cotada por volta de R\$ 115, no Paraná, e entre R\$ 132 e R\$ 141 em Goiás e Minas Gerais.

3ª Safra ou Safra de Inverno: colheita de julho a outubro – concentração em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Bahia, Pará, Pernambuco e Alagoas.

A área está estimada em 663,2 mil ha, 2,4% abaixo da cultivada na safra anterior. Na região Norte e Nordeste do país, observa-se um ligeiro aumento no cultivo, limitado, de certa forma, pela escassez de chuvas e substituição em algumas áreas do consórcio milho-feijão pelo milho solteiro. Já na região Centro-Sul, a queda é expressiva. Em Minas Gerais, boa parte das áreas de plantio, sob pivôs, anteriormente ocupadas com o feijão, foram destinadas ao trigo. Em função da redução da área plantada, a previsão é de uma produção de 810 mil toneladas, ou 53,3 mil toneladas a menos que a colheita registrada em 2014. Essa safra começou a ser cultivada em abril, com a colheita prevista para os meses de julho a outubro.

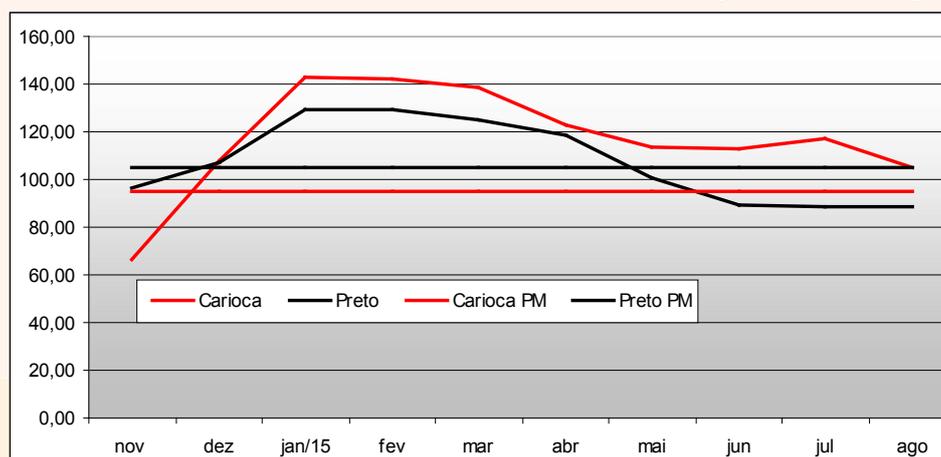
No Distrito Federal, Goiás e noroeste de Minas Gerais, a cultura é conduzida sob irrigação, e com a implantação do vazio sanitário, a semeadura nessas localidades ficou limitada a meados de junho, reduzindo em um mês e meio o calendário tecnicamente recomendável ao plantio, o que iria até final de julho. Desta forma, algumas áreas ficaram impossibilitadas de plantio, mesmo com o índice de ocupação de áreas de pivôs com milho, semente e, em menor proporção, algodão (neste, a colheita avança o período ora recomendado).

Assim, ficou definido que, no período de 15 de setembro a 20 de outubro, não é permitida a existência de plantas vivas de feijoeiro comum em áreas de cultivo tradicional, sob sistema de irrigação ou qualquer outra modalidade de cultivo.

O início da colheita na região Nordeste, a partir de meados de julho, e a continuidade das áreas irrigadas estão refletindo numa menor pressão na demanda, e os preços recuaram para valores em torno do mínimo oficial (R\$ 95/60 kg). Contudo, o volume a ser ofertado é suficiente para atender no máximo dois meses de consumo e, provavelmente, a partir de meados de outubro, as cotações tendem a ficar mais atrativas.

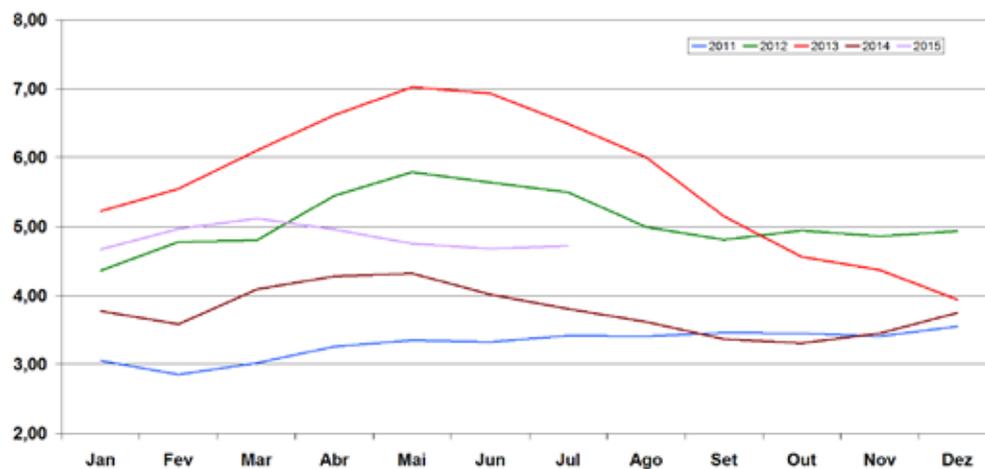
Em suma, na temporada 2014/15, o mercado esteve pouco ofertado, com os preços chegando, em alguns casos, a serem comercializados por até R\$ 180/60 kg ao produtor. Realidade essa que por um lado poderá estimular o plantio da 1ª safra da próxima temporada 2015/2016, que começou a ser semeada a partir deste mês de agosto na região sudoeste do Paraná e em São Paulo.

Gráfico 1
Preços recebidos pelos produtores no Paraná - nov/2014 a ago/2015 (R\$/60 kg)



Fonte: Conab

Gráfico 2
Preços do feijão carioca tipo 1 no varejo SP (R\$/60 kg)



Fonte: Dieese

2.2. Suprimento

Tabela 3
Quadro de suprimento Brasil – comum cores, preto e caupi (em mil t)

Ano-safra	Estoque inicial	Produção nacional	Imp	Suprimento	Consumo aparente	Exp.	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14 (*)	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15(*)	303,8	3.166,3	130,0	3.600,1	3.350,0	65,0	185,1

Fonte: Conab e Secex

O mercado está sendo abastecido com a produção oriunda da 2ª e 3ª safras e com uma pequena parcela de produto importado. A colheita da 3ª safra começou em julho, e o volume a ser produzido complementar o abastecimento interno até o mês de outubro, quando, a partir daí, terá início a colheita da 1ª safra da temporada 2015/16.

O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produto. A produção, estimada pela Conab em 3.166,3 mil toneladas, somada ao estoque inicial (dos quais 34,5 mil toneladas, são estoques públicos), e as importações projetadas em 130 mil toneladas propiciarão um suprimento de 3,5 milhões de toneladas. Tomando como base o mesmo consumo registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, e as exportações de 65 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 170,1 mil toneladas, correspondente a menos de 1 mês de consumo.

3. Perspectiva para a temporada 2014/15 e 2015/16

Em decorrência da concentração da colheita da 3ª safra, da expectativa da safra do nordeste da Bahia e da implantação do vazio sanitário (limitando o plantio em Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal, para meados de junho) espera-se uma concentração de ofertas para os meses de agosto e setembro, a exemplo do ocorrido no ano anterior. Com isso, as cotações vêm recuando, podendo ficar entre R\$ 90 e R\$ 100 a saca, nesses próximos dois meses. No entanto, os estoques estão baixos e praticamente todo o feijão colhido nas duas primeiras safras foi vendido. No Paraná, maior estado produtor, resta cerca de 10% da produção para ser negociada pelos produtores, o que corresponde a apenas 39 mil toneladas.

Até mesmo a produção das lavouras irrigadas, que se encontram em fase de colheita, estão sendo negociadas de imediato, não existindo sobras, sinalizando que a oferta está bem ajustada à demanda. Este comportamento deve continuar até o restante do ano, explicado, em tese, pela necessidade de recursos financeiros por parte dos detentores da mercadoria.

A partir de outubro, com o mercado pouco ofertado, os preços contam com maiores chances de seguirem em alta, podendo atingir a cifra de R\$ 150/saca até janeiro de 2016, quando se inicia o plantio da 2ª safra no sul do país. Todavia, alguns fatores poderão amenizar a provável alta, como: o volume de produção a ser colhido na 3ª safra no nordeste da Bahia e, principalmente, a safra a ser colhida na região sudoeste de São Paulo, pois é praticamente a única no país que oferta produto recém-colhido nos meses de novembro e dezembro. No entanto, é uma safra estimada em torno de 100.000 toneladas, pequena para atender todo o país.

Caso se concretize a situação supra, e mesmo com um mercado bastante favorável para a soja, haverá um bom estímulo para o plantio da 1ª safra de feijão. Se o clima contribuir durante o ciclo das lavouras, o volume de produção esperado deixará o mercado bastante ofertado, influenciando negativamente nos preços, que poderão recuar para valores abaixo do mínimo oficial, a partir do mês de janeiro/16.

Alguns fatores devem inibir uma maior expansão na superfície a ser cultivada com feijão: as condições climáticas adversas (chuvas em excesso) no sul do país; o intenso ataque da mosca branca em São Paulo, Minas Gerais e Goiás; e, principalmente, a opção pela soja, que passou a dominar o cenário de plantio na 1ª safra.

Com relação ao feijão comum preto, mesmo com uma oferta insuficiente para atender o abastecimento interno até o final do ano, a expectativa é de retração no cultivo em detrimento da soja, que apresenta melhores perspectivas de mercado. Embora o Brasil não seja autossuficiente na produção, as adversidades climáticas e a forte concorrência com o produto importado vêm desestimulando o plantio. Um outro agravante está na dificuldade dos produtores em vender maiores quantidades em comparação ao feijão carioca, pois poucas empresas compram grandes volumes. Os preços, por sua vez, podem até superar os praticados com o feijão carioca, devido à menor oferta do produto e à valorização do dólar.

Quanto à 2ª safra, que começa a ser semeada em janeiro nos estados do sul do país, os prováveis preços atrativos de mercado poderão não ser suficientes para estimular um expressivo aumento da área a ser plantada, tendo em vista o mercado bastante promissor para o milho. Como a previsão da “safrinha” dessa gramínea cultivada a partir de meados de dezembro no sul do país é de incremento de área, e como concorre diretamente com o feijão, a tendência para a 2ª safra da leguminosa ficará limitada, podendo apresentar um pequeno aumento na área ocupada com a soja na 1ª safra.

O Paraná, principal produtor, está deixando de plantar o feijão comum preto na 1ª safra em detrimento à soja, em contra-partida, está expandindo a superfície cultivada na 2ª safra, com o feijão carioca beneficiado, em parte pela qualidade do produto e menor custo de produção.

Entre os meses de dezembro e fevereiro ocorre forte queda no consumo, ocasionada pelas festividades de final de ano e férias escolares. E, geralmente, a partir de abril, com a intensificação da entrada da produção oriunda da safra da seca, verifica-se uma pressão baixista nos preços. Com isso, o balizamento das cotações de mercado ficará focado no comportamento da safra nordestina, ou seja, se ocorrer uma boa safra, o preço do grão poderá recuar para valores abaixo do mínimo oficial entre os meses de fevereiro e abril. Mas, ao contrário, em caso de frustração, as cotações tendem a se elevar.

4. Informações e algumas considerações

O produtor é um tomador de preços. Para se manter na cultura, ele deve estar atento aos dados de produção, clima, histórico das safras, qualidade do grão a ser cultivado, novas tecnologias, entre outros fatores, para então decidir quando, quanto e qual a cultivar a ser plantada. Um melhor planejamento vai maximizar o sucesso econômico ou, até mesmo, minimizar os prejuízos.

Desta forma, é necessário a atualização de seus custos de produção, levando-se em consideração a forte elevação dos preços dos insumos, puxados pela alta do dólar. Em Minas Gerais e Goiás, muitos agricultores estão reduzindo a área de plantio em favor da tecnologia, devido ao intenso ataque de pragas e doenças (com destaque para a mosca branca) que eleva, sobremaneira, o dispêndio financeiro na condução da lavoura. O custo de produção vai determinar o limite de cada produtor numa situação negativa de preços. Como indicação, tomando como base um custo médio no Paraná, elaborado pela Conab em julho/15, na faixa de R\$ 2.325,20/ha, e uma produtividade média de 29,2 sacos/ha, tem-se:

- Custo de produção: R\$ 2.325,20/ha;
- Produtividade média: 29,2 sacos/ha;
- Custo por saca: R\$ 79,63;
- Considerando o preço médio de R\$ 120,00/saca, tem-se:

Receita líquida: R\$ 3.504,00 – R\$ 2.325,20 = R\$ 1.178,80/ha.

Os valores praticados no mercado têm registrado grandes oscilações, ora positivas ora negativas, atribuídas, basicamente, a fatores climáticos. Cita-se, como exemplo, a quebra da

safrã na regiãõ Nordeste em 2012 e 2013, quando a saca de feijãõ ao produtor praticamente triplicou de preçõ em menos de um mês, com os produtores convivendo com oscilações bruscas de preçõs e sendo obrigados a comercializarem sua mercadoria, em certas ocasiões, a preçõs abaixo dos custos de produçãõ, comprometendo a sua renda e os investimentos necessãrios para os plantios das safras futuras.

Neste foco, é de suma importãncia adotar as prãticas agrícolãs adequadas na hora do plantio, como forma de evitar problemas na comercializaçãõ. Uma mercadoria de boa qualidade conta com uma boa demanda e preçõs compensadores. Este ano, por exemplo, os preçõs praticados no mercado se encontram bem remuneradores, no entanto, em vãrios lotes ofertados no mercado disponível em Sãõ Paulo foi constatada a presençã de soja ou milho, que pode ser resultado de sucessãõ e/ou rotaçãõ de cultura, adotada por alguns produtores.

De acordo com o Diretor do Bolsinha Informativos, Auro Nagay, este agravante desvaloriza acentuadamente a mercadoria e dificulta a sua venda. As indústriãs de empacotamento evitam adquirir produtos desta natureza, porque acabam comprometendo a qualidade da marca. No Brasil, a maioria das empacotadoras nãõ possui tecnologia que permita a exclusãõ total de soja ou milho no processamento de grandes volumes.

Desta maneira, deve-se fazer o tratamento adequado do solo entre uma cultura e outra. Segundo o engenheiro agrônomo Chiorato, o ideal é que o agricultor espere a soja germinar para entãõ eliminar todas as plantas e, só depois, semear o feijãõ. Outra alternativa é usar o herbicida Gladium, que combate a tiririca e que, quando aplicado na cultura, também age, eliminando a planta da soja. Esse também é um método eficiente para retirar a soja da cultura do feijoeiro.

Conforme ainda o citado engenheiro agrônomo, apesar de segurar um pouco a cultura, o herbicida nãõ chega a ser prejudicial para o feijoeiro. Entretanto, o ideal é que o agricultor busque orientaçãõ com um profissional da agronomia.

O diretor de uma empresa empacotadora em Feira de Santana/BA, Alberto Aroldo Santos, conta que chegou a investir cerca de R\$ 300 mil por maquinãrio que faz a separaçãõ da soja do feijãõ. Independente ou nãõ de ter as normativas de tolerãncia já impostas pelo Ministério da Agricultura, Pecuãria e Abastecimento (Mapa), o diretor compra apenas feijãõ que tenha padrãõ de qualidade, ou seja, livre de grãõs de soja.

Neste cenãrio, cabe reiterar a importãncia de certos cuidados que devem ser tomados no momento da preparaçãõ do solo, plantio e comercializaçãõ, visando garantir uma melhor remuneraçãõ na venda do seu produto.

4.1. Dinamizaçãõ do cultivo

A cultura vem mudando de padrãõ e os produtores estãõ se profissionalizando cada vez mais, buscando constantemente alternativas modernas no uso de tecnologias. No entanto, o plantio de feijãõ no país é efetuado por meio de “sementes caseiras” ou grãõs comerciais, utilizados por cerca de 84% dos produtores. Esta atitude talvez seja o motivo para o insucesso de tantas lavouras, pois sãõ inúmeros os trabalhos científcos que provam a degeneraçãõ varietal, contaminaçãõ por patógenos e os danos mecânicos que as “sementes carregam consigo”.

Um dos principais entraves na comercialização é o fato do maior volume da produção nacional (cerca de 40% é do grupo carioca de alta deterioração), apesar de ser a preferência nacional, ter aceitação limitada em outros países.

Portanto, quando ocorre quebra de safra e o produto fica escasso no mercado, não existe alternativa de substituição e, ao contrário, quando ocorre excesso de oferta, não há como desovar o produto, e a mercadoria fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade, onerando os custos de carregamento e sofrendo forte deságio na venda.

Devido à perda rápida de cor e, conseqüentemente, de valor, armazenar o feijão carioca, mesmo que por um curto período, se torna um risco. Diante disso, pesquisadores desenvolveram e foram disponibilizadas no mercado cultivares que mantêm a tonalidade do tegumento do grão por mais de 1 ano, tais quais a Milênio, Alvorada, Estilo, Requite, e a ANFC9. Essas variedades estão ganhando gradualmente o mercado, devido à boa produtividade e bom caldo, e vêm sendo bastante demandadas por algumas empresas de empacotamento. Aos poucos, ocorrerá uma significativa substituição do feijão carioca, criando um mercado de opção diferenciado, cujos preços são mais atrativos.

Empresas do setor privado têm se interessado pelo melhoramento genético do feijoeiro, principalmente de porte ereto para a colheita mecânica, como é o caso no Mato Grosso. Nesse estado, cerca de 3/4 da produção é da cultivar caupi e o grande problema é a logística de comercialização, vez que o mercado consumidor é a região Nordeste do Brasil e países como o Egito, Índia, dentre outros. Essa diversificação está sendo beneficiada pelo baixo custo de produção em torno de R\$ 30/saca e pelas qualidades nutricionais do produto. O caupi é uma excelente fonte de proteínas, aminoácidos essenciais, carboidratos, vitaminas e minerais, é um alimento básico para as populações, em especial as de baixa renda.

O acesso ao mercado internacional representa um salto importante nas estratégias de produção e comercialização. Produzir para o mercado externo significa atingir níveis superiores de qualidade dos produtos, tendo em vista as exigentes condições que prevalecem no comércio internacional, além da competitividade nos custos de produção. Outros benefícios advindos da exportação decorrem da diversificação dos mercados, viabilizando maiores volumes de produção, incorporação de novas tecnologias produtivas, aperfeiçoamento da qualificação da mão-de-obra, dentre outras vantagens.

O Brasil apresenta grandes vantagens competitivas e boa produtividade. São 3 colheitas anuais contra 1 dos demais países, o que nos permite antecipar informações fundamentais para o plantio (preço, clima, etc).

A exportação é uma etapa a ser conquistada com outras cultivares. O Brasil tem clima, área disponível e tecnologia de sobra, podendo produzir qualquer variedade e se adaptando às exigências de qualquer mercado. Para tanto, o país precisa levar ao consumidor (por meio de palestras, campanhas publicitárias, etc.) conhecimento sobre os benefícios do feijão à saúde, segurança na alimentação e feijão rastreado, que é outra forma de oferecer o produto. Assim, abrir-se-ia um leque de possibilidades de negócios. É preciso criar a demanda, pois os principais países produtores também são os principais consumidores e cerca de apenas 7 países participam com mais de 60% da produção mundial.

É consenso de que falta um plano de acesso aos mercados no mundo. O setor precisa reverter essa tendência, já que a influência dos produtos de rápido preparo tem sido negativa para o feijão. O modismo, por exemplo, tem levado boa parte dos consumidores mais jovens a optar pelos sanduíches, massas, biscoitos e refrigerantes.

O mercado de feijão é promissor, principalmente para o atendimento da merenda escolar, refeições coletivas e cestas básicas. Há também alguns *food services* que servem o feijão: Habib's, Giraffas, Bon Grillê, além de restaurantes de classe C, D e E, que representam atualmente boa parte do consumo de alimentos fora do domicílio.

Como parte final dessa exposição, há de se agradecer todo o apoio e dedicação dos colaboradores, especialmente, Marcelo Luders (Assessor Especial da Câmara Setorial do Feijão e Presidente do Ibrafe – Instituto Brasileiro do Feijão), e Auro Nagay (Diretor do Bolsinha Informativos), profissionais reconhecidos no mercado, além de parceiros nessa jornada empreendida diariamente.



A seguir serão apresentados alguns aspectos do setor lácteo, no mercado mundial e no Brasil, no que se refere à produção, consumo, comércio e preços, com o objetivo de mostrar informações que auxiliem o setor a vislumbrar a situação de mercado para a estação 2015/16 e na próxima década.

1. Mercado internacional

1.1. Produção de leite

Conforme as informações do United States Department of Agriculture/Foreign Agricultural Service (USDA/FAS), Dairy: World Markets and Trade, de julho/2015, a produção de leite de vaca de países selecionados evoluiu a uma taxa de 2,4% a.a., entre 2011 e 2014, sendo estimada em 1,1% em 2015, quando deverá alcançar 496,8 milhões de toneladas. Em 2016, a estimativa é de 1,8%, devendo alcançar 505,9 milhões de toneladas. Esses países representaram, em 2014, 63,5% da produção de leite mundial (Tabela 1).

Tabela 1
Leite : produção mundial de leite de vaca (países selecionados)
2011 a 2016 - em mil t

País/ Bloco	2011	2012	2013	2014	2015(e)	2016(p) ¹	2011-2014		Taxa de crescimento			
							Prod. média no período	Part. média na produção (%)	2016/15%	2015/14%	2014/11% aa	média 2012-14 (base) a 2014 %aa ¹
UE (28)	138.220	139.000	140.100	146.500	147.000	146.985	140.955	30,2%	-0,01%	0,3%	2,0%	1,0%
EUA	89.020	91.010	91.277	93.461	94.710	96.055	91.192	19,5%	1,4%	1,3%	1,6%	1,3%
Índia	53.500	55.500	57.500	60.500	63.500	65.970	56.750	12,2%	3,9%	5,0%	4,2%	1,9%
Brasil	33.123	33.338	35.351	37.472	38.971	40.608	34.821	7,5%	4,2%	4,0%	4,2%	2,5%
China	30.700	32.600	34.300	37.250	37.500	38.374	33.713	7,2%	2,3%	0,7%	6,7%	2,6%
Rússia	31.646	31.831	30.529	30.553	29.500	31.123	31.140	6,7%	5,5%	-3,4%	-1,2%	0,3%
Nova Zelândia	18.965	20.567	20.200	21.893	21.675	22.000	20.406	4,4%	1,5%	-1,0%	4,9%	2,3%
México	11.046	11.274	11.294	11.464	11.680	11.750	11.270	2,4%	0,6%	1,9%	1,2%	0,7%
Ucrânia	10.804	11.080	11.189	11.200	11.160	11.227	11.068	2,4%	0,6%	-0,4%	1,2%	0,5%
Argentina	11.470	11.679	11.519	11.100	10.700	10.992	11.442	2,4%	2,7%	-3,6%	-1,1%	1,7%
Austrália	9.568	9.811	9.400	9.700	9.800	10.123	9.620	2,1%	3,3%	1,0%	0,5%	1,8%
Canadá	8.400	8.614	8.443	8.409	8.535	8.620	8.467	1,8%	1,0%	1,5%	0,0%	0,5%
Japão	7.474	7.631	7.508	7.315	7.350	7.384	7.482	1,6%	0,46%	0,5%	-0,7%	-0,1%
Uruguai	2.057	2.100	2.212	2.250	2.293	2.324	3.309	0,7%	1,35%	1,9%	3,0%	1,3%
Coréia do Sul	1.888	2.111	2.093	2.073	2.065	2.060	2.041	0,4%	-0,2%	-0,4%	3,2%	0,001
Formosa	336	348	358	347	350	350	347	0,1%	0,0%	0,9%	1,1%	-
Filipinas	17	18	19	20	20	21	19	0,0%	6,3%	0,0%	5,6%	1,9
Total	458.234	468.512	473.292	491.507	496.809	505.967	467.054	100,0%	1,8%	1,1%	2,4%	-

Legenda: 1 Projeções de percentuais de crescimento da produção para 2016 conforme a publicação OCDE/FAO Agricultural Outlook 2015 - 2024. As projeções dos percentuais da OCDE/FAO para 2016 consideram a produção de leite de bovinos, búfalos, cabras, ovelhas e camelos. P/ o Brasil considerou-se as projeções do MAPA/Embrapa Projeções do Agronegócio - Brasil 2014/15 a 2024/25.

Fonte: IBGE e MAPA/EMBRAPA (p/ o Brasil); USDA/FAS e OCDE/FAO (p/ demais países).

Nota: 2015 (e - estimativa), 2016 (p - projeção). Para o Brasil considerou-se 1 litro = 1,032 kg.

De acordo com as informações da edição de 2012 do Agricultural Outlook 2012 - 2021, da OCDE/FAO (Organization for Economic Cooperation and Development/Food and Agriculture Organization), a produção mundial de leite naquele ano advinha de 626 milhões de animais, sendo 83% vacas; 13% búfalos; 2% cabras; 1% ovelhas e 1% camelos. Nos países desenvolvidos, a produção tem origem, em sua maioria, de vacas leiteiras (Estados Unidos, 100% e União Europeia 97%), enquanto nos países em desenvolvimento esses percentuais são menores: Etiópia (82%), Argélia (78%) e Índia (40%).

De acordo com a publicação da FAO, Milk and Dairy Products in Human Nutrition, de 2013, as proporções no Brasil são: 99,5% da produção é de leite de vaca e 0,5% de leite de cabra, considerando a média do período 2006/09.

A seguir comenta-se a situação atual e as perspectivas de produção para os principais países produtores.

De acordo com o USDA/FAS, a União Europeia, com seus 28 países membros, deverá aumentar a sua produção em 0,3% em 2015, bastante aquém dos 2% a.a. do período 2011/14, alcançando 147 milhões de toneladas. Em 2016, estima-se que a produção se manterá praticamente estável, verificando-se uma leve redução de 0,01%. De acordo com dados divulgados pela OCDE/FAO, no relatório Agricultural Outlook 2015/2024, de 2015, estima-se que a União

Europeia deverá aumentar a sua produção de leite a uma taxa média de 1% a.a. nos próximos dez anos, tomando como base a média do período 2012/14.

De acordo com dados da FAO (Food Outlook, de maio/2015), essa região exportou 11,1% de sua produção em 2014. Apesar do fim do regime de quotas de produção em abril deste ano e do enfraquecimento do euro, a prorrogação do embargo russo às importações lácteas europeias, dos Estados Unidos, Austrália, Canadá e Noruega, até agosto/2016, aliado à demanda global e interna fraca e aos preços baixos ao produtor (inferiores aos custos operacionais), suportam a estimativa de pouco aumento da produção. Estima-se que o fim do sistema de quotas deverá ter pouco impacto na produção mas deverá resultar em aumento da concentração da produção de leite em poucas regiões. As regulamentações ambientais devem limitar a expansão da produção nessas regiões. A União Europeia prorrogou o programa Private Storage Aid para leite em pó desnatado e manteiga até 30/9/2015 e mantém em operação o programa de intervenção para sustentação de preços internos pela aquisição da produção excedente desses dois produtos.

Nos Estados Unidos, a produção aumentou 1,6% a.a., entre 2011 e 2014, e deve aumentar 1,3% em 2015, alcançando 94,7 milhões de toneladas, e 1,4% em 2016, alcançando 96 milhões de toneladas. A estimativa para os próximos dez anos, conforme as projeções da OECD/FAO, é de um aumento de 1,3% a.a., considerando como base a média do período entre 2012/14. Conforme as informações do FAO - Food Outlook, de maio/2015, em 2014 as exportações lácteas norte-americanas, em equivalente leite, representaram 11,3% da produção interna, um aumento na comparação da proporção de 10,1% verificada no período 2011/13. Em 2015, essa proporção está estimada em 11,1%.

O Brasil aumentou a sua produção de leite de vaca em 4,2% a.a., no período 2011/14, e deverá crescer 4% em 2015 (38,9 milhões de toneladas). Conforme as projeções para o período 2014/15 a 2024/25 - da Assessoria de Gestão Estratégica (AGE) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em trabalho conjunto com a Secretaria de Gestão Estratégica (SGE), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - a produção deverá crescer 4,2% em 2016 (40,6 milhões de toneladas). Para os próximos dez anos (média do período 2015 a 2025), a taxa média anual estimada de aumento da produção é de 2,5% a.a. Essa redução estimada nas taxas de aumento da produção, no curto e médio prazo, deve-se, na falta de um aumento substancial das exportações, à expectativa de redução do consumo devido à recessão econômica no país.

A produção na China, que evoluiu a uma taxa média de crescimento de 6,7% a.a. entre 2011 e 2014, deverá aumentar apenas 0,7% em 2015, devido à reestruturação do setor, alcançando 37,5 milhões de toneladas, sendo que o seu crescimento está estimado em 2,3% em 2016. A produção está em fase de reestruturação e enfrenta regulamentações ambientais, principalmente relacionadas ao uso da água. De acordo com as projeções da OECD/FAO para os próximos dez anos, considerando a produção média do período 2012/14, a produção chinesa deve aumentar 2,6% a.a. Em 2015, de acordo com as informações da publicação da FAO (Food Outlook), a China, mesmo havendo desacelerado as importações devido aos altos estoques e redução das taxas de crescimento econômico, deverá importar 13,9 milhões de toneladas em equivalente leite, ou 19,7% das importações mundiais.

Em 2015, a China deverá importar 600 mil toneladas de leite em pó, sendo 400 mil de leite em pó integral e 200 mil de leite em pó desnatado, uma redução de 35,1% na comparação com 2014.

A produção na Nova Zelândia deve diminuir 1,0% em 2015, situando-se em 21,6 milhões de toneladas, devido aos baixos preços pagos ao produtor, à redução de margens e dos preços internacionais das *commodities*, voltando a crescer 1,5% em 2016. No período 2011/14, observou-se um crescimento de 4,9% a.a. As projeções da OECD/FAO estimam um aumento de 2,3% a.a. para os próximos dez anos, tomando como base o período 2012/14. De acordo com o USDA/FAS, estima-se uma redução de 1,2% no rebanho em 2015.

Conforme dados da FAO, as exportações da Nova Zelândia devem representar 26,7% do total das exportações mundiais em equivalente leite em 2015, após representarem 26,1% no período 2011/13, sendo o maior exportador mundial. Em 2015, as exportações devem absorver 96% de sua produção.

A produção na Argentina, de acordo com o USDA/FAS, que vinha diminuindo 1,1% a.a. entre 2011 e 2014, deverá reduzir-se em adicionais 3,6% em 2015, recuando para 10,7 milhões de toneladas, devendo se recuperar em 2016, quando se estima aumento de 2,7%. A OECD/FAO estima que a produção da Argentina deverá aumentar a uma taxa média de 1,7% a.a. entre 2012/14 e 2024. Na Argentina, a produção está sendo afetada pelas condições climáticas desfavoráveis e também pelas condições econômicas adversas, com inflação alta, restrições ao crédito, controle de importações, restrições às exportações e queda dos preços internacionais do leite em pó integral, seu principal produto de exportação. O rebanho diminuiu 11,6% entre 2011 e 2014. De acordo com a FAO, sua participação, em equivalente leite, no mercado mundial deverá diminuir em 4% no período 2011/13 para uma estimativa de 2,7% em 2015, mantendo-se, no entanto, como o quinto maior exportador. Já na Austrália, após um período de pouco aumento da produção entre 2011 e 2014 (0,5% a.a.), a produção de leite deverá aumentar 1% em 2015 e 3,3% em 2016. As projeções da OECD/FAO estimam que a produção desse país deverá aumentar a uma taxa média de 1,8% a.a. entre 2012/14 e 2024. Suas exportações, em equivalente leite, diminuíram de 5,6% do total das exportações mundiais no período 2011/13, para uma estimativa de 4,9% em 2015, sendo o quarto maior exportador.

A produção dos cinco principais exportadores (Nova Zelândia, União Europeia, Estados Unidos, Austrália e Argentina) deve aumentar 0,4% em 2015, para 283,8 milhões de toneladas, ou 74% das exportações mundiais em equivalente leite, e deve aumentar adicionais 0,8% em 2016. As projeções indicam a continuidade da concentração das exportações nesses países, mantendo-se a Nova Zelândia como principal exportador de manteiga e leite em pó integral e a União Europeia como principal exportador de queijo e leite em pó desnatado.

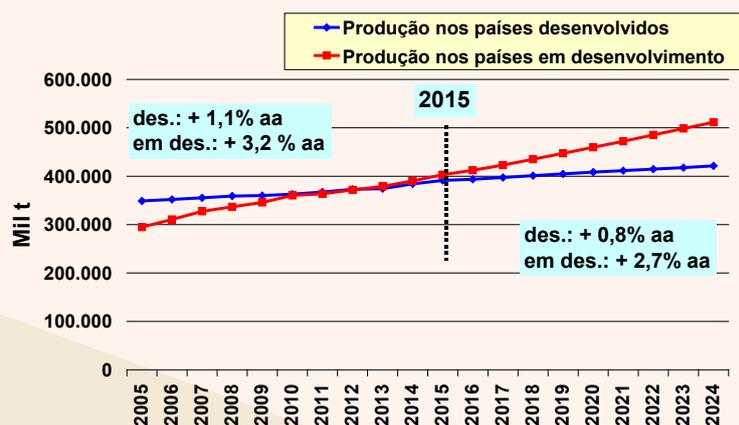
As projeções da OECD/FAO para o crescimento da produção mundial de leite de vaca e outros animais, na próxima década, indicam um aumento de 23,2% entre a média do período 2012/14 a 2024, a uma taxa média anual de 2,1% a.a., um acréscimo de 175,4 milhões de toneladas, evoluindo de 757,4 milhões para 932,9 milhões de toneladas.

Os países desenvolvidos devem aumentar a sua produção em 11,7%, entre a média 2012/14 e 2024, um acréscimo de 44,1 milhões de toneladas, ou 25,2% do acréscimo da produção mundial, a uma taxa de 1,1% a.a., alcançando 421,3 milhões de toneladas ao final do período. Na mesma época, eles terão um aumento de 34,5% em sua produção, de 131,3 milhões de toneladas, a uma taxa de 3,0% a.a., alcançando 511,6 milhões de toneladas em 2024, participando com 74,8% do acréscimo da produção mundial nos próximos dez anos (Gráfico 1).

A Ásia será responsável por 55,9% do acréscimo da produção mundial, mesmo enfrentando restrições na disponibilidade de terra e água. A Índia, incluindo o leite de búfalos, participará com 34,4% do acréscimo e a China participará com 6,8% do aumento previsto da produção. Em seguida, a África participará com 10,7% do aumento; a Europa, 10,3% do aumento, sendo 9,4% do acréscimo devido à União Europeia; a América Latina participará com 8,2% do acréscimo, sendo os principais produtores Brasil e Argentina; os Estados Unidos participarão com 7,5% do acréscimo de produção estimado; e a Nova Zelândia com 3%, da produção adicional entre 2012/14 e 2024.

De acordo com a OECD/FAO, as principais ameaças à produção são: epidemias, restrições ao comércio, condições climáticas adversas e mudanças de políticas públicas. A demanda chinesa, principal determinante do mercado mundial, se manterá firme, mesmo com as políticas de reestruturação produtiva e auto-suficiência na produção de leite e derivados do país. A produção da Nova Zelândia, baseada em pastagens, sofre concorrência do rebanho de ovelhas, além de influenciada pelas condições climáticas e enfrentar crescentes regulamentações relacionadas ao meio-ambiente.

Gráfico 1
Leite: produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, períodos 2005 a 14 e 2015 a 24 - Em mil t



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

1.2. Produção de *commodities* lácteas

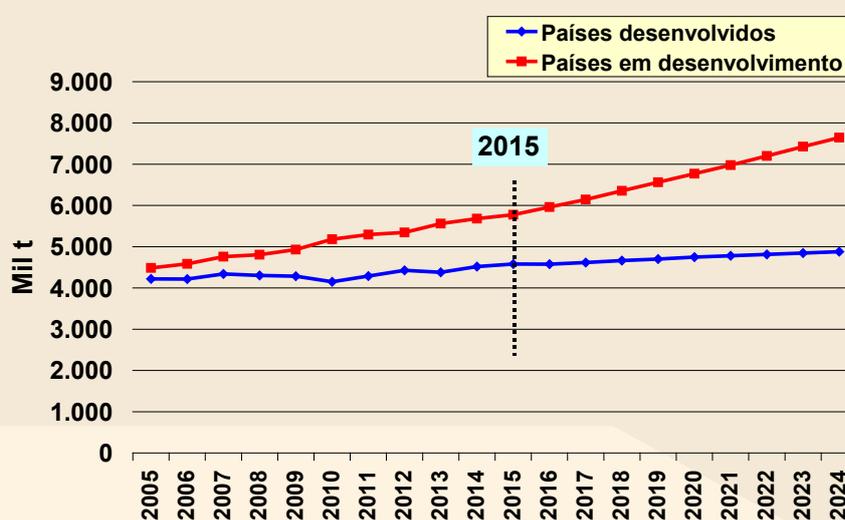
A produção dos principais derivados lácteos está dividida, considerando-se a média do período 2012/14, proporcionalmente, entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, da seguinte forma:

- manteiga: 44,5% nos países desenvolvidos e 55,5% nos países em desenvolvimento;
- queijo: 80,5% nos países desenvolvidos e 19,5% nos países em desenvolvimento;
- leite em pó desnatado: 88,2% nos países desenvolvidos e 11,8% nos países em desenvolvimento;
- leite em pó integral: 46,2% nos países desenvolvidos e 53,8% nos países em desenvolvimento.

Nos próximos dez anos, entre 2012/14 e 2024, o aumento da produção mundial dos principais derivados lácteos, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, será o seguinte (Gráficos 2 a 5):

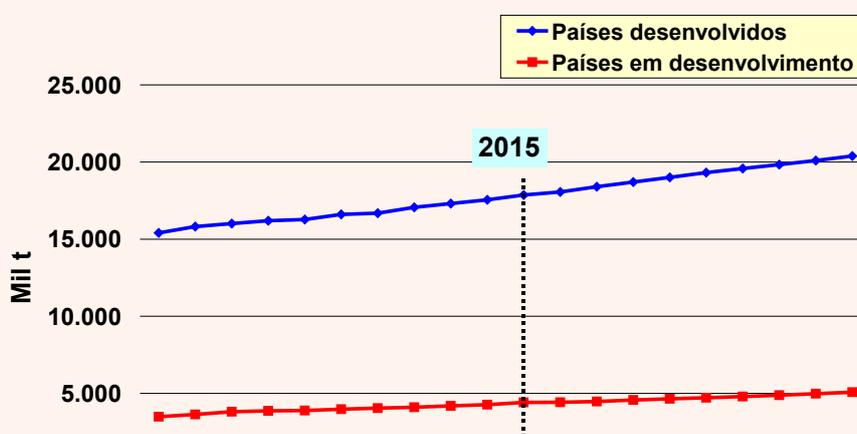
- a produção de manteiga aumentará 9,8% nos países desenvolvidos (de 4,4 milhões para 4,8 milhões de toneladas) e 38,2% nos países em desenvolvimento (de 5,5 milhões para 7,6 milhões de toneladas);
- a produção de queijo aumentará 17,8% nos países desenvolvidos (de 17,3 milhões para 20,3 milhões de toneladas) e 21,2% nos países em desenvolvimento (de 4,1 milhões para 5 milhões de toneladas);
- a produção de leite em pó desnatado aumentará 27,7% nos países desenvolvidos (de 3,3 milhões para 4,2 milhões de toneladas) 9,8% nos países em desenvolvimento (de 447,6 mil para 491,6 mil toneladas);
- a produção de leite em pó integral aumentará 39,3% nos países desenvolvidos (de 2,2 milhões para 3,1 milhões de toneladas) e 35,8% nos países em desenvolvimento (de 2,6 milhões para 3,5 milhões de toneladas).

Gráfico 2
Manteiga: produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2005 a 2024
Em mil t



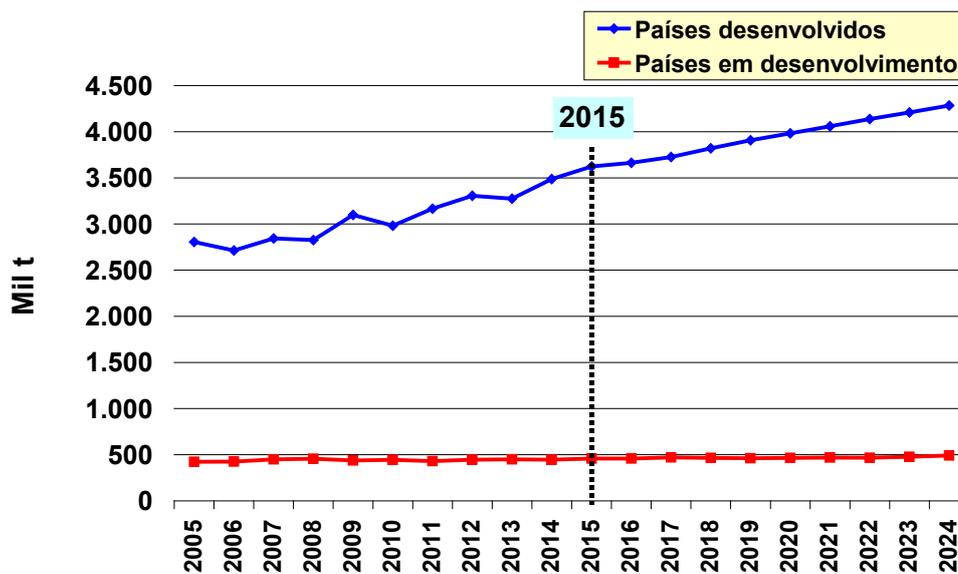
Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

Gráfico 3
Queijo: produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2005 a 2024 - Em mil t



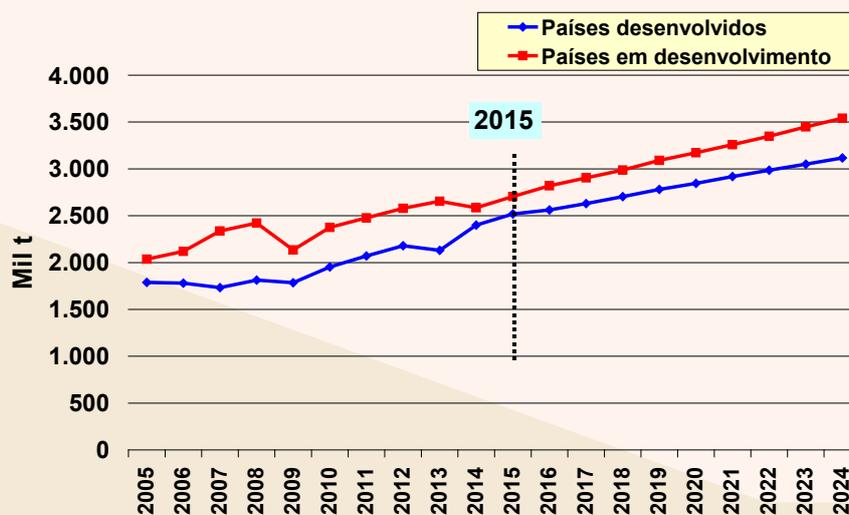
Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

Gráfico 4
Leite em pó desnatado: produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2005 a 2024 - Em mil t



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

Gráfico 5
Leite em pó integral: produção nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórica e estimada, 2005 a 2024 - Em mil t



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

1.3. Mercado consumidor

Conforme o relatório da OECD/FAO, do total da produção mundial de leite, 70% é consumida na forma de produtos lácteos frescos.

No que se refere ao aumento do consumo *per capita*/ano dos principais derivados lácteos, entre a média do período 2012/14 e 2024, este deve evoluir da seguinte forma (Gráficos 6 a 9):

- o consumo de manteiga nos países desenvolvidos deve aumentar 3,2%, de 2,81 kg/*per capita*

para 2,90 kg/per capita. Nos países em desenvolvimento aumento de 22,5%, de 1,04 kg/per capita para 1,27 kg/per capita, ao final do período;

- o consumo de queijo deve aumentar 10,9% nos países desenvolvidos, de 11,88 kg/per capita para 13,18 kg/per capita. Nos países em desenvolvimento o aumento deve ser de 17,3%, de 0,81 kg/per capita para 0,95 kg/per capita;

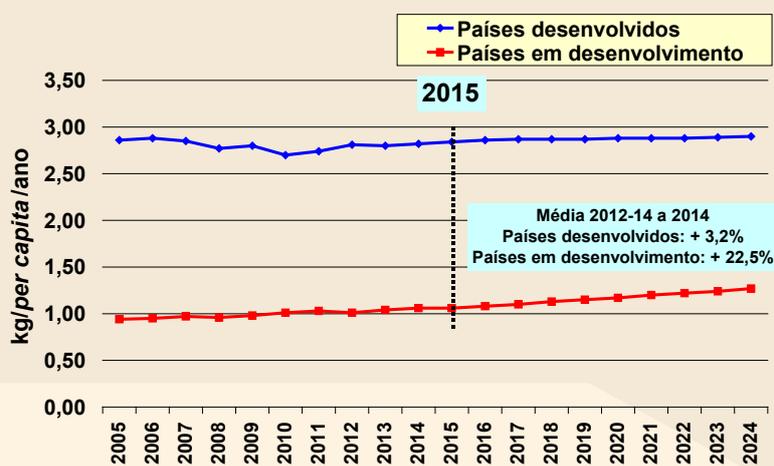
- o consumo de leite em pó desnatado deve aumentar 6,3% nos países desenvolvidos, de 1,16 kg/per capita para 1,24 kg/per capita. Nos países em desenvolvimento, deve aumentar 24,8%, de 0,33 kg/per capita para 0,42 kg/per capita;

- o consumo de leite em pó integral nos países desenvolvidos deve aumentar 9,1%, de 0,40 kg/per capita para 0,44 kg/per capita. Nos países em desenvolvimento deve aumentar 23,8%, de 0,74 kg/per capita para 0,92 kg/per capita.

O crescimento da renda, da população, da urbanização, o acesso à refrigeração e a globalização das dietas, impulsionam o consumo dos países em desenvolvimento.

Gráfico 6

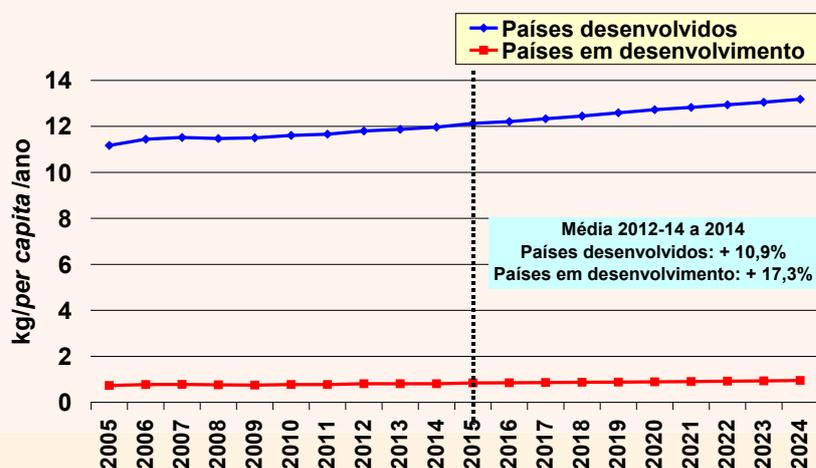
Manteiga: consumo per capita nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2005 a 2024 - em kg/per capita/ano



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

Gráfico 7

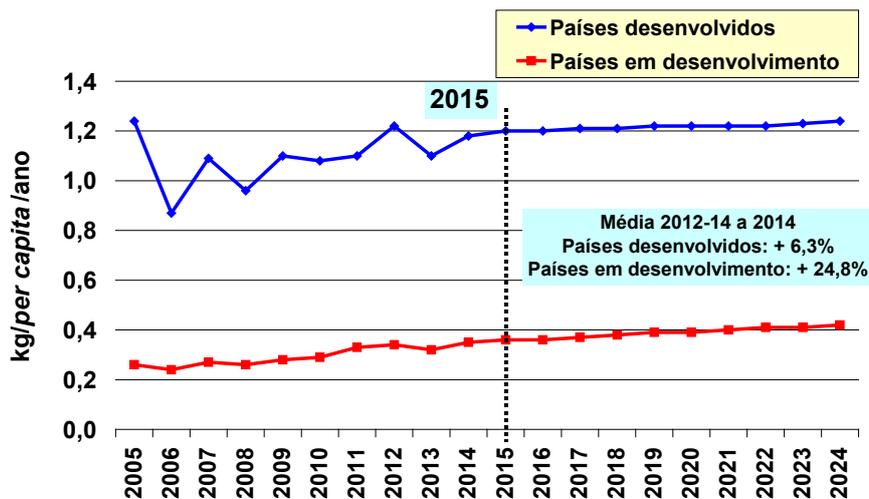
Queijo: consumo per capita nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2005 a 2024 - em kg/per capita/ano



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

Gráfico 8

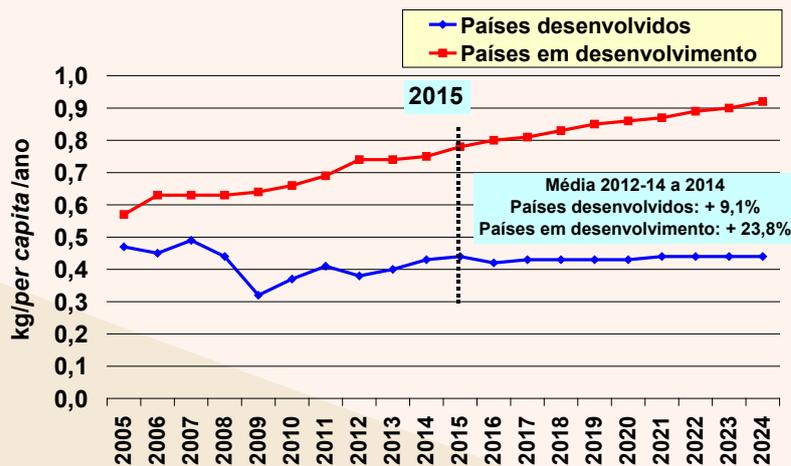
Leite em pó desnatado: consumo *per capita* nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2005 a 2024 - em kg/*per capita*/ano



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

Gráfico 9

Leite em pó integral: consumo *per capita* nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, histórico e estimado, 2005 a 2024 - em kg/*per capita*/ano



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

1.4. Comércio internacional

De acordo com o International Monetary Fund, na publicação World Economic Outlook, de abril/2015, e no World Economic Outlook Update, de julho/2015, o comércio global de alimentos, medido em dólares norte-americanos, deve diminuir 15,8%, em 2015, e diminuir mais 2,6%, em 2016. O comércio global de matérias primas agrícolas deve diminuir 6,8% em 2015 e aumentar 1,7% em 2016. Conforme o relatório da FAO (Food Outlook), de maio/2015, o comércio internacional de lácteos deve crescer 2,7% em 2015, representando 9,2% da produção mundial.

O Japão, grande importador de lácteos, principalmente de queijo e leite em pó desnatado, aumentará 0,8% em 2015 e 1,2% em 2016. A China, maior importador de lácteos, principalmente de leite em pó, permanece reduzindo as suas taxas de crescimento econômico de 6,8%, em 2015, para 6,3%, em 2016.

A Rússia deve reduzir o seu crescimento em 3,4%, em 2015, devendo voltar a crescer em 2016, com aumento de 0,2%. O Brasil deve reduzir o seu crescimento em 1,5% em 2015, devendo voltar a crescer em 2016 (0,7%).

Os vinte e nove países que compõem o grupo de países emergentes e em desenvolvimento da Ásia (incluindo China, Índia e nações do sudeste Asiático) devem apresentar crescimento econômico de 6,6%, em 2015, e 6,4%, em 2016.

A Argélia, grande importador de leite em pó, aumentará a sua taxa de crescimento de 2,6%, em 2015, para 3,9% em 2016, e 3,6% em 2020. O México, grande importador de leite em pó desnatado, crescerá 3% em 2015, 3,3% em 2016 e 3,8% em 2020.

O crescimento dos países emergentes e em desenvolvimento, em 2015, deverá ser de 4,2% e 4,7%, em 2016, estimando-se a permanência de demanda firme por produtos lácteos.

De acordo com o relatório da OECD/FAO, os principais exportadores líquidos (exportações menos importações) estimados de manteiga, no período 2012/14, foram: Nova Zelândia (464,8 mil toneladas); União Europeia (90,4 mil toneladas); Estados Unidos (52,5 mil toneladas); Austrália (27,2 mil toneladas); e Argentina (22,7 mil toneladas), com uma participação de 73,1% do total das exportações dessa *commodity*, percentual que deve aumentar para 80,6% em 2024 (Tabela 2).

Os principais exportadores líquidos de queijo, no mesmo período, foram: União Europeia (674,5 mil toneladas); Nova Zelândia (285,7 mil toneladas); Estados Unidos (170,5 mil toneladas); Austrália (86,7 mil toneladas); e Argentina (56,8 mil toneladas), representando 53,1% do total exportado no período 201/14, percentual que se estima aumentar para 68,2% em 2024.

Os principais exportadores líquidos de leite em pó desnatado, na média do período 2012/14, foram: Estados Unidos (514,5 mil toneladas); União Europeia (500,2 mil toneladas); Nova Zelândia (413,9 mil toneladas); e Austrália (139,6 mil toneladas), representando 79,3% das exportações no período, percentual que deve aumentar para 86,9% em 2024.

Os principais exportadores líquidos de leite em pó integral, entre 2012/14, foram: Nova Zelândia (1.188,3 mil toneladas); União Europeia (377,5 mil toneladas); Argentina (208,3 mil toneladas); e Austrália (87,2 mil toneladas), representando 80,2% das exportações mundiais, sendo que esse grupo de países deve aumentar sua participação para 86,8% em 2023.

O leite em pó desnatado será a *commodity* que mais ampliará as suas exportações nos próximos dez anos, aumentando 36,7% entre a média do período 2012/14 e 2024, evoluindo de 1,9 milhão para 2,7 milhões de toneladas ao final do período. Será seguido pelo leite em pó integral, cujas exportações aumentarão de 2,3 milhões, na média no período 2012/14, para 3,1 milhões de toneladas em 2024, ou seja, aumento de 34,7%; pelo queijo, que aumentará as suas exportações em 23,5%, de 2,3 milhões para 2,9 milhões de toneladas em 2024; e pela manteiga, cujas exportações devem evoluir 19,4%, de 899,7 mil para 1.073,9 mil toneladas ao final do período.

Os maiores importadores líquidos de manteiga, descontadas eventuais exportações, na média do período 2012/14, foram:

- Rússia: 148,4 mil toneladas;
- Norte da África: 81,6 mil toneladas;
- China: 58 mil toneladas;
- Arábia Saudita: 57,6 mil toneladas;
- Irã 45,9 mil toneladas.

Os maiores importadores líquidos de queijo, entre 2012/14, foram:

- Rússia: 393,4 mil toneladas;
- Japão: 224,6 mil toneladas;
- México: 95,7 mil toneladas;
- Coreia do Sul: 71,1 mil toneladas;
- China: 31,1 mil toneladas;
- Brasil: 23,8 mil toneladas;
- Indonésia: 20,3 mil toneladas.

Os maiores importadores líquidos de leite em pó desnatado, na média entre 2012 e 2014, foram:

- México: 221,2 mil toneladas;
- China: 207,8 mil toneladas;
- Indonésia: 144,6 mil toneladas;
- Argélia: 115,8 mil toneladas;
- Filipinas: 105,3 mil toneladas;
- Coreia: 92,9 mil toneladas;
- Malásia: 86,7 mil toneladas;
- Vietnã: 66,2 mil toneladas;
- Tailândia: 60,3 mil toneladas.

Os maiores importadores líquidos de leite em pó integral, no mesmo período, foram:

- China: 562,4 mil toneladas;
- Argélia: 163,4 mil toneladas;
- Arábia Saudita: 77,5 mil toneladas;
- Nigéria: 67,7 mil toneladas;
- Indonésia: 48,5 mil toneladas;
- Brasil: 41,3 mil toneladas.

Entre os maiores exportadores, o estudo da OECD/FAO estima, na comparação da média entre 2012/14 e 2024, que a Nova Zelândia deve reduzir a sua participação no mercado mundial de manteiga (7,5%), queijo (1%), e de leite em pó desnatado (9,6%), ganhando participação em leite em pó integral (9,8%).

A Austrália deve perder participação, na comparação dos dois períodos, em leite em pó desnatado (9,6%) e leite em pó integral (13,9%), ganhando participação em manteiga (28,9%) e queijo (30,5%).

A União Europeia deve aumentar a sua participação no mercado mundial de manteiga (69,5%), queijo (34,6%), leite em pó desnatado (24,7%) e integral (14,5%).

Os Estados Unidos ganham participação no mercado internacional de manteiga (76,2%), queijo (57,1%) e leite em pó desnatado (15,5%).

A Argentina deve reduzir a sua participação no mercado mundial de manteiga (38,7%) e leite em pó integral (3,0%) e aumentará a sua participação no comércio mundial de queijo (12,5%).

O comércio internacional de lácteos é crescentemente influenciado pelo grande número de Acordos de Livre Comércio e Acordos Regionais de Comércio, em vigor e em negociação, ampliando a demanda, melhorando as condições de acesso e viabilizando acordos de sanidade.

Tabela 2
Lácteos: principais exportadores líquidos, históricos e estimados, 2012 a 14 e 2024
em mil t e %

País	2012 - 14	Part. %	2024	Part. %	Var. Participação %
Manteiga					
Nova Zelândia	464,8	51,7%	513,4	47,8%	-7,5%
UE - 28	90,4	10,0%	182,9	17,0%	69,5%
Estados Unidos	52,5	5,8%	110,4	10,3%	76,2%
Austrália	27,2	3,0%	41,8	3,9%	28,9%
Argentina	22,7	2,5%	16,6	1,5%	-38,7%
Países acima	657,56	73,1%	865,08	80,6%	10,2%
MUNDO	899,7	100,0%	1.073,9	100,0%	0,0%
Queijo					
UE - 28	674,5	28,1%	1.120,9	37,9%	34,6%
Nova Zelândia	285,7	11,9%	349,3	11,8%	-1,0%
Estados Unidos	170,5	7,1%	330,8	11,2%	57,1%
Austrália	86,7	3,6%	139,7	4,7%	30,5%
Argentina	56,8	2,4%	78,9	2,7%	12,5%
Países acima	1.274,2	53,1%	2.019,6	68,2%	28,3%
MUNDO	2.397,4	100,0%	2.960,6	100,0%	0,0%
Leite em pó desnatado					
Estados Unidos	514,5	26,0%	812,8	30,1%	15,5%
UE - 28	500,2	25,3%	852,7	31,5%	24,7%
Nova Zelândia	413,9	20,9%	511,8	18,9%	-9,6%
Austrália	139,6	7,1%	172,6	6,4%	-9,6%
Países acima	1.053,7	53,3%	1.537,1	56,9%	6,7%
MUNDO	1.976,9	100,0%	2.703,3	100,0%	0,0%
Leite em pó integral					
Nova Zelândia	1.188,3	51,2%	1.757,6	56,2%	9,8%
UE - 28	377,5	16,3%	581,8	18,6%	14,5%
Argentina	208,3	9,0%	272,2	8,7%	-3,0%
Austrália	87,2	3,8%	101,1	3,2%	-13,9%
Países acima	1.861,3	80,2%	2.712,7	86,8%	8,2%
MUNDO	2.320,6	100,0%	3.124,7	100,0%	0,0%

Fonte: OECD/FAO.

Nota: As exportações mundiais referem-se ao conceito de exportações totais.

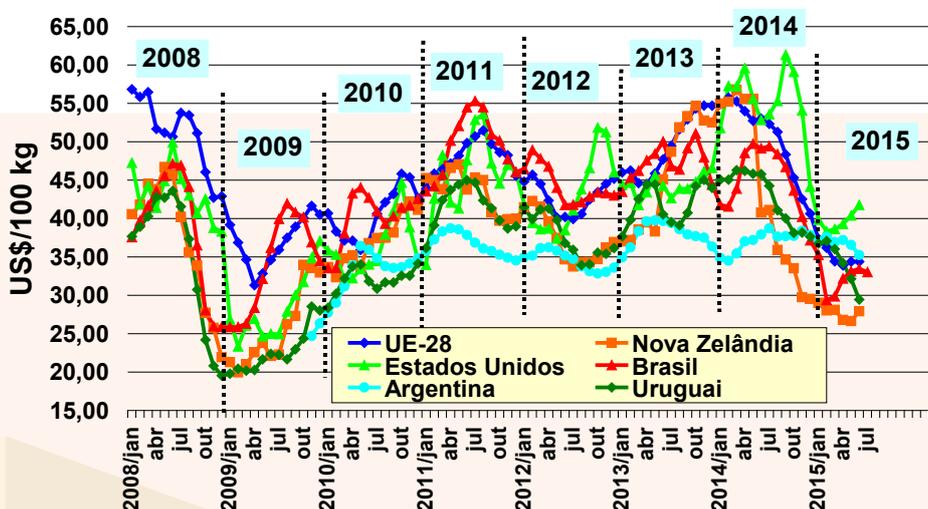
1.5. Preços internacionais: ao produtor e de *commodities* lácteas

Os preços médios pagos ao produtor nos principais países produtores, na comparação da média entre julho/2013 a junho/2014 e julho/2014 a junho/2015, cotados em dólares norte-americanos, evoluíram da seguinte forma (Gráfico 10):

- União Europeia: -23,7% (US\$ 53,62/100kg para US\$ 40,92/100kg);
- Nova Zelândia: -41,4% (de US\$ 52,72/100kg para US\$ 30,92/100kg);
- Estados Unidos: -6,1% (de US\$ 50,19/100 kg para US\$ 47,15/100 kg);
- Brasil: -18,1% (de US\$ 46,70/100 kg para US\$ 38,24/100 kg);
- Uruguai: -15,6% (de US\$ 43,90/100 kg para US\$ 37,08/100 kg);
- Argentina: 1% (de US\$ 37,04/100 kg para US\$ 37,39/100 kg).

Gráfico 10

Preços pagos ao produtor na UE (28), Nova Zelândia, Estados Unidos (até jun), Brasil (até jul), Argentina e Uruguai (até jun)- jan/2008 a jul/2015 - em US\$/100 kg



Preços médios pagos ao produtor - jul 2013 a jun 2014 / jul 2014 a jun 2015 - em US\$/100 kg

País/região	jul 2013 a jun 2014	jul 2014 a jun 2015	Var. %
UE (28)	53,62	40,92	-23,7%
Nova Zelândia	52,72	30,92	-41,4%
Estados Unidos	50,19	47,15	-6,1%
Brasil	46,70	38,24	-18,1%
Uruguai	43,90	37,08	-15,6%
Argentina	37,04	37,39	1,0%

Fonte: LTO Nederland, MINAGRI, INALE e CEPEA. MHF/ago 15.

A redução dos preços pagos ao produtor, cotados em dólares, nos principais países e regiões exportadoras, com exceção de uma leve alta no caso da Argentina, refletiu a redução acentuada dos preços internacionais das *commodities* lácteas a partir do início de 2014.

Na comparação da média de preços nominais dos últimos dez anos (2005 a 2014) com os preços nominais estimados para os próximos dez anos (2015 a 2024), encontram-se os seguintes resultados para as principais *commodities* lácteas (Gráfico 11):

- manteiga, preço médio evoluindo de US\$ 3.245,3/t para US\$ 3.653,5/t, ou seja, 12,6%;
- queijo, com preço médio evoluindo de US\$ 3.818,5/t para US\$ 4.298,6/t, ou seja, 12,6%;
- leite em pó desnatado, preço médio evoluindo de US\$ 3.245,0/t para US\$ 3.328,2/t, ou seja, 2,6%;
- leite em pó integral, com preço médio evoluindo de US\$ 3.398,5/t para US\$ 3.445,9/t, ou seja, 1,4%.

As projeções da OECD/FAO indicam que os preços reais devem voltar a declinar, acompanhando o comportamento esperado para os preços dos demais produtos da agropecuária, mantendo-se, no entanto, acima dos verificados no período anterior à 2007.

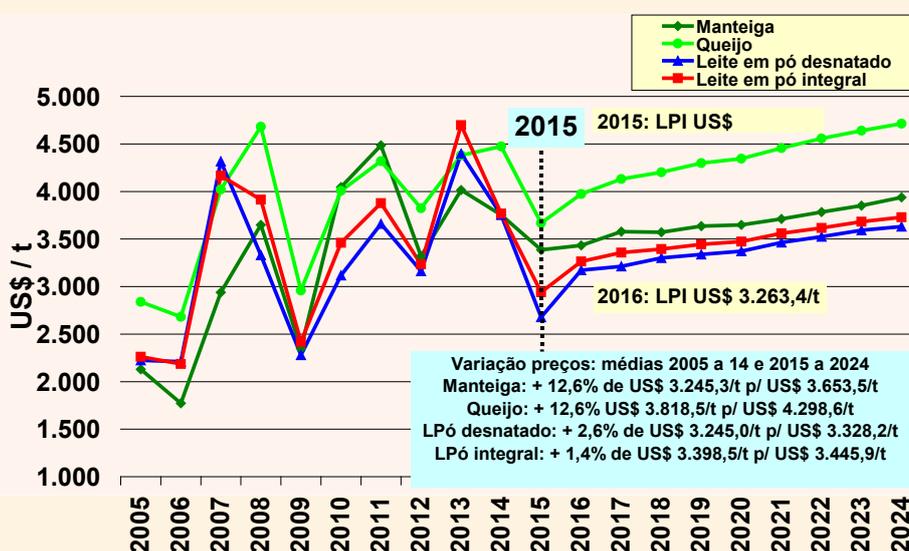
Os preços internacionais nominais das principais *commodities* lácteas apresentaram expressiva redução a partir de janeiro/2014, devido ao aumento expressivo da produção mundial e dos principais exportadores em 2014, impulsionada pelos altos preços de 2013; ao expressivo recuo da demanda chinesa por leite em pó integral, com recuperação da produção interna (8,6% em 2014) e aumento de estoques; e à implementação do embargo russo às importações de lácteos com origem na União Europeia, Estados Unidos, Austrália, Canadá e Noruega.

A redução da produção dos principais países produtores em 2015 (de 3,9% para 1,1%) e dos cinco principais exportadores (de 3,7% para 0,4%), as projeções de aumento da demanda internacional - mesmo que a taxas consideravelmente menores, principalmente na Ásia e África, com a China reduzindo o aumento da sua produção interna para 0,7% em 2015 e utilizando seus estoques - indicam que os preços internacionais devem se recuperar a partir de meados de 2016.

Nos próximos dez anos, o aumento da renda, da população, a globalização das dietas e a demanda crescente por lácteos e demais proteínas animais pelos países em desenvolvimento, impulsionando a demanda por importações, serão fatores de suporte aos preços internacionais.

Gráfico 11

Preços internacionais nominais, históricos e estimados, de manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, 2005 a 2024



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15

Para 2015, as projeções da OECD/FAO estimam um preço médio anual de US\$ 3.386,7/t para o preço da manteiga (queda de 9,8% na comparação com o ano anterior); de US\$ 3.667,5/t para o queijo (queda de 18% na comparação com 2014); de US\$ 2.678,4/t para o leite em pó desnatado (queda de 28,6% na comparação com o ano anterior); e de US\$ 2.940,6/t para o leite em pó integral (queda de 22,0% na comparação com 2014).

2. Mercado nacional

2.1. Produção, consumo e comércio de leite e derivados

A Tabela 3 apresenta o quadro de oferta e demanda em equivalente leite no Brasil entre 2010 e 2016, sendo estimativas as informações para os dois últimos anos.

A produção nacional de leite aumentou a uma taxa média anual de 4,3% a.a. entre 2010 e 2014, evoluindo de 30,7 bilhões para 36,3 bilhões de litros (estimativa para o último ano). Para 2015, estima-se um crescimento de 4% na produção, podendo alcançar 37,7 bilhões de litros e, para 2016, crescimento de 4,2%, ou 39,3 bilhões de litros.

No mesmo período, a produção sob inspeção aumentou a uma taxa média anual de 4,2% a.a., alcançando 24,7 bilhões de litros em 2014, ou 68,3% da produção total. Estima-se um aumento de 4% em 2015 e de 4,2% em 2016, ou seja, uma produção sob inspeção federal, estadual ou municipal para o próximo ano de 26,8 bilhões de litros.

Tabela 3
Brasil: Quadro de oferta e demanda de leite (equivalente) ***
2010 a 2016 (est) - Em milhões de litros

Ano	Produção Total		Produção sob inspeção			Exportações			Importações			Consumo int. total aparente	Consumo per capita **	
	Total	Var %	Total	Var %	Sob insp. total %	Total	Var %	Xs/ Prod. Insp. %	Total	Var %	Ms/ Prod. Insp. %		Litros/hab	Var %
2010	30.715	5,6%	20.976	7,0%	68,3%	428	24,8%	2,0%	789	-0,4%	3,8%	31.076	159,0	4,2%
2011	32.096	4,5%	21.795	3,9%	67,9%	126	-70,6%	0,6%	1.219	54,5%	5,6%	33.189	168,1	5,8%
2012	32.304	0,6%	22.338	2,5%	67,9%	117	-7,5%	0,5%	1.278	4,8%	5,7%	33.466	168,0	-0,1%
2013	34.255	6,0%	23.553	5,4%	68,4%	134	14,6%	0,6%	1.071	-16,2%	4,5%	35.193	175,1	4,2%
2014 *	36.311	6,0%	24.741	5,0%	68,3%	450	237,4%	1,8%	727	-32,1%	2,9%	36.587	180,8	3,3%
2015 *	37.763	4,0%	25.731	4,0%	68,0%	508	12,8%	2,0%	698	-4,0%	2,7%	37.953	185,7	2,7%
2016 *	39.349	4,2%	26.811	4,2%	68,2%	532	4,7%	2,0%	671	-3,9%	2,5%	39.488	191,3	3,0%

Legenda: * Estimativas para a produção total em 2014, 2015 e 2016 e produção sob inspeção em 2015 e 2016. Estimativas para as exportações e importações em 2015 e 2016.

** População estimada residente em 1º de julho (Fonte: IBGE).

*** Leite de vaca.

Fonte: IBGE, MDIC/Alice, MAPA/AGE, Embrapa/SGE, OCB/CBCL, CNA, Leite Brasil e Embrapa Gado de Leite

O aumento da produção interna irá depender da evolução dos custos de produção (principalmente dos preços dos grãos forrageiros, da mão-de-obra e energia e do custo de manutenção de pastagens) relativamente aos preços pagos; da disponibilidade de terras apropriadas para pastagens e água; e da ocorrência de condições climáticas apropriadas, fatores aliados à retomada do crescimento econômico, da renda, expansão do mercado consumidor interno e acesso aos mercados externos.

As exportações aumentaram a uma taxa média de 1,3% a.a., entre 2010 e 2014, e as importações recuaram 2% a.a., no mesmo período. Em 2015, as exportações devem aumentar 12,8%, alcançando 508 milhões de litros, e para as importações estima-se uma redução de 4%, devendo situar-se em 698 milhões de litros, resultando em uma balança comercial de lácteos deficitária em 190 milhões de litros. Para 2016, prevê-se uma continuidade do crescimento das exportações (4,7%) e redução das importações (3,9%).

Estima-se que o consumo *per capita* nacional de equivalente leite aumentou 13,7% entre 2010 e 2014, a uma taxa média anual de 3,3% a.a., evoluindo de 159 litros/*per capita*/ano para 180,8 litros/*per capita*/ano, ainda bastante inferior ao consumo aparente em 2012 na Argentina, de 214,4 litros/*per capita*/ano e no Uruguai, de 246 litros/*per capita*/ano.

O consumo interno previsto para 2015 é de 185,7 litros/*per capita*/ano e para 2016 de 191,3 litros/*per capita*/ano. A média para os países desenvolvidos, em 2015, está estimada em 222,5 kg/*per capita*/ano e a dos países em desenvolvimento em 78,9 kg/*per capita*/ano.

A Tabela 4 mostra a evolução da produção sob inspeção no país, regiões e estados, entre 2011 e 2015 (até março). No primeiro trimestre de 2015, após uma redução de 16,5% no preço médio nacional pago ao produtor entre maio/2014 e fevereiro/2015, a produção recuou 1% relativamente ao mesmo trimestre do ano anterior, situando-se em 6,127 bilhões de litros.

Enquanto as regiões Nordeste e Sul aumentaram as suas produções nesse primeiro trimestre em 4,4% e 3,3%, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano anterior, as demais regiões reduziram as suas produções: Norte (11,8%); Sudeste (2,4%); e Centro-Oeste (5,1%).

Na região Sudeste, principal região produtora, que representou 40,2% da produção de leite sob inspeção em 2014, todos os estados reduziram suas produções no primeiro trimestre em comparação com o mesmo período do ano anterior: Minas Gerais (1,4%); Espírito Santo (10%); Rio de Janeiro (7,8%); e São Paulo (3%).

Na região Sul, segunda maior região produtora, que representou 35,3% da produção inspecionada em 2014, apenas o Rio Grande do Sul reduziu a sua produção no primeiro trimestre (0,4%), enquanto Paraná (3,8%) e Santa Catarina (9,7%) aumentaram.

Na região Centro-Oeste, que representou 14,2% da produção inspecionada em 2014, a evolução da produção no primeiro trimestre, na comparação com o mesmo período do ano anterior, foi a seguinte: Mato Grosso do Sul (aumento de 20%); Mato Grosso (queda de 8,2%); Goiás (queda de 6,5%); e Distrito Federal (aumento de 4,3%).

Na região Norte, que representou 4,9% da produção nacional inspecionada em 2014, a evolução da produção por estados no primeiro trimestre foi a seguinte: Rondônia (queda de 6,2%); Acre (aumento de 5,3%); Amazonas (queda de 17,1%); Roraima (aumento de 8,9%); Pará (queda de 22,9%); e Tocantins (queda de 18,1%).

Na região Nordeste, que respondeu por 5,3% da produção sob inspeção em 2014, apenas as produções de Alagoas (12,5%) e Bahia (1,8%) diminuíram no primeiro trimestre, sendo

que os demais estados aumentaram: Maranhão (3,4%); Piauí (9,8%); Ceará (10%); Rio Grande do Norte (1,2%); Paraíba (10,9%); Pernambuco (10,5%); e Sergipe (9,3%).

Tabela 4
Produção de leite sob inspeção (federal, estadual e municipal), 2011 a 2015 (jan a mar), por estados, regiões e total Brasil - em mil litros

Brasil/ Regiões/Es- tados	2011	2012	2013	2014	Janeiro a Março			Part. Prod. 2014 %	Variação		
					2014	2015	Var. %		2014/ 2013 %	2013/ 2012 %	2011 a 2014 % aa
Brasil	21.795.000	22.338.333	23.552.830	24.747.038	6.188.957	6.127.998	-1,0%	100,0%	5,1%	5,4%	4,3%
RO	782.958	768.650	782.427	760.087	192.492	180.502	-6,2%	3,1%	-2,9%	-1,1%	-1,0%
AC	11.177	14.347	12.516	11.826	2.656	2.797	5,3%	0,0%	-5,5%	-17,6%	1,9%
AM	3.972	5.073	5.499	5.651	1.227	1.017	-17,1%	0,0%	2,8%	11,4%	12,5%
RR	317	1.059	1.613	1.507	326	355	8,9%	0,0%	-6,6%	42,3%	68,1%
PA	308.379	297.471	320.436	311.397	79.185	61.043	-22,9%	1,3%	-2,8%	4,7%	0,3%
TO	118.718	116.748	135.958	127.946	35.577	29.123	-18,1%	0,5%	-5,9%	9,6%	2,5%
Norte	1.225.520	1.203.348	1.258.449	1.218.414	311.463	274.837	-11,8%	4,9%	-3,2%	1,3%	-0,2%
MA	62.916	69.824	77.960	84.450	20.562	21.257	3,4%	0,3%	8,3%	20,9%	10,3%
PI	9.663	13.214	15.820	19.151	4.303	4.723	9,8%	0,1%	21,1%	44,9%	25,6%
CE	252.461	226.754	222.450	270.907	61.089	67.196	10,0%	1,1%	21,8%	19,5%	2,4%
RN	69.041	58.777	47.398	48.569	11.816	11.956	1,2%	0,2%	2,5%	-17,4%	-11,1%
PB	51.199	48.039	41.303	54.025	11.825	13.118	10,9%	0,2%	30,8%	12,5%	1,8%
PE	273.350	271.938	211.931	227.634	52.904	58.465	10,5%	0,9%	7,4%	-16,3%	-5,9%
AL	100.809	79.971	74.524	79.858	18.167	15.894	-12,5%	0,3%	7,2%	-0,1%	-7,5%
SE	125.169	116.737	127.844	169.137	36.140	39.506	9,3%	0,7%	32,3%	44,9%	10,6%
BA	408.583	331.489	326.532	363.629	94.719	93.003	-1,8%	1,5%	11,4%	9,7%	-3,8%
Nordeste	1.353.191	1.216.743	1.145.762	1.317.360	311.525	325.118	4,4%	5,3%	15,0%	8,3%	-0,9%
MG	5.648.763	5.546.817	6.171.001	6.589.511	1.706.134	1.683.093	-1,4%	26,6%	6,8%	18,8%	5,3%
ES	295.642	302.209	302.844	320.970	87.551	78.787	-10,0%	1,3%	6,0%	6,2%	2,8%
RJ	326.886	387.195	496.350	511.718	132.648	122.357	-7,8%	2,1%	3,1%	32,2%	16,1%
SP	2.515.106	2.332.034	2.531.510	2.524.793	634.825	615.684	-3,0%	10,2%	-0,3%	8,3%	0,1%
Sudeste	8.786.396	8.568.255	9.501.705	9.946.992	2.561.158	2.499.921	-2,4%	40,2%	4,7%	16,1%	4,2%
PR	2.429.652	2.589.353	2.818.337	2.972.084	725.944	748.219	3,1%	12,0%	5,5%	14,8%	6,9%
SC	1.795.887	2.103.820	2.117.665	2.339.723	518.527	568.625	9,7%	9,5%	10,5%	11,2%	9,2%
RS	3.196.155	3.551.609	3.459.966	3.430.747	849.860	846.585	-0,4%	13,9%	-0,8%	-3,4%	2,4%
Sul	7.421.693	8.244.782	8.395.968	8.742.554	2.094.331	2.163.429	3,3%	35,3%	4,1%	6,0%	5,6%
MS	200.699	209.940	197.812	206.459	55.464	66.555	20,0%	0,8%	4,4%	-1,7%	0,9%
MG	542.511	584.374	595.004	618.000	163.337	150.004	-8,2%	2,5%	3,9%	5,8%	4,4%
GO	2.237.105	2.290.603	2.445.863	2.685.137	689.265	644.765	-6,5%	10,9%	9,8%	17,2%	6,3%
DF	27.887	20.292	12.270	12.124	3.231	3.369	4,3%	0,0%	-1,2%	-40,3%	-24,2%
Centro-Oeste	3.008.199	3.105.209	3.250.949	3.521.720	911.297	864.693	-5,1%	14,2%	8,3%	13,4%	5,4%

Fonte: IBGE / Pesquisa Trimestral do Leite.

Notas: 1) Os dados referentes ao ano de 2014 são resultados preliminares.

2) A partir do 1º trimestre de 2006 os dados das Unidades da Federação com menos de 3 (três) informantes estão desidentificados com o caracter X.

Relativamente aos principais derivados lácteos, as projeções da OECD/FAO estimam os seguintes crescimentos da produção brasileira, entre o período 2012/14 e 2024 (Tabela 5 e Gráficos 12 a 15):

• 12,1% para a manteiga, evoluindo de 83,5 mil para 93,6 mil toneladas;

- 20,5% para o queijo, cuja produção deve aumentar de 719,3 mil para 867,1 mil toneladas em 2024;
- 17,8% para o leite em pó desnatado, evoluindo de 148,6 mil toneladas no período 2012/14 para 175,1 mil toneladas ao final do período;
- 37% para o leite em pó integral, que deve aumentar de 546,6 mil para 749 mil toneladas em 2024.

Tabela 5
Brasil: produção de derivados
perspectivas para 2024 (base: média 2012-14)

Derivado	2012 - 14	2024	Var. %
Manteiga	83,5	93,6	12,1%
Queijo	719,3	867,1	20,5%
Leite em pó desnatado	148,6	175,1	17,8%
Leite em pó integral	546,6	749,0	37,0%
Uruguai	43,90	37,08	-15,6%

Fonte: OECD/FAO

Para os quatro derivados lácteos mais importantes, o país permanecerá, com exceção da manteiga, nos próximos dez anos, um importador líquido, complementando o abastecimento interno. Na comparação do período 2012/14 com a projeção para 2024, o país diminuirá suas importações líquidas de manteiga em 1,6 mil toneladas, para uma exportação líquida de 0,05 mil toneladas, alcançando superávit no final do período (queda de 103%). O Brasil deve reduzir o seu comércio líquido de queijo de 23,8 mil para 14,7 mil toneladas (queda de 38,1%). As importações líquidas de leite em pó desnatado aumentarão levemente de 20,4 mil para 21,4 mil toneladas (aumento de 4,6%). E as importações líquidas de leite em pó integral devem reduzir de 41,3 mil para 40,4 mil toneladas (queda de 2%).

Gráfico 12
Brasil - manteiga: produção, consumo e comércio líquido, históricos e estimados, 2005 a 2024 - em mil t

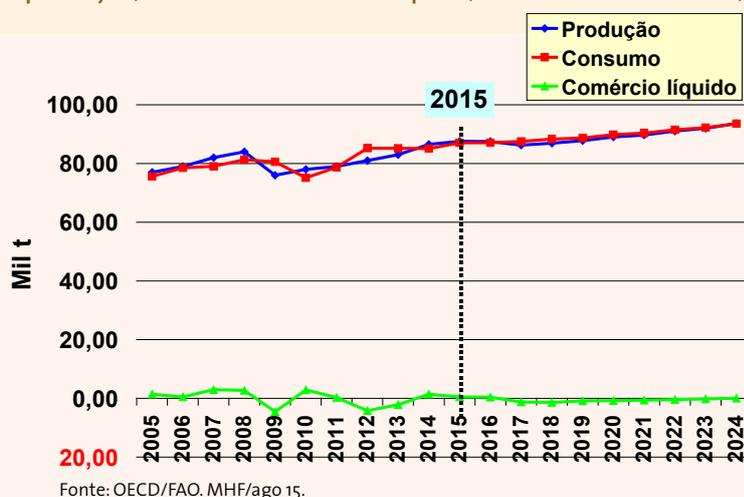
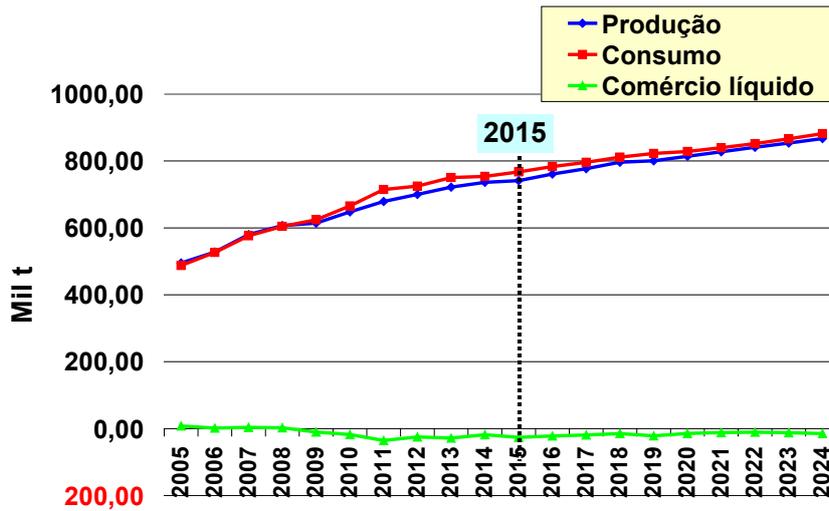


Gráfico 13

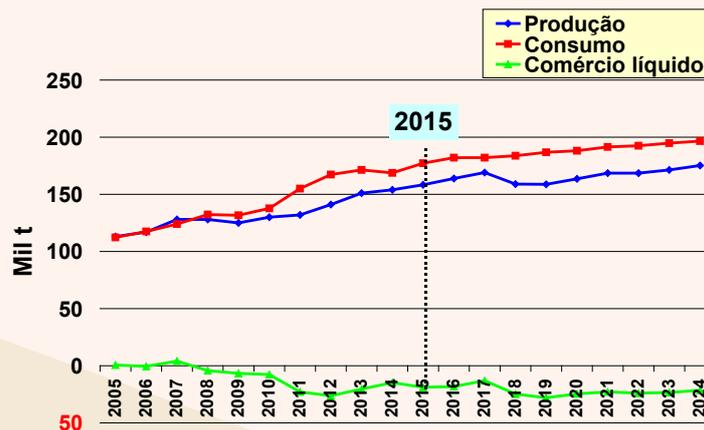
Brasil - Queijo: Produção, consumo e comércio líquido, históricos e estimados, 2005 a 2024 - em mil t



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15.

Gráfico 14

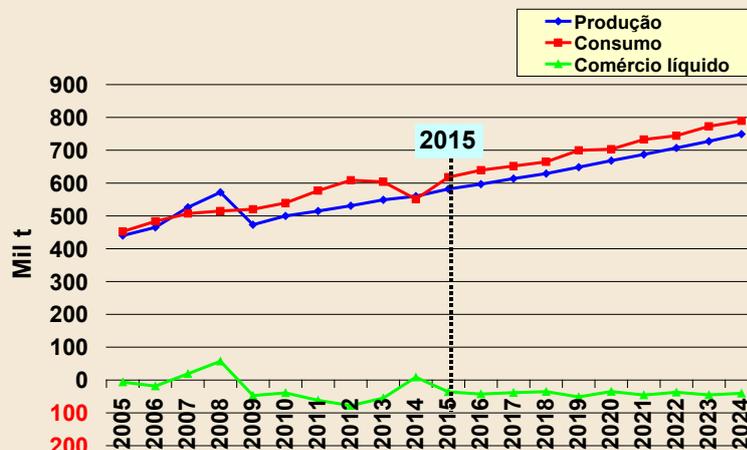
Brasil - Leite em pó desnatado: Produção, consumo e comércio líquido, históricos e estimados, 2005 a 2024 - em mil t



Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15.

Gráfico 15

Brasil - Leite em pó integral: Produção, consumo e comércio líquido, históricos e estimados, 2005 a 2024 - em mil t



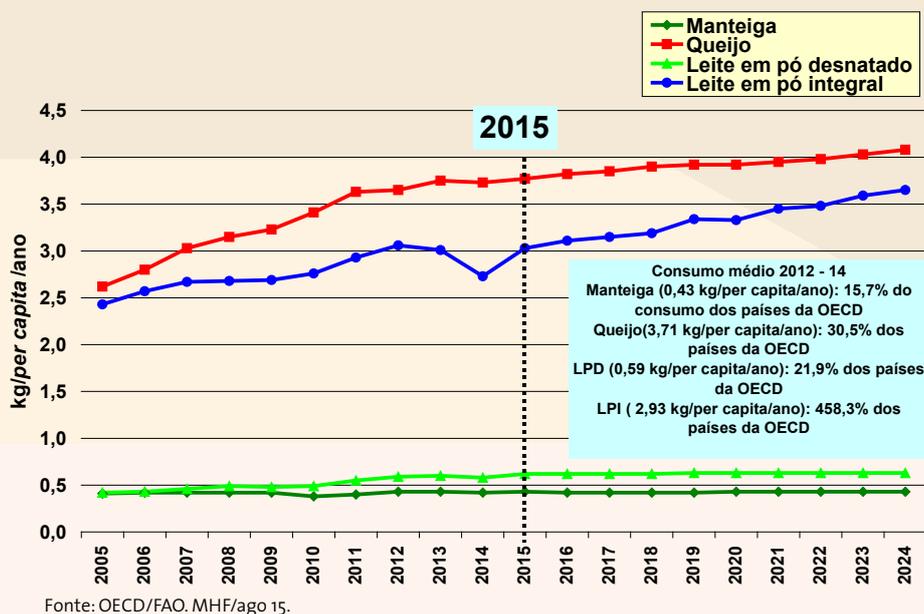
Fonte: OECD/FAO. MHF/ago 15.

Ainda conforme o relatório da OECD/FAO, Agricultural Outlook 2015 - 2024, o consumo nacional de manteiga por habitante deverá permanecer aproximadamente constante, entre a média do período 2012/14 e 2024, em torno de 0,43 kg/*per capita*/ano. O de queijo deverá aumentar 10%, de 3,71 para 4,08 kg/*per capita*/ano. O de leite em pó desnatado, deverá aumentar 6,8%, de 0,59 para 0,63 kg/*per capita*/ano em 2024. O de leite em pó integral deverá evoluir de 2,93 kg/*per capita*/ano na média do período 2012/14 para 3,65 kg/*per capita*/ano em 2024, ou seja, aumento 24,4% (Gráfico 16).

A comparação do consumo *per capita* anual dos quatro principais derivados lácteos no Brasil e nos países da OECD mostra os seguintes quantitativos, para a média do período 2012/14, respectivamente:

- manteiga: 0,43 kg/*per capita* e 2,71 kg/*per capita*, ou 15,7% do consumo dos países da OECD;
- queijo: 3,71 kg/*per capita* e 12,17 kg/*per capita*, ou 30,5 % do consumo dos países da OECD;
- leite em pó desnatado: 0,59 kg/*per capita* e 2,69 kg/*per capita*, ou 21,9% do consumo dos países da OECD;
- leite em pó integral: 2,93 kg/*per capita* e 0,64 kg/*per capita*, ou 458,3% do consumo dos países da OECD.

Gráfico 16
Brasil - Consumo *per capita*, histórico e estimado, de manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, 2005 a 2024 - em kg/*per capita*/ano



De acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o rebanho brasileiro de vacas ordenhadas foi de 22,9 milhões de cabeças em 2013, um aumento de 0,7% na comparação com o ano anterior.

A Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA Brasil) estima, com base em informações de junho/2015, que o valor bruto da produção primária de leite em 2015 deverá alcançar R\$ 35,9 bilhões, uma redução de 7,9% na comparação com o ano anterior, sendo que o valor bruto total da produção agrícola e pecuária deverá evoluir 5,8%, de R\$ 452,1 bilhões em 2014 para R\$ 478,3 bilhões em 2015.

2.2. Preços pagos ao produtor e preços dos derivados

O Gráfico 17 apresenta os preços nominais, entre janeiro/2011 e julho/2015, e as quantidades produzidas de leite sob inspeção no Brasil, entre janeiro/2011 e março/2015.

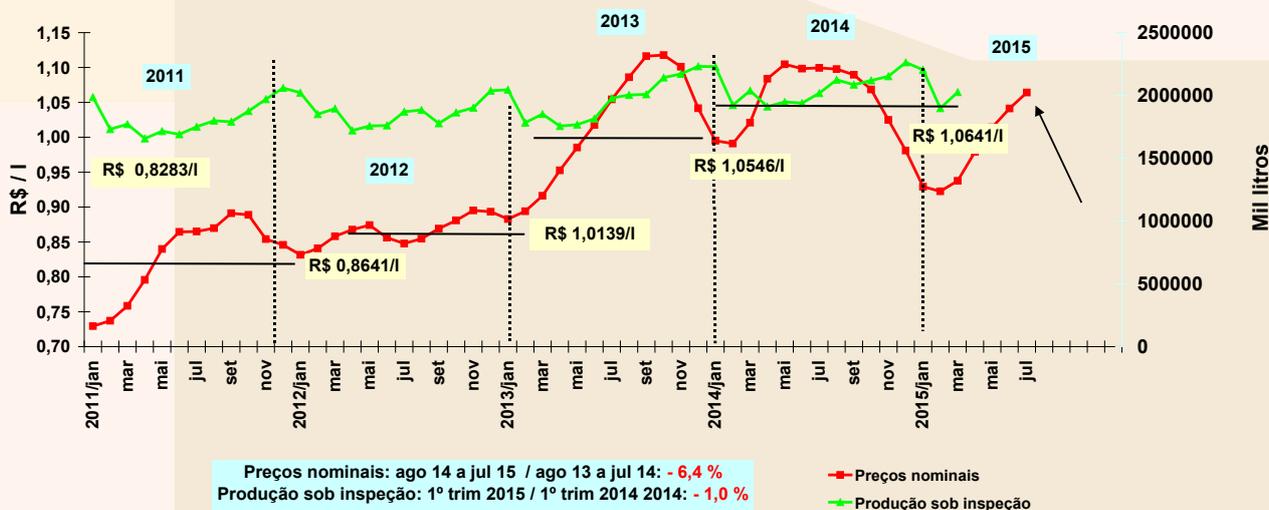
Na comparação do período agosto/2014 a julho/2015 com o período agosto/2013 a julho/2014, houve uma redução de 6,4% nos preços nominais médios pagos ao produtor (de R\$ 0,9907/l para R\$ 0,9269/l).

Na comparação do primeiro trimestre de 2015 com o mesmo período do ano anterior, a produção sob inspeção recuou 1%, evoluindo de 6,188 bilhões para 6,127 bilhões de litros. O recuo previsto no crescimento da demanda interna devido à recessão econômica, na ausência de compensação de crescimento da demanda externa, deverá limitar os aumentos dos preços dos derivados no varejo, com pressão de baixa nos preços no atacado e pagos ao produtor, principalmente com o início da estação produtiva no segundo semestre.

Na cidade de São Paulo, na média do período agosto/2014 a julho/2015, comparativamente aos doze meses anteriores, os preços no atacado dos derivados lácteos apresentaram as seguintes modificações:

- manteiga: aumento de 5,6%;
- queijo tipo prato: aumento de 0,2%;
- queijo mussarela: aumento de 0,9%;
- leite longa vida: queda de 3,1%;
- leite tipo C: aumento de 2,5%;
- leite em pó integral: queda de 3,3%.

Gráfico 17
Brasil: preços nominais pagos ao produtor (até jul 15) e quantidades adquiridas pelos laticínios (até mar 2015), jan/2011 a jul/2015 - em R\$/l e mil litros



Fonte: IBGE e CEPEA. MHF/ago 15.

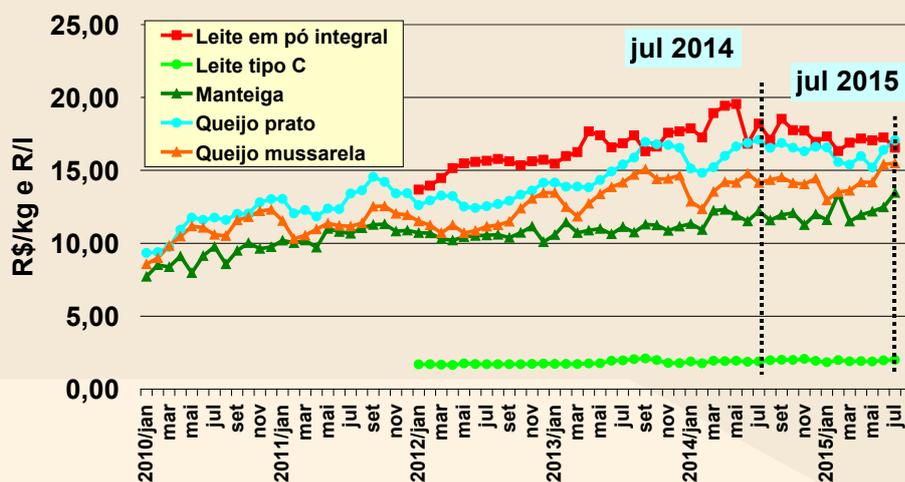
No varejo, os preços apresentaram o seguinte comportamento, na comparação da média dos dois períodos (Gráficos 18 e 19):

- leite em pó integral: aumento de 3,7%;
- manteiga: aumento de 7%;
- leite condensado: aumento de 3,9%;
- leite tipo C: aumento de 3,4%;
- queijo tipo prato: queda de 1,5%;
- queijo mussarela: queda de 0,7%;
- leite longa vida: queda de 1,3%.

Na comparação da média dos dois períodos, o IGP-M (Índice Geral de Preços - Mercado) apresentou variação de 4,2%.

Gráfico 18

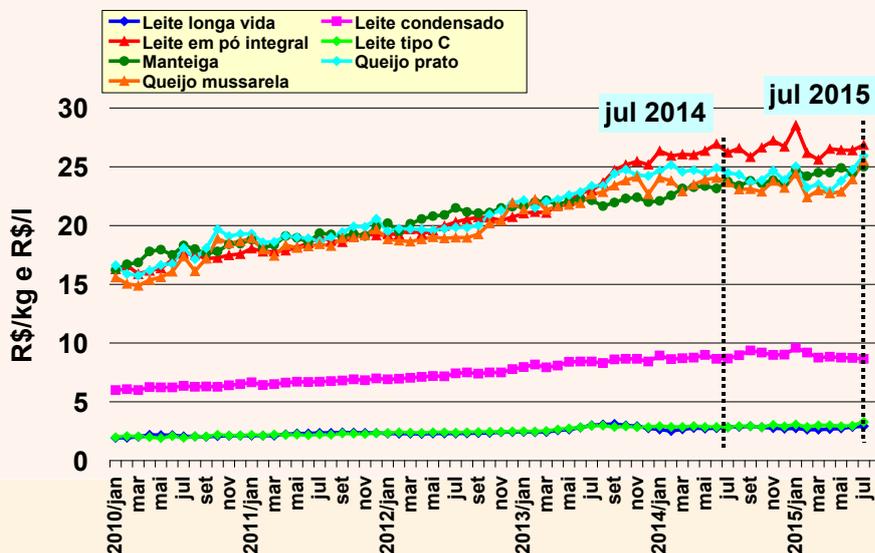
São Paulo (cidade): Preços no atacado de leite em pó integral, leite longa vida, leite tipo C, queijo tipo prato, queijo mussarela e manteiga, jan/2010 a jul/2015 - em R\$/kg e R\$/l



Fonte: IEA. MHF/ago 15.

Gráfico 19

São Paulo (cidade): Preços no varejo do leite em pó integral, leite longa vida, leite tipo C, leite condensado, queijo tipo prato, queijo mussarela e manteiga, jan/2010 a jul/2015 - Em R\$/kg e R\$/l



Fonte: IEA. MHF/ago 15.

2.3. Balança comercial de lácteos

Após o aumento das exportações em 254,3%, em 2014, e redução de 25,1% das importações, reduzindo o déficit em 78,4%, em valor, as exportações voltaram a recuar e as importações apresentaram pequeno aumento em 2015, até julho.

Até julho, a balança comercial de lácteos (NCMs 0401 0000 a 0406 9999) apresentou déficit de US\$ 103,8 milhões, tendo sido de US\$ 53,2 milhões no mesmo período do ano anterior, com exportações de US\$ 143,2 milhões e importações de US\$ 246,9 milhões. As exportações apresentaram redução de 25,9% e as importações aumentaram 0,3%, ambas em valor, na comparação com o mesmo período do ano anterior (Gráfico 20).

Entre janeiro e julho foram importadas 31 mil toneladas de leite em pó integral - NCM 0402 2110 - (US\$ 94,8 milhões e US\$ 3.058,1/t), representando 38,4% do valor total importado, enquanto no mesmo período do ano anterior foram importadas 15,4 mil toneladas (US\$ 74,5 milhões e US\$ 4.822,7/t), representando 30,3% do valor total importado, aumentos de 100,6% em quantidade e de 27,2% em valor.

As origens das importações de leite em pó integral em 2015, foram:

- Uruguai: 58,6% do valor total importado, a um preço médio de US\$ 3.019,2/t;
- Argentina: 39,5% do valor total, a um preço médio de US\$ 3.121,8/t;
- Chile: 2% do valor total importado, a um preço médio de US\$ 2.981,5/t.

O segundo produto mais importado nos sete primeiros meses de 2015 foi o leite em pó desnatado (NCM 0402 1010), representando 20,6% do valor total importado ou US\$ 50,7 milhões e 16,3 mil t (US\$ 3.097,4/t); seguido pelo soro de leite (NCM 0404 1000) representando 7,7% do valor total importado no período, ou US\$ 19,1 milhões e 9,5 mil t (US\$ 1.995,8/t). Seguem-se outros vinte derivados lácteos complementando o valor total importado.

No que se refere às exportações, nos sete primeiros meses de 2015, foram exportadas 17,3 mil toneladas de leite em pó integral (NCM 0402 2110), em um valor total de US\$ 100,7 milhões (US\$ 5.800,8/t), representando 70,4% do valor total exportado, enquanto no mesmo período do ano anterior foram exportadas 23,3 mil t (US\$ 120,7 milhões e US\$ 5.177,0/t) dessa *commodity*, representando 62,5% do valor total exportado, uma redução de 25,6% em quantidade e de 16,6% em valor.

O segundo produto mais exportado nesses sete primeiros meses foi o leite condensado (NCM 0402 9900), representando 17,8% do valor total exportado ou US\$ 25,4 milhões e 11,9 mil toneladas (US\$ 2.124,3/t); seguido por outros cremes de leite (NCM 0401 5029), representando 5,3% do valor total exportado até julho, ou US\$ 7,5 milhões e 3,3 mil toneladas (US\$ 2.256,1/t). Seguem-se outros vinte e um derivados lácteos complementando o valor total exportado nesse ano.

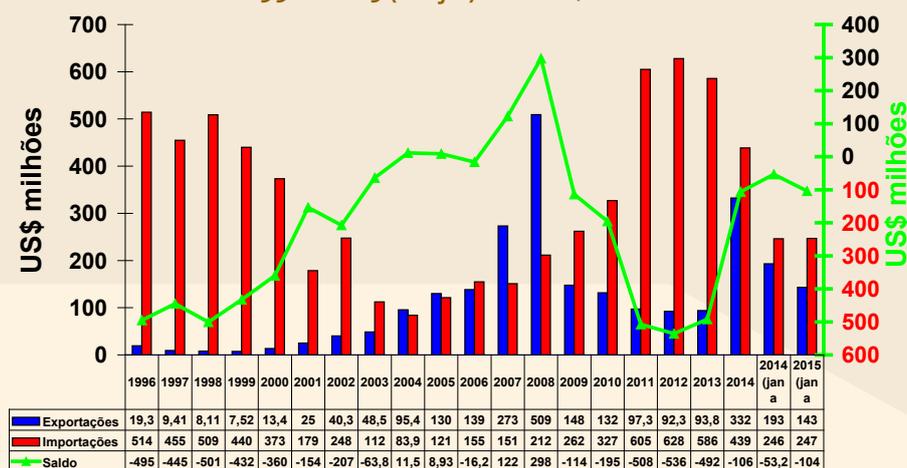
Nos primeiros sete meses de 2015, as exportações brasileiras totais de lácteos foram destinadas a um total de trinta e nove países, sendo os principais, em valor total exportado:

- Venezuela: 70,9%;
- Arábia Saudita: 5,7%;
- Angola: 4,1%;
- Emirados Árabes Unidos: 3,1%;
- Filipinas: 1,7%;
- Outros países representaram 14,4% do valor total exportado.

No mesmo período, as importações, em valor total importado, tiveram origem em um total de dezessete países:

- Uruguai: 45,6%;
- Argentina: 41,2%;
- Estados Unidos: 3,3%;
- França: 2,5% do total;
- Países Baixos: 2,2%;
- Demais países: 5,2%.

Gráfico 20
Lácteos: balança comercial (NCMs 0401 0000 a 0406 9999),
1996 a 2015 (até jul) - Em US\$ milhões



Fonte: MDIC. MHF/ago 15.

Relativamente à defesa comercial, por intermédio da Resolução CAMEX nº 2, de 5/2/2013, publicada no DOU de 6/2/2013, permanece em vigência até 5/2/2018 o direito *anti-dumping* definitivo aplicado às importações brasileiras de leite em pó, integral ou desnatado, não fracionados, originárias da Nova Zelândia e União Europeia, comumente classificadas nos itens 0402 1010, 0402 1090, 0402 2110, 0402 2120, 0402 2910, 0402 2920 da Nomenclatura Comum do MERCOSUL – NCM, a ser recolhido sob a forma das alíquotas *ad valorem* de 3,9% para as importações originárias da Nova Zelândia e de 14,8% para as importações originárias da União Europeia.

3. Considerações finais

No cenário interno, a produção nacional de leite, que vinha crescendo a uma taxa média anual de 4,3% a.a. entre 2010 e 2014, evoluindo de 30,7 bilhões de litros para 36,3 bilhões de litros, deve aumentar 4% em 2015, uma produção estimada de 37,7 bilhões de litros e, para 2016, estima-se um aumento de 4,2%, devendo alcançar 39,3 bilhões de litros.

No mesmo período, a produção sob inspeção, que evoluiu a uma taxa média anual de 4,2% a.a. entre 2010 e 2014, alcançando 24,7 bilhões de litros e 68,3% da produção total no último ano, deve aumentar 4% em 2015 e 4,2% em 2016, ou seja, uma produção sob inspeção federal, estadual ou municipal para o próximo ano de 26,8 bilhões de litros.

Após uma redução de 16,5% no preço médio nacional pago ao produtor entre maio/2014 e fevereiro/2015, a produção sob inspeção do primeiro trimestre de 2015 recuou 1% na comparação com o mesmo período do ano anterior, passando de 6,188 bilhões para 6,127 bilhões de litros.

A balança de lácteos do corrente ano deve apresentar pequeno déficit de aproximadamente 200 milhões de litros, em equivalente leite.

O período de agosto/2014 a julho/2015, comparado com o período agosto/2013 a julho/2014, apresenta uma redução de 6,4% nos preços nominais médios pagos ao produtor (de R\$ 0,9907/l para R\$ 0,9269/l).

Estando os produtos lácteos entre os produtos agropecuários que mais recebem subsídios nos países desenvolvidos, as medidas de defesa comercial são vitais para o setor, como é o caso das medidas *anti-dumping* em vigência, que impedem a concorrência de produtos com subsídios na origem ou internalizados a preços inferiores aos verificados no mercado internacional.

O recuo estimado no crescimento da demanda interna por lácteos, devido à recessão econômica, com uma previsão de redução de 1,5% no Produto Interno Bruto no corrente ano, na ausência de compensação de crescimento da demanda externa, deverá limitar os aumentos dos preços dos derivados no varejo, com pressão de baixa nos preços no atacado e pagos ao produtor. A estimativa, com base nas informações até junho/2015, é de uma redução de 7,9% no valor bruto da produção primária de leite neste ano.

Para os próximos dez anos, as projeções do Mapa/Embrapa estimam uma diminuição da taxa média de aumento da produção nacional para 2,5% a.a. entre 2015 e 2025.

No cenário internacional, as projeções da OECD/FAO para o crescimento da produção mundial de leite de vaca e outros animais na próxima década indicam um aumento de 23,2% entre a média do período 2012/14 e 2024, a uma taxa média anual de 2,1% a.a., um acréscimo de 175,4 milhões de toneladas, evoluindo de 757,4 milhões para 932,9 milhões de toneladas, sendo que a Ásia será responsável por 55,9% do acréscimo previsto.

Para o grupo de principais países produtores de leite de vaca, entre eles os cinco principais exportadores, a produção evoluiu a uma taxa de 2,4% a.a. entre 2011 e 2014, sendo estimada em 1,1% em 2015, quando deverá alcançar 496,8 milhões de toneladas e em 1,8% em 2016, alcançando 505,9 milhões de toneladas.

A produção dos cinco principais exportadores (Nova Zelândia, União Europeia, Estados Unidos, Austrália e Argentina) deverá aumentar 0,4% em 2015, para 283,8 milhões de toneladas, ou seja, 74% das exportações em equivalente leite mundiais, e deverá aumentar adicionais 0,8% em 2016. As projeções indicam a continuidade da concentração das exportações nesses países e região, mantendo-se a Nova Zelândia como principal exportador de manteiga e leite em pó integral e a União Europeia como principal exportador de queijo e leite em pó desnatado.

As projeções da OECD/FAO para os preços internacionais das *commodities* indicam que devem permanecer pressionados até meados de 2016, devido ao excedente de oferta ainda prevalente, ao recuo da demanda chinesa, com acumulação de estoques, e ao embargo russo às importações de produtos lácteos com origem na União Europeia, Estados Unidos, Austrália, Canadá e Noruega, até agosto/2016. Refletindo esse movimento, os preços pagos ao produtor, cotados em dólares, com exceção da Argentina, apresentaram queda na comparação da média dos doze meses até junho, com o mesmo período anterior, nos principais exportadores e no Brasil.

Comparando-se os preços internacionais médios de queijos e manteiga nos últimos dez anos (2005/14) com os estimados para os próximos dez anos (2015/24), verifica-se que devem aumentar 12,6%, impulsionados pela demanda nos países desenvolvidos, enquanto o leite em pó integral aumentará 1,4% e o desnatado, 2,6%. As projeções da OECD/FAO indicam que os preços reais devem voltar a declinar, acompanhando o comportamento esperado para os preços reais dos demais produtos da agropecuária, mantendo-se, no entanto, acima dos verificados no período anterior à 2007. As importações chinesas de lácteos, mesmo com taxas substancialmente menores, permanecem como o fator determinante para a evolução dos preços internacionais.

Nos próximos dez anos, o aumento da renda e da população, a globalização das dietas e a demanda crescente por lácteos e demais proteínas animais pelos países em desenvolvimento, impulsionando a demanda por importações, serão fatores de suporte aos preços internacionais.



1. Introdução

O milho, sem dúvida, é o cereal mais produzido e consumido no mundo, como insumo principal na produção de proteína animal, na alimentação humana e, também, na produção de biocombustíveis.

O mercado de milho, nos cenários mundial e nacional, convive constantemente com uma alta volatilidade dos preços. Isso gera, muitas vezes, incerteza quanto à área e melhor época de plantio deste cereal. No Brasil, a dinâmica de plantio do milho pode ser feita em diversos momentos do ano, devido às condições edafoclimáticas diversas existentes no país, vez que há disponibilidade desse cereal praticamente o ano todo.

Um dos maiores desafios da produção de milho no Brasil é entender o momento certo de comercializar o produto, levando-se em conta aspectos como: o tamanho da produção, custos e rentabilidade, logística de armazenamento, escoamento da safra e cenário internacional.

Neste sentido, um bom planejamento por parte do setor produtivo, aliado a ferramentas que ajudem a observar as tendências e cenários futuros, pode ser fundamental para que o produtor trabalhe sua produção da forma que lhe garanta a maior lucratividade possível.

Desta feita, o objetivo deste trabalho é traçar uma análise prospectiva de preços, tendências e oportunidades para a cadeia produtiva de milho, para a safra 2015/16, observando fatores como suprimento e consumo no mundo e no Brasil, no sentido de subsidiar o setor

agrícola nacional na tomada de decisão, justamente em momento de programação de produção para a próxima safra.

2. Panorama Internacional

2.1. Oferta e demanda

O primeiro aspecto a ser analisado no contexto do mercado de milho é o balanço de oferta e demanda mundial, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que já vem trabalhando com uma estimativa de produção, consumo e estoques finais para a safra 2015/16, para todos os países produtores e demandantes.

Tabela 1
Oferta e demanda mundial de milho – agosto 2015 - em mil t

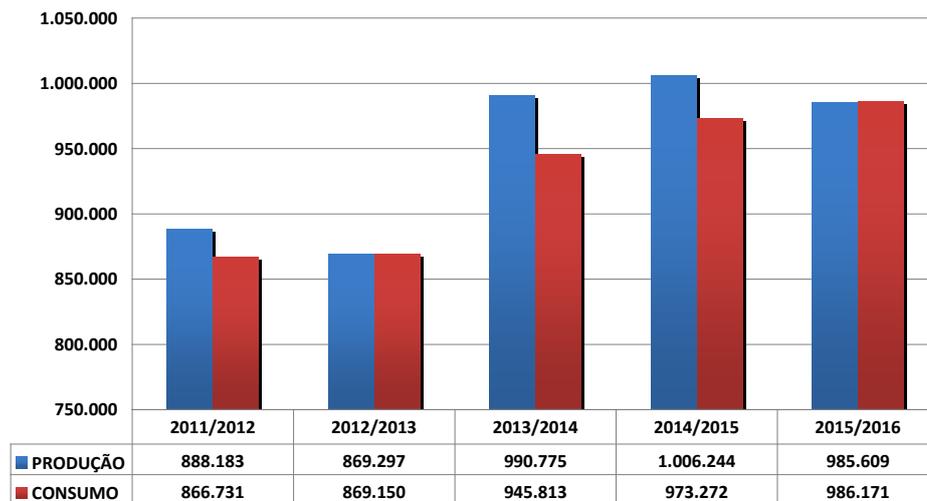
Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo ração	Consumo	Exportação	Estoque final	Estoque/Consumo
2011/12	127.692	888.183	100.149	506.457	866.731	116.899	132.394	15,3%
2012/13	132.394	869.297	99.762	518.224	869.150	95.124	137.179	15,8%
2013/14	137.179	990.775	123.926	573.739	945.813	131.100	174.967	18,5%
2014/15	174.967	1.006.244	118.573	596.916	973.272	129.092	197.420	20,3%
2015/16	197.420	985.609	121.657	605.546	986.171	123.427	195.088	19,8%

Fonte: Usda

No dia 12/08/2015, foi publicado o quadro de oferta e demanda do USDA, que aponta as seguintes considerações:

- 1 – A produção mundial atingiu o volume de 1 bilhão de toneladas na safra 2014/15, ou seja, uma evolução de 13,3% quando comparada à safra 2011/12;
- 2 – A estimativa para a safra 2015/16 é de um pequeno recuo na produção mundial, diante de uma expectativa de produção menor nos Estados Unidos, em virtude de uma redução na área plantada e, também, por uma considerável perda na União Europeia, devido à forte estiagem que tem ocorrido nas áreas produtoras;
- 3 – Outro ponto importante é a evolução do consumo mundial, com estimativa de praticamente igualar o volume de milho produzido mundialmente, significando um considerável aumento da demanda, fato que será analisado mais à frente;

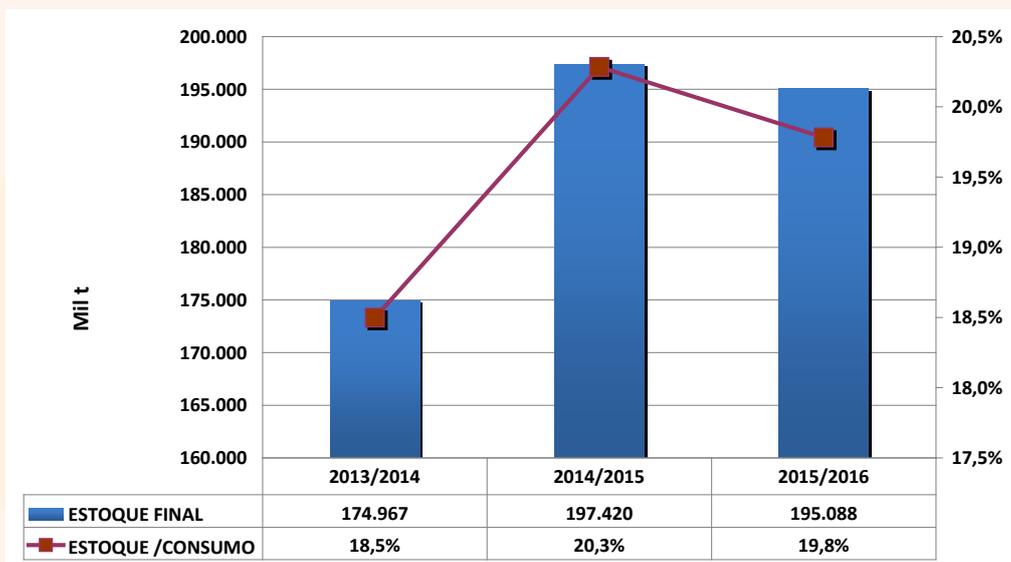
Gráfico 1
Comparativo de produção e consumo mundial de milho (mil t)



Fonte: Usda

4 – Por fim, os estoques finais, mesmo com o crescimento da demanda mundial, encontram-se bastante confortáveis, permitindo uma relação estoque/consumo de 19,8%.

Gráfico 2
Estoque final mundial de milho x relação estoque/consumo



Fonte: Usda

2.1.1. Análise da demanda mundial

Em relação à demanda mundial do grão, é importante analisar em quais países está se observando este incremento. Do ponto de vista de estratégia comercial mundial, o Brasil, como forte *player* exportador de milho, ajuda a direcionar quais são os pontos estratégicos no estabelecimento de boas relações comerciais.

Na Tabela 2, onde é apresentada uma evolução na demanda dos 20 principais consumidores de milho do mundo, deve-se destacar não só a evolução total da demanda mundial nas últimas cinco safras, mas também de alguns países ou regiões, em especial, China, União Europeia, México, Índia e Rússia.

Tabela 2
Evolução do consumo mundial de milho (mil t)

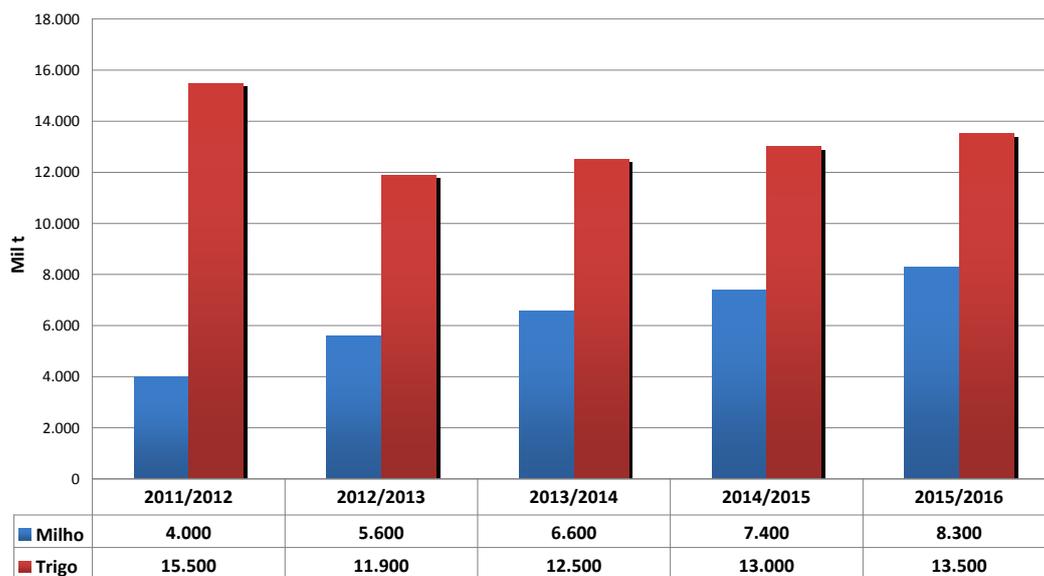
País	2011/2012 (a)	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016 (b)	(b-a)	(b/a)
Estados Unidos	277.914	262.973	293.045	300.898	301.258	23.344	8%
China	188.000	200.000	212.000	216.000	220.000	32.000	17%
União Europeia	69.500	69.600	76.500	78.000	78.000	8.500	12%
Brasil	52.425	54.114	54.645	55.960	59.000	6.575	13%
México	29.000	27.000	31.700	33.550	33.950	4.950	17%
Índia	17.200	17.500	19.600	21.700	21.700	4.500	26%
Japão	14.900	14.500	15.100	15.000	15.000	100	1%
Egito	11.700	12.000	13.200	13.900	14.500	2.800	24%
Canadá	11.636	11.605	12.700	12.800	13.350	1.714	15%
Indonésia	10.500	10.900	11.900	12.200	12.700	2.200	21%
África do Sul	10.700	11.000	11.500	11.400	11.400	700	7%
Ucrânia	7.800	8.100	9.900	10.400	10.400	2.600	33%
Coreia do Sul	7.815	8.481	9.891	10.100	10.200	2.385	31%
Argentina	7.000	7.900	8.800	9.400	10.000	3.000	43%
Rússia	4.700	6.400	7.500	8.500	9.300	4.600	98%
Filipinas	7.400	7.400	8.000	8.500	8.800	1.400	19%
Irã	6.200	6.200	6.800	7.200	7.700	1.500	24%
Vietnam	6.000	6.500	6.700	6.900	7.300	1.300	22%
Nigéria	9.250	7.800	7.800	7.500	7.300	-1.950	-21%
Etiópia	5.900	6.000	7.250	7.100	7.000	1.100	19%
Outros	113.069	114.791	121.057	125.866	128.512	15.443	14%

Fonte: Usda

É possível notar que nem todos os que foram citados possuem um volume de consumo de milho expressivo como a Rússia. No entanto, o destaque está justamente no fato de que este país praticamente dobrou sua demanda pelo cereal, indicando um incremento no uso de ração animal à base de milho, aproximando-se do consumo de trigo, utilizado para a mesma finalidade.

Para os demais países, o aumento do consumo de milho também está relacionado ao aumento de consumo de ração. Ao contrário da China e Índia, México e União Europeia são grandes importadores do cereal. Contudo, em termos absolutos, a China foi o país que mais aumentou seu consumo interno, cerca de 32 milhões de toneladas.

Gráfico 3
Comparativo do consumo de milho e trigo para alimentação animal na Rússia



Fonte: Usda

2.1.2. Comércio internacional

Em função do incremento da demanda mundial pelo milho, sobretudo para atender a alimentação animal, houve um aumento das importações mundiais, por diversos tradicionais demandantes, destacando-se, entre eles: União Europeia, Coreia do Sul, Arábia Saudita, Argélia e Indonésia.

Nos três últimos, apesar de não ser um volume significativo percentualmente, o aumento chama atenção, principalmente pelo fato destes países já terem uma relação comercial bem estabelecida com o Brasil, mostrando a necessidade do país em manter e, inclusive, aprimorar este intercâmbio comercial do produto, para não diminuir a participação no mercado.

Já para a União Europeia, o incremento na importação do milho se dá não só pelo aumento da demanda interna, mas também por questões climáticas que têm afetado a produção do milho nesta região.

Na Coreia do Sul, observa-se também um aumento da demanda, devido ao aumento de consumo de proteína animal por parte de sua população e, em sendo um país com uma economia forte e em crescimento, a participação neste mercado é de extrema importância para o Brasil.

Tabela 3
Os 20 principais países importadores de milho do mundo (mil t)

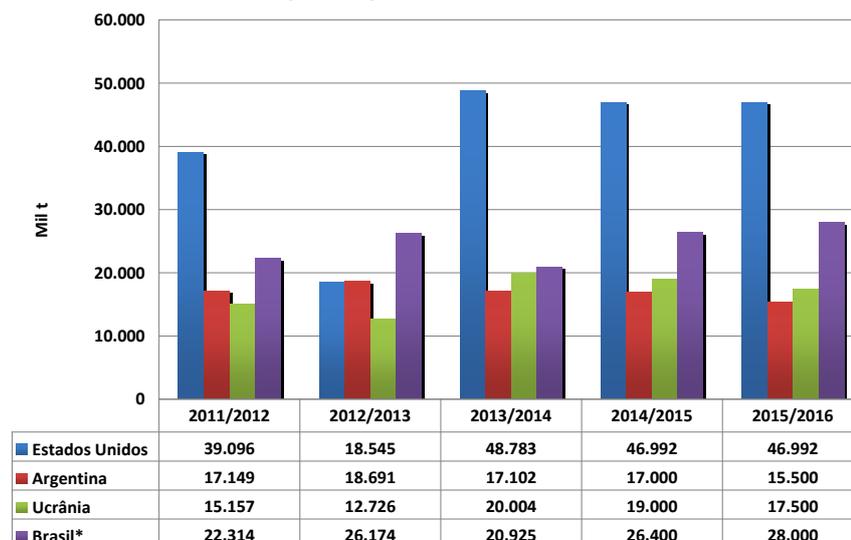
País	2011/2012 (A)	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016 (B)	(b/a)
União Europeia	6.113	11.362	15.919	9.000	15.000	145,4%
Japão	14.892	14.412	15.121	14.900	14.800	-0,6%
México	11.172	5.676	10.954	10.300	10.300	-7,8%
Coreia do Sul	7.636	8.174	10.406	10.000	10.000	31,0%
Egito	7.154	5.059	8.726	7.500	8.000	11,8%
Arábia Saudita	1.816	2.063	2.684	3.500	4.500	147,8%
Colômbia	3.209	3.266	4.436	4.400	4.500	40,2%
Taiwan	4.341	4.232	4.189	4.200	4.300	-0,9%
Argélia	2.953	2.876	3.739	4.200	4.200	42,2%
Irã	4.000	3.700	5.500	6.000	4.000	0,0%
Malásia	3.309	3.048	3.476	3.400	3.600	8,8%
Indonésia	1.724	2.719	3.501	3.500	3.000	74,0%
China	5.231	2.702	3.277	4.300	3.000	-42,6%
Peru	1.772	2.254	2.232	2.700	2.500	41,1%
Marrocos	1.684	1.857	2.014	2.200	2.100	24,7%
Venezuela	2.596	2.154	2.626	2.000	2.000	-23,0%
Vietnam	1.100	1.700	2.400	2.000	1.800	63,6%
Israel	1.221	1.224	1.652	1.700	1.800	47,4%
Chile	891	1.201	1.573	1.600	1.800	102,0%
Canadá	872	481	506	1.500	1.500	72,0%
Outros	16.463	19.602	18.995	19.673	18.957	15,1%

Fonte: Usda

Este mercado, atualmente, movimenta 123,4 milhões de toneladas de grãos, em se tratando de exportações. O Brasil, hoje, é considerado um dos fortes *players*, permanecendo como o 2º maior exportador de milho.

De acordo com a estimativa do USDA, para a safra 2015/16, as exportações brasileiras de milho podem atingir 28 milhões de toneladas, atrás apenas dos Estados Unidos, que continuam como principal exportador do grão, com estimativa de 46,9 milhões de toneladas. Outros concorrentes que merecem atenção neste mercado continuam sendo a Ucrânia (17,5 milhões) e a Argentina (15,5 milhões). Os quatro países somados são responsáveis por 107,9 milhões de toneladas de exportação, ou seja, existe espaço para aumento de participação no mercado exportador de milho para todos os países citados.

Gráfico 4
Principais exportadores de milho do mundo



Fonte: USDA, Conab
Nota: no caso do Brasil, somente os dados da safra 2015/16 são do USDA

2.1.3. Oferta e demanda dos Estados Unidos

Tabela 4
Oferta e demanda de milho Estados Unidos – agosto 2015 - em mil t

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo ração	Consumo	Exportação	Estoque final	Estoque/Consumo
2011/12	28.644	312.789	746	114.776	277.961	39.096	25.122	9,0%
2012/13	25.122	273.192	4.063	109.603	262.973	18.545	20.859	7,9%
2013/14	20.859	351.272	909	127.769	292.965	48.783	31.292	10,7%
2014/15	31.292	361.091	762	134.626	301.131	46.992	45.022	15,0%
2015/16	45.022	347.642	762	134.626	302.909	46.992	43.525	14,4%

Fonte: Usda

No contexto mundial do milho, a oferta e demanda estadunidense é a que mais influencia o direcionamento do mercado, inclusive nas projeções de preços internacionais e/ou praticados nas principais Bolsas de Mercadorias do mundo, para esta *commodity*, isto porque os Estados Unidos é o principal produtor mundial do grão e responsável por 35,3% da produção total prevista para a safra 2015/16. Portanto, aspectos que possam reduzir ou aumentar esta produção interferem diretamente na formação dos preços na Bolsa de Chicago e, por consequência, no resto do mundo.

De acordo com o USDA, a produção dos Estados Unidos deverá atingir um volume de 347,6 milhões de toneladas, na safra 2015/16, com boa parte em fase de enchimento de grãos, sendo 13,4 milhões de toneladas a menos que o produzido na safra passada.

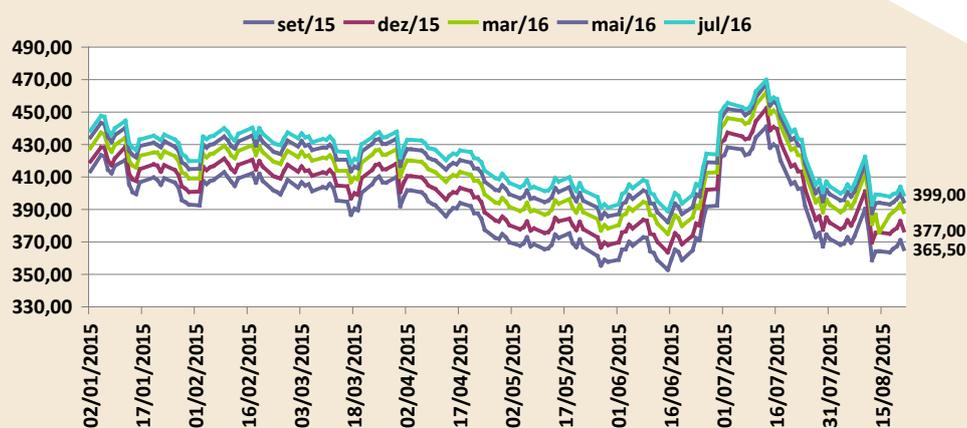
Apesar da produção menor, os estoques finais de 43,5 milhões de toneladas geram certo conforto no mercado, vez que se trata da disponibilidade do cereal pelos Estados Unidos. Todavia, caso haja uma diminuição considerável da produção neste país até o final da colheita, os preços internacionais podem sofrer pressão altista.

2.2. Preços Internacionais

Apesar da redução na produção mundial e aumento da demanda - fatores que poderiam causar uma possibilidade de aumento de preços de milho no cenário mundial -, há de se entender que os estoques mundiais elevados estão ajudando a manter as cotações em níveis mais baixos que em anos anteriores.

As cotações do grão na Bolsa de Chicago estão variando entre US\$ 3,65/bushel (US\$ 143,88/t), para setembro de 2015, e US\$ 3,99/bushel (US\$ 157,07/t) para contratos de julho de 2016.

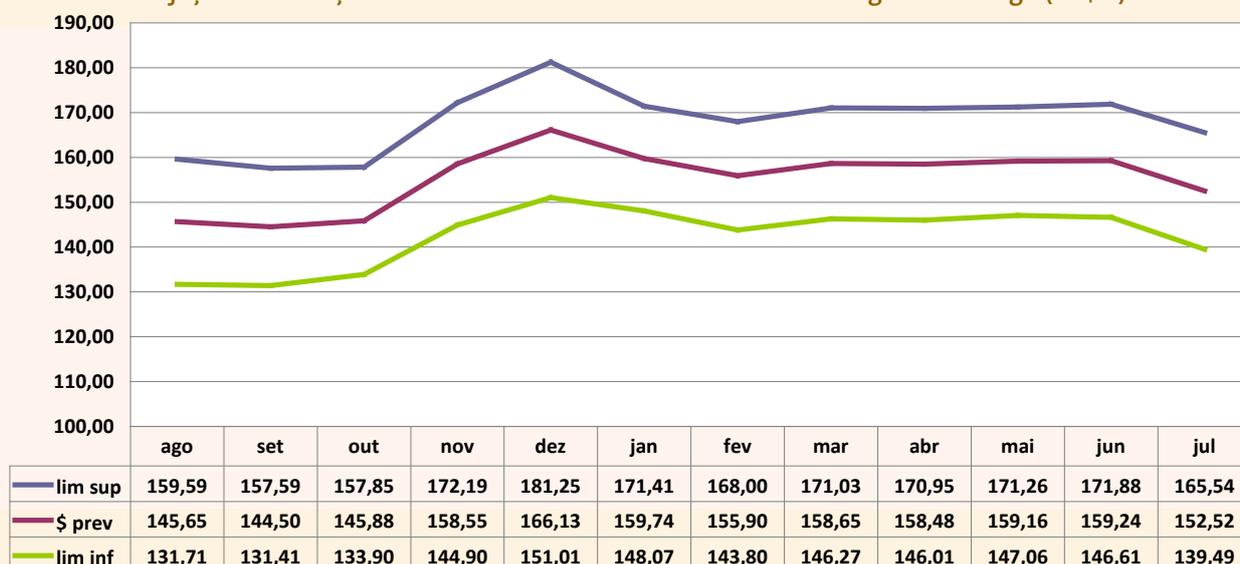
Gráfico 5
Evolução das cotações dos contratos do milho na Bolsa de Chicago (USCents/bu)



Fonte: Broadcast

Utilizando um cálculo econométrico baseado na sazonalidade dos preços das últimas 10 safras, foi feita uma projeção na Bolsa de Chicago que deverá variar dentro do ponto médio entre US\$ 145 a 166,13/t, convertendo para US\$/bushel, a variação deverá ocorrer entre US\$ 3,60 a 4,22/bushel.

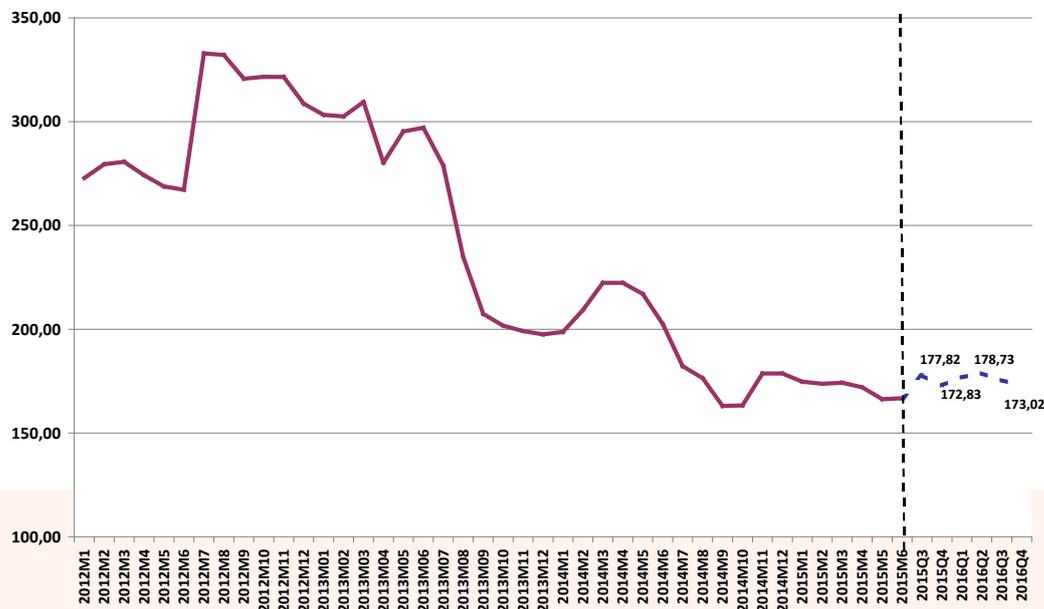
Gráfico 6
Projeção das cotações médias mensais dos contratos de 1ª entrega em Chicago (US\$/t)



Fonte: Conab

De acordo com as projeções do FMI (Fundo Monetário Internacional), até o final de 2016 os preços FOB Golfo (cotação de Chicago, acrescidos do prêmio de porto) deverão ter pouca variação, não ultrapassando o valor de US\$ 180/tonelada.

Gráfico 7
Projeção de preços de milho FOB Golfo em US\$/t



Fonte: FMI

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda nacional

Tabela 5
Oferta e demanda de milho - Brasil – agosto 2015 - em mil t

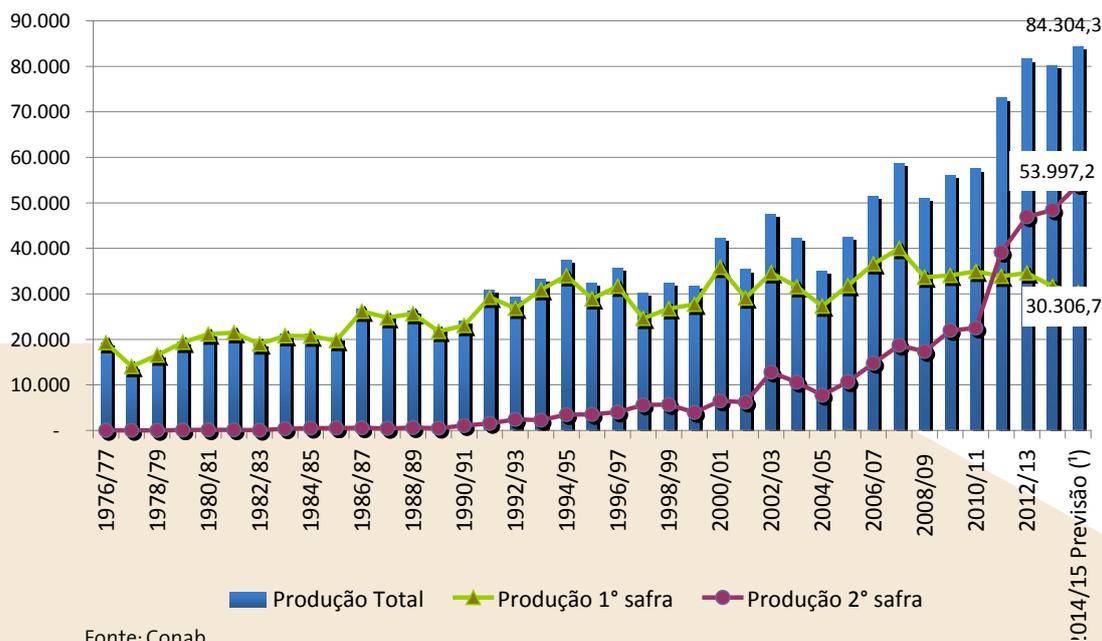
Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo ração	Consumo	Exportação	Estoque final
2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,1
2013/14	6.563,1	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
2014/15	11.835,5	84.304,3	500,0	96.639,8	55.959,5	26.400,0	14.280,3

Fonte: Conab

O quadro de oferta e demanda de milho do Brasil, publicado em agosto de 2015, apresenta alguns dados que serão analisados. O primeiro será o número de produção.

De acordo com a Conab, o país deverá produzir 84,3 milhões de toneladas do grão, sendo esta a maior safra da história. Muito deste volume deve-se ao crescimento da 2ª safra do cereal, plantada de janeiro a março de 2015, favorecida pelas excelentes condições climáticas durante o desenvolvimento das lavouras.

Gráfico 8
Comparativo de produção de milho 1ª e 2ª safra no Brasil (mil t)



Observa-se pelo Gráfico 8 que a produção de milho 2ª safra deu um salto nas últimas quatro safras, não só pelas condições climáticas favoráveis, mas também pela tecnologia aplicada (insumos e tecnologia de plantio), além das características edafoclimáticas brasileiras, que permitem a utilização da terra para o plantio de mais de uma cultura por ano, na mesma área.

Esta tem sido uma opção agrônômica para o produtor rural, por permitir uma sucessão de culturas, criando o binômio soja/milho. Essa prática permite ao produtor maximizar o uso de suas máquinas e implementos agrícolas, usando mais racionalmente os insumos (como fertilizantes e agrotóxicos), além de ter mais uma fonte de renda em uma área que poderia ficar sem o uso da terra por pelo menos seis meses, tornando-se, portanto, uma opção econômica também.

Por outro lado, devido à rentabilidade da soja maior que a do milho, a produção do milho 1ª safra vem decrescendo ano após ano, restando, em sua maioria, áreas onde não há possibilidade de produção do milho 2ª safra.

Assim, a 1ª safra caiu para 30,3 milhões de toneladas e a 2ª superou 53,9 milhões de toneladas. Todavia, a maior preocupação com essa nova dinâmica da produção de milho no Brasil está na concentração de um grande volume em uma safra, onde os riscos climáticos são mais acentuados, em uma janela de plantio relativamente curta. Além disso, grande parte desta 2ª safra está sendo semeada no Centro-Oeste, localizada em especial no Mato Grosso (principal estado produtor de milho do país), região distante da maior concentração de demanda e de elevado custo logístico.

3.1.1. Consumo

Outro ponto relevante a ser analisado para o mercado de milho nacional é o consumo interno. Sabe-se que o Brasil é um grande produtor de carnes, sobretudo de carne de frango, bovina e suína. Desta maneira, a demanda por milho para produção de ração animal consiste no principal direcionamento da produção de milho dentro do mercado doméstico, em especial para atender a produção avícola e suinícola.

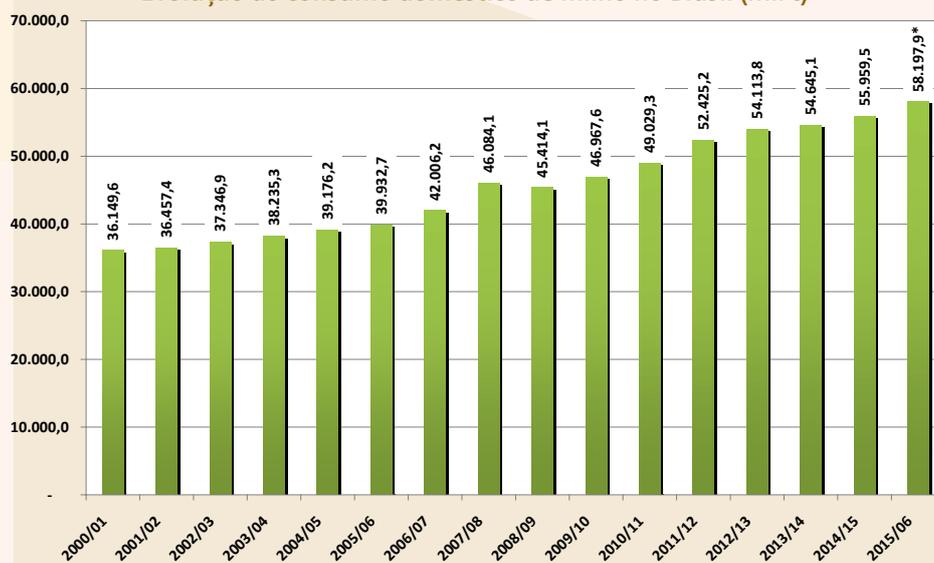
Os setores de aves e suínos foram responsáveis por 59,6% do consumo doméstico total do grão. Se for somado ao setor de bovinocultura, a demanda por milho para ração para atender os três setores é de 74,4% em relação ao consumo estimado para a safra 2014/15.

Especificamente quanto à bovinocultura, cabe destacar que o consumo de milho vem crescendo devido ao aumento da produção em confinamento, essencialmente na região Centro-Oeste do país. Tal tendência deverá se confirmar para a próxima safra, aumentando o consumo de milho para alimentação do rebanho.

Outro ponto que deve ser ressaltado é a utilização de milho para a produção de etanol. Este mercado começou a aparecer na safra 2012/13, com a implantação de algumas usinas *flex* no Mato Grosso, que esmagavam cana-de-açúcar e milho (na entressafra da cana). Isso fez aumentar o número de usinas em 2014/15 e com previsão de novas usinas no Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul. Em 2014/15 foram esmagadas cerca de 300 mil toneladas de milho para a produção do etanol e do DDG (Dried Distillers Grains – Grãos Secos por Destilação), mas a previsão é de que em 2015/16 haja espaço para se esmagar até 1,5 milhão de toneladas, considerando as novas usinas em funcionamento.

Assim, é possível que o consumo de milho para atendimento ao mercado doméstico aumente em 4%, chegando a 58,2 milhões de toneladas.

Gráfico 9
Evolução do consumo doméstico de milho no Brasil (mil t)



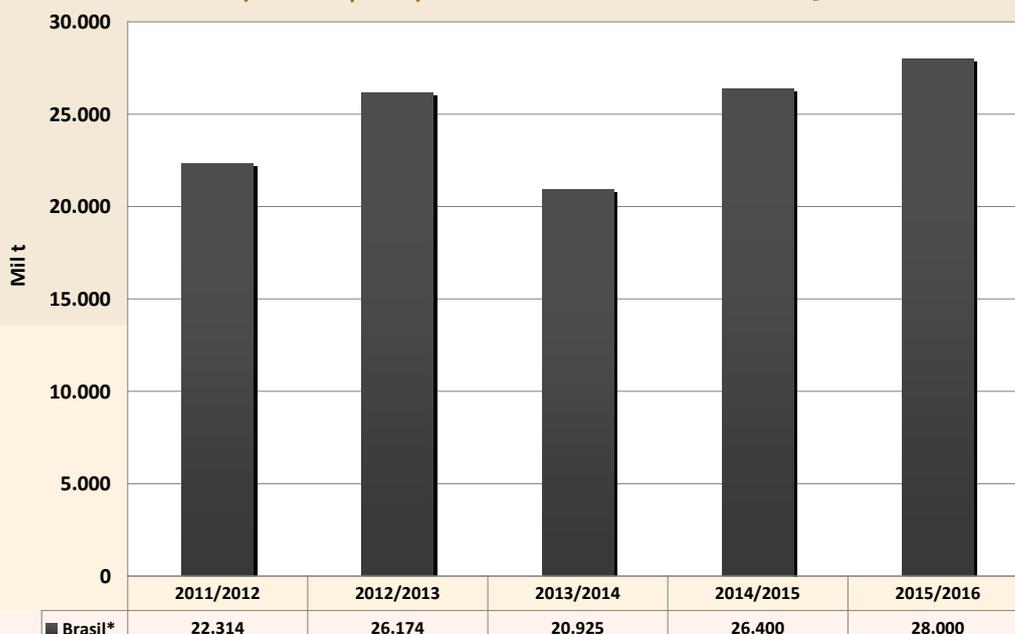
Legenda: (*)Projeção
Fonte: Conab

3.1.2. Exportações

O Brasil já se consolidou como um grande *player* exportador de milho. O país aproveitou um custo de oportunidade, em função da quebra da safra 2012/13 dos Estados Unidos, conquistando novos e importantes mercados como o Japão e a Coreia do Sul. Além disso, nos últimos anos houve uma série de investimentos, sobretudo da iniciativa privada, nos portos não pertencentes ao eixo Sudeste/Sul. Mesmo assim, o Porto de Santos, que continua sendo o principal porto exportador de milho, passou a ter novos investimentos, como novos berços e terminais de grãos.

Somado a isto, entraram no mercado exportador de milho outros agentes exportadores, especialmente tradings que negociam o produto nacional no mercado externo. Desta forma, já para a safra 2014/15, estima-se que até janeiro de 2016 serão exportadas cerca de 26,4 milhões de toneladas. O USDA estima que, para a safra 2015/16, o Brasil exportará 28 milhões de toneladas, número perfeitamente factível que consolida o país como o 2º principal exportador de milho do mundo.

Gráfico 10
Evolução da exportação de milho do Brasil nas últimas 5 safras

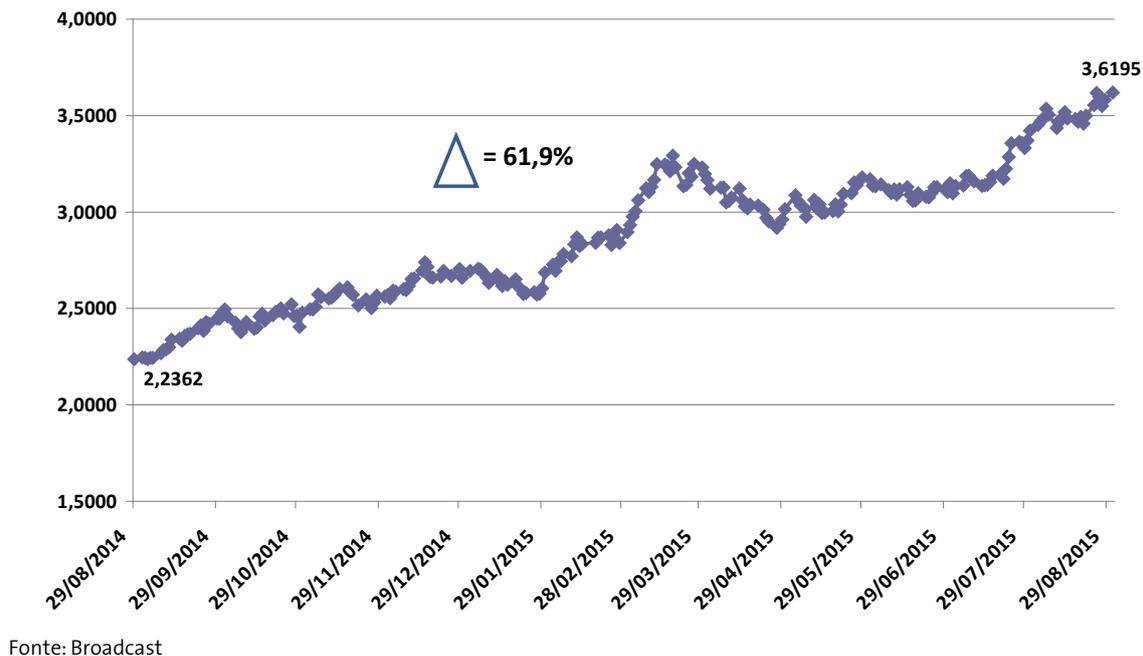


Legenda: (*) No caso do Brasil, somente os dados da safra 2015/16 são do Usda Fonte: Usda, Conab

3.2. Preços nacionais – situação atual

Atualmente, ao contrário do esperado, os preços internos do milho se encontram, praticamente em todas as praças, acima do preço mínimo. Um dos fatores que interferiram na permanência das cotações acima do que se previa foi a valorização do dólar, que em um ano valorizou cerca de 61,9%, variando atualmente entre R\$ 3,40 e R\$ 3,62.

Gráfico 11
Evolução da cotação do dólar



Esta valorização da moeda norte-americana permitiu que, mesmo com os preços em Chicago mais baixos, a paridade nos portos nacionais mantivesse os preços mais elevados.

Desta feita, os preços domésticos estão variando entre R\$ 14 e 15,50/60kg na região médionorte do Mato Grosso, entre R\$ 20 e 23,00/60kg no Paraná e R\$ 23,00/60kg em Barreiras.

4. Análise prospectiva para a safra nacional 2015/16

4.1. Análise de Rentabilidade.

Um dos fatores que auxiliam o produtor na tomada de decisão do plantio é o custo de produção de cada cultura de interesse. Neste sentido, um estudo de rentabilidade pode ser de grande auxílio. Por essa razão, a título de exemplificar, foi feita uma análise dos custos de milho e soja da safra de verão do Paraná, especificamente na praça de Campo Mourão, tomando por base a média dos preços mensais de setembro de 2014 a agosto de 2015 (média mensal de 01 a 21/08), e a última atualização dos custos de produção da Conab (julho de 2015).

Salienta-se que, para ambos os custos, optou-se pelo sistema de plantio direto e com plantas geneticamente modificadas, padrão tecnológico mais aplicado nas lavouras.

Nota-se, pois, que a soja possui uma rentabilidade bem acima do milho, apesar de ambos garantirem lucro ao produtor, nos preços atuais. Porém, uma redução nos preços de ambas as *commodities* pode ser mais prejudicial ao produtor de milho que ao de soja, já que a margem bruta, descontando o custo variável para a soja, é praticamente 2 vezes maior que

a do milho, além do que, o risco para o milho verão é maior, tendo em vista que dentro deste pacote tecnológico para se pagar o custo variável é necessário que se produza cerca de 7,5 ton/ha, ou seja, muito próximo da produtividade média da região (estabelecida no referido custo de produção), que é de 8,5 t/ha. Portanto, caso haja alguma situação climática desfavorável, como estiagem ou excesso de chuvas, a perda de produtividade pode ser mais preocupante para o milho que para a soja.

Tabela 6
Cálculo de rentabilidade de soja e milho no Paraná
Produtividade média Campos Mourão - milho = 8.500kg/ha
Produtividade média Campos Mourão - soja = 3.000kg/ha

Discriminação	Preços Mercado - Produtor			
	Soja		Milho	
	58,19	R\$/60KG	19,77	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - Receita bruta	2.909,50	58,19	2.800,75	19,77
B - Despesas:				
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.122,21	22,44	1.918,84	13,54
B2 - Custos Variáveis (CV)	1.334,06	26,68	2.475,50	17,47
B3 - Custo Operacional (CO)	1.654,27	33,09	2.786,07	19,67
a) - Margem Bruta s/ DC (A - B1)	1.787,29	35,75	881,91	6,23
b) - Margem Bruta s/ CV (A - B2)	1.575,44	31,51	325,25	2,30
c) - Margem Líquida s/ CO (A - B3)	1.255,23	25,10	14,68	0,10
ANÁLISE QUANTITATIVA:	KG/HA	60KG/HA	KG/HA	60KG/HA
Ponto de equilíbrio s/ DC	1.157	19,29	5.823	97,06
Ponto de equilíbrio s/ CV	1.376	22,93	7.513	125,21
Ponto de equilíbrio s/ CO	1.706	28,43	8.455	140,92
INDICADORES:				
Margem Bruta (DC) / Receita	(A / A)	61,4%		31,5%
Margem Bruta (CV) / Receita	(B / A)	54,1%		11,6%
Margem Líquida (CO) / Receita	(C / A)	43,1%		0,5%

Fonte: Conab

Nota: Preço médio de set./14 a ago./14

Por essa razão, muitos produtores têm optado pela soja ao invés do milho na 1ª safra, deixando o plantio do milho na 2ª safra, já que existe uma necessidade agrônômica de rotação de culturas.

Este cenário vem se repetindo para todos os estados que produzem a 1ª safra. Assim, no caso do Paraná e outros estados como Goiás e Mato Grosso do Sul, os produtores tenderão a diminuir novamente a área plantada de milho 1ª safra, apostando no milho 2ª safra.

Para outras regiões produtoras, como o oeste da Bahia, que não têm condições climáticas de produção do milho 2ª safra, a opção pelo plantio do milho deverá se dar muito mais pelo critério agrônômico da necessidade de rotação de culturas, do que por uma questão econômica, mesmo que o milho tenda a garantir lucro na situação de preços médios apresentados, visto que, indiscutivelmente, a soja é mais rentável que o milho.

Tabela 7
Cálculo de rentabilidade de soja e milho em Barreiras - BA
 Produtividade média Barreiras - milho = 8.400kg/ha
 Produtividade média Barreiras - soja = 3.000kg/ha

Discriminação	Preços Mercado - Produtor			
	Soja		Milho	
	56,07	R\$/60KG	22,92	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - Receita bruta	2.803,50	56,07	3.208,80	22,92
B - Despesas:				
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.316,18	26,32	2.077,93	14,84
B2 - Custos Variáveis (CV)	1.639,90	32,80	2.909,08	20,78
B3 - Custo Operacional (CO)	1.862,14	37,24	3.157,71	22,56
a) - Margem Bruta s/ DC (A - B1)	1.487,32	29,75	1.130,87	8,08
b) - Margem Bruta s/ CV (A - B2)	1.163,60	23,27	299,72	2,14
c) - Margem Líquida s/ CO (A - B3)	941,36	18,83	51,09	0,36
ANÁLISE QUANTITATIVA:	KG/HA	60KG/HA	KG/HA	60KG/HA
Ponto de equilíbrio s/ DC	1.408	23,47	5.440	90,66
Ponto de equilíbrio s/ CV	1.755	29,25	7.615	126,92
Ponto de equilíbrio s/ CO	1.993	33,21	8.266	137,77
INDICADORES:				
Margem Bruta (DC) / Receita	(A / A)	53,1%		35,2%
Margem Bruta (CV) / Receita	(B / A)	41,5%		9,3%
Margem Líquida (CO) / Receita	(C / A)	33,6%		1,6%

Fonte: Conab
 Preço médio de setembro/14 a agosto/15

Há a necessidade do produtor entender o melhor momento de comercialização, uma vez que os preços dos insumos aumentaram, também, em função do aumento do dólar. Desta forma, as condições de mercado de venda do cereal de maneira antecipada poderão vir a ser um excelente custo de oportunidade.

Em relação à 2ª safra, seguindo a tendência de inversão entre a 1ª e 2ª safras, a expectativa é de que não haja redução na área plantada, apesar do aumento dos custos do milho para o Mato Grosso indicarem que há necessidade de ser assertivo no período de plantio para não incorrer em perda de produtividade por questões climáticas (vale lembrar que, em safras anteriores, houve boas condições pluviométricas, inclusive nos meses de maio e junho, mas que o normal para a climatologia é pouca chuva após abril).

Isto porque já foram observados casos de produtividade média no Mato Grosso, em algumas lavouras em 2014/15, de até 120 sc/hectare (7200 kg), o que garantiu uma melhor lucratividade com a cultura.

Tabela 8
Cálculo de rentabilidade de milho em Sorriso – MT e Rio Verde - GO
Produtividade média Sorriso - milho = 6.000kg/ha
Produtividade média Rio Verde - milho = 5.100kg/ha

Discriminação	Preços Mercado - Produtor			
	Rio Verde - GO		Sorriso - MT	
	20,08	R\$/60KG	16,00	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
A - Receita bruta	1.706,80	20,08	1.600,00	16,00
B - Despesas:				
B1 - Despesas de Custeio (DC)	1.644,92	19,35	1.359,13	13,59
B2 - Custos Variáveis (CV)	2.091,48	24,61	1.615,47	16,15
B3 - Custo Operacional (CO)	2.266,51	26,66	1.745,34	17,45
a) - Margem Bruta s/ DC (A - B1)	61,88	0,73	240,87	2,41
b) - Margem Bruta s/ CV (A - B2)	-384,68	-4,53	-15,47	-0,15
c) - Margem Líquida s/ CO (A - B3)	-559,71	-6,58	-145,34	-1,45
ANÁLISE QUANTITATIVA:	KG/HA	60KG/HA	KG/HA	60KG/HA
Ponto de equilíbrio s/ DC	4.915	81,92	5.097	84,95
Ponto de equilíbrio s/ CV	6.249	104,16	6.058	100,97
Ponto de equilíbrio s/ CO	6.772	112,87	6.545	109,08
INDICADORES:				
Margem Bruta (DC) / Receita	(A / A)	3,6%		15,1%
Margem Bruta (CV) / Receita	(B / A)	-22,5%		-1,0%
Margem Líquida (CO) / Receita	(C / A)	-32,8%		-9,1%

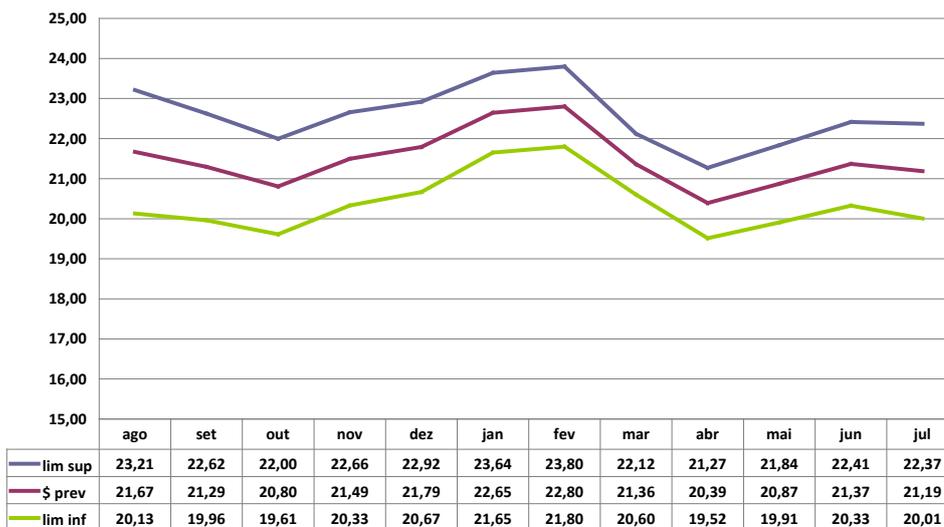
Elaboração: Conab

4.3. Preços

Diante do cenário conjuntural externo e interno apresentado, bem como a projeção de preços em Chicago variando entre US\$ 3,60 e 4,22/bushel (US\$ 145 a 166,13/ton) e uma projeção de dólar para o ano de 2016 de R\$ 3,40, estima-se algumas perspectivas de preços das principais praças produtoras, assim descritas:

- Paraná: estima-se que os preços no mercado interno devam trabalhar dentro do ponto médio, conforme apresentado no Gráfico 12. Desta feita, a variação do preço pago ao produtor deverá ficar entre R\$ 20,39 e R\$ 22,80/60kg

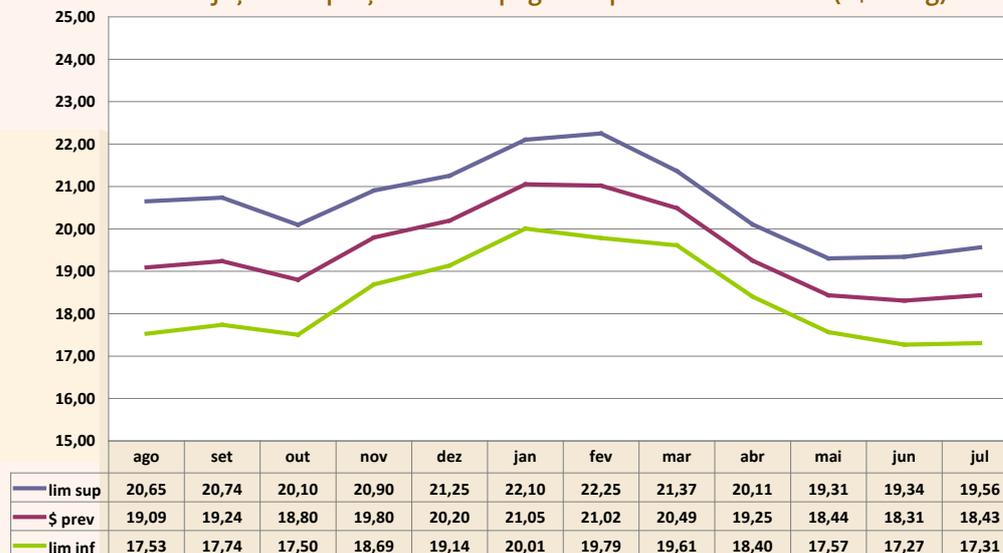
Gráfico 12
Projeção dos preços médios pagos ao produtor no Paraná (R\$/60kg)



Fonte: Conab

- Goiás: acredita-se que os preços deverão variar - dependendo das condições de safra dos Estados Unidos, bem como da entrada da safra nacional - entre o limite inferior e o ponto médio, ficando entre R\$ 17,50 e R\$ 21/60kg.

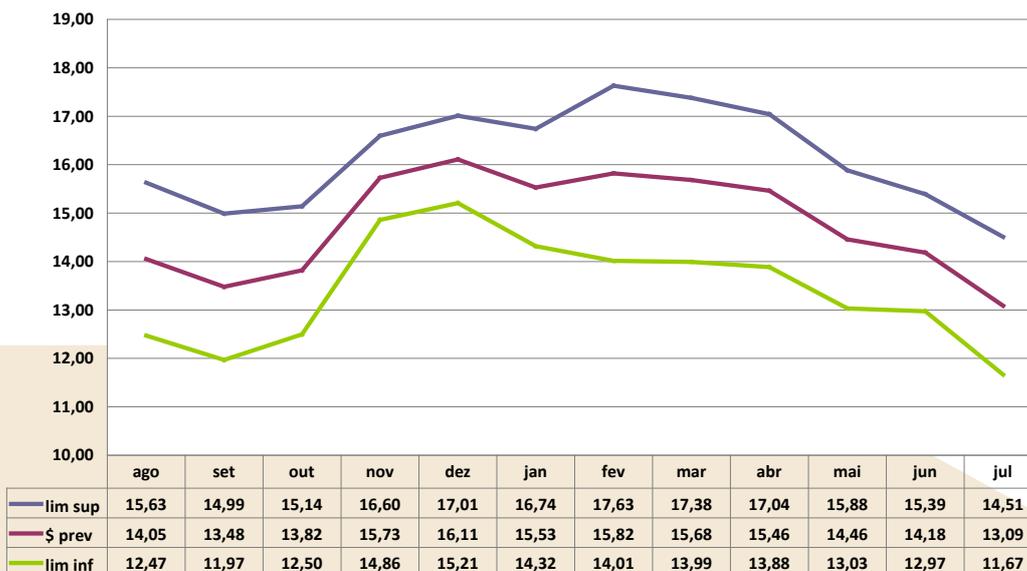
Gráfico 13
Projeção dos preços médios pagos ao produtor em Goiás (R\$/60kg)



Fonte: Conab

- Mato Grosso: mesmo com alto custo logístico, as projeções do dólar ainda elevado e a possibilidade de Chicago não ficar abaixo dos US\$ 3,60/bushel (US\$ 141,72/t), os preços em Sorriso, bem como nas demais praças produtoras da região norte do estado, devem ficar dentro do ponto médio, podendo, em alguns momentos (caso haja algum outro fator que interfira nas cotações de Chicago) caírem para abaixo do preço mínimo de R\$ 13,56/60kg. No entanto, provavelmente o preço mais comum deverá estar entre R\$ 14,50 e 15,50/60kg.

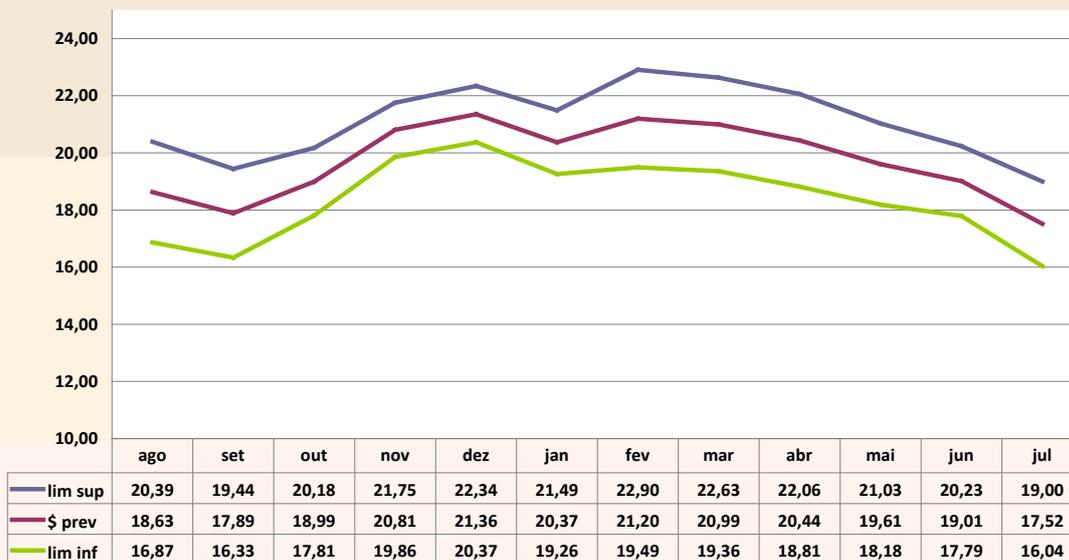
Gráfico 14
Projeção dos preços médios pagos ao produtor em Sorriso - MT (R\$/60kg)



Fonte: Conab

- Mato Grosso: para a região mais ao sul do estado, a exemplo Rondonópolis, estima-se que os preços ultrapassem R\$ 18/60kg no período de maior demanda para exportação do grão.

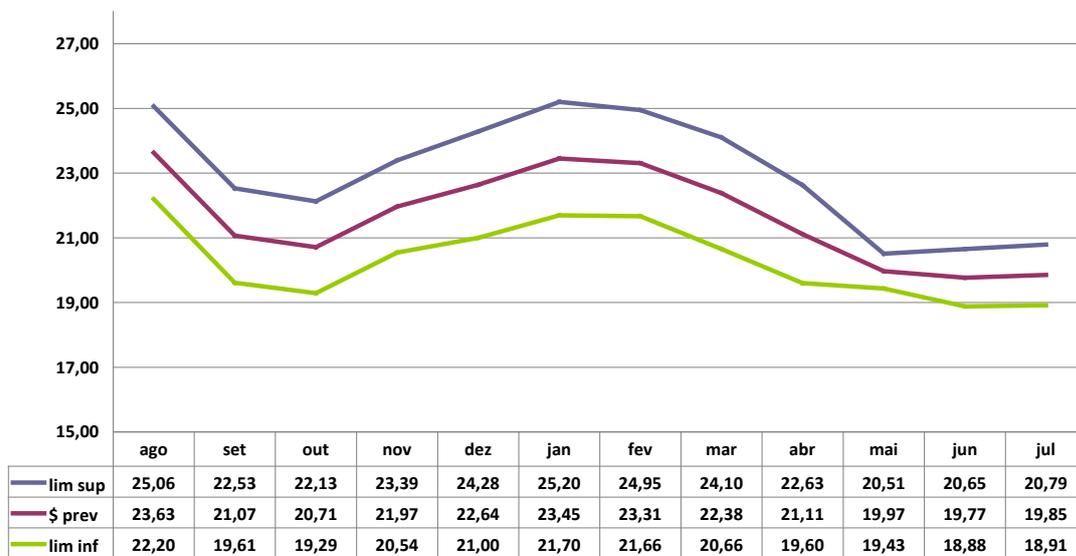
Gráfico 15
Projeção dos preços médios pagos ao produtor em Rondonópolis - MT (R\$/60kg)



Fonte: Conab

- Matopiba: tem como principal exemplo Barreiras, pertencente ao Oeste Baiano. Neste caso, é provável que os preços do milho trabalhem entre o limite médio, acompanhando a curva apresentada no gráfico abaixo.

Gráfico 16
Projeção dos preços médios pagos ao produtor em Barreiras - BA (R\$/60kg)



Fonte: Conab

5. Conclusão

A situação do milho, em se focando preços para a safra 2015/16, é mais confortável, mesmo não observando uma recuperação nos preços internacionais. Isto pelo fato da valorização do dólar e das condições brasileiras mais favoráveis facilitarem a comercialização do cereal brasileiro no mercado externo.

Contudo, o produtor deve prestar atenção nas possibilidades de comercialização antecipada do grão, já que tal procedimento, assim como aconteceu em 2014/15, deverá se repetir.

É importante ressaltar que os produtores devem levar em consideração os custos de produção que se encontram mais elevados, negociando com preços melhores a sua produção, que permitam o pagamento destes custos e, posteriormente, negociar o excedente no melhor momento.

Vale salientar que o planejamento desta safra é fundamental para o sucesso, principalmente no período ideal, propiciando a diminuição dos riscos climáticos sobre as lavouras, garantindo, assim, uma boa produtividade.



1. Introdução

Segundo a Secretaria de Comércio e Serviços (SCS) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), em 2014, o Brasil exportou, aproximadamente, US\$ 225,10 bilhões em produtos. Este valor é 7% menor que as exportações do ano de 2013.

Ainda sobre as exportações, o complexo soja, composto pela soja em grãos e seus derivados (como óleo e farelo de soja), foi o principal produto exportado em 2014, representando 14% de toda a exportação brasileira, ou seja, US\$ 31,41 bilhões, ficando à frente de produtos importantes como minérios, petróleo e combustíveis.

Tabela 1
Principais produtos exportados - US\$ Milhões - 2014

	Valor	Var. % 2014/13	Part %
Complexo soja	31.408	1,4	14,0
Minérios	28.402	-19,0	12,6
Petróleo e combustíveis	25.175	12,4	11,2
Material de transporte	20.374	-35,5	9,1
Carnes	16.891	3,8	7,5
Químicos	15.051	2,8	6,7
Produtos metalúrgicos	14.423	8,8	6,4
Açúcar e etanol	10.357	-24,5	4,6
Máquinas e equipamentos	8.671	-3,4	3,9
Papel e celulose	7.218	0,9	3,2
Café	6.616	26,1	2,9

Fonte: Secex

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) - soma (em valor monetário) de todos os bens e serviços produzidos no Brasil - foi estimado em US\$ 1,73 trilhão, ou seja, as exportações representam 13,01% de todo o PIB brasileiro. Neste panorama, as exportações do complexo soja representam 1,81% do PIB brasileiro.

Ainda segundo o IBGE, o PIB em 2014 teve uma retração de 0,2% em relação a 2013. Os principais fatores que levaram a esta queda na economia foram a permanência da crise econômica na Zona do Euro; o desaquecimento, embora pequeno, da economia da China; o fraco desempenho da economia dos Estados Unidos para sair da crise; a diminuição do consumo, principalmente por restrição de crédito; o endividamento das famílias; o sentimento de insegurança com relação ao ano eleitoral; a queda no setor da indústria (-0,8%); e a queda dos investimentos em 2,1%.

No 1º trimestre de 2014, a taxa de investimentos ficou em apenas 17,7% do PIB (a pior taxa para o 1º trimestre desde 2009) e o crescimento do setor de serviços foi fraco, apenas 0,4%.

Apesar desta redução no PIB brasileiro, a agricultura foi o único setor da economia que apresentou crescimento considerável em 2014 ao se comparar ao ano de 2013, com alta de aproximadamente 3,6%.

Assim os principais indicadores da economia brasileira no ano de 2014 foram de:

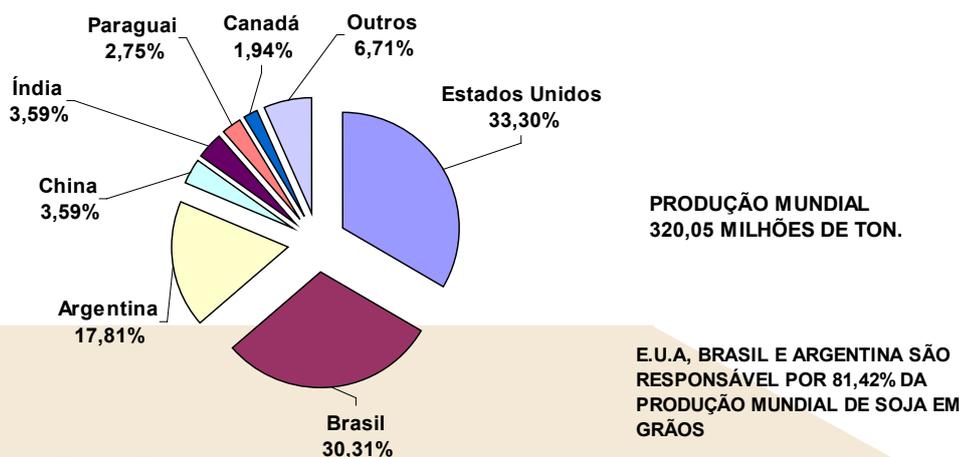
- Crescimento do PIB: -0,2% (revisado em agosto de 2014);
- Setor agropecuário: 3,6%;
- Setor industrial: -0,8%;
- Setor de serviços: 0,4%;
- Consumo das famílias: -0,1%;
- Gastos do governo: 0,7%;
- Investimentos: -2,1%.

2. Mercado internacional

O mercado internacional de soja é composto por quatro principais *players*, sendo três produtores: Estados Unidos, Brasil e Argentina, e um comprador (importador), a China.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em sua última divulgação do quadro de oferta e demanda mundial, referente ao mês de agosto/2015, estimou-se que na safra mundial de soja em grãos 2015/16 os EUA (33,30%), o Brasil (30,31%) e a Argentina (17,81%) foram responsáveis por 81,42% de toda a produção mundial de soja em grão, e a China, por 64,07% de todas as importações mundiais.

Gráfico 1
Produção mundial de soja em grãos - safra 2015/16



2.1. Produção mundial de soja

O consumo mundial de soja em grãos vem aumentando gradativamente nos últimos anos. Este consumo está associado ao crescimento da população mundial e ao aumento do poder aquisitivo das pessoas, principalmente nos países em desenvolvimento como a China, a Índia e o Brasil.

O farelo de soja é um dos principais componentes de ração animal. Com o aumento do consumo de carnes e óleo de soja no mundo, e apesar dos altos e baixos da produção mundial, apenas entre 2000 e 2015, o mundo teve um incremento de aproximadamente 99,64% de produção de grãos de soja.

Em seu relatório de agosto de 2015, o USDA estimou que a safra mundial de soja em grãos 2015/16 seja de aproximadamente 320,05 milhões de toneladas, valor muito próximo à safra 2014/15, que foi de 319,36 milhões de toneladas.

A se confirmar este valor, esta seria a maior safra de soja em grãos plantada historicamente, com uma área total mundial estimada em 120,80 milhões de hectares e uma produtividade média de 2.650 kg/ha.

Os Estados Unidos são o grande produtor mundial de soja em grão na safra 2015/16, com 106,59 milhões de toneladas e 33,30% de toda produção mundial, seguido do Brasil com 97 milhões de toneladas e 30,31% da produção mundial e da Argentina, 57 milhões de toneladas e 17,81% da produção mundial.

Juntos, estes três países são responsáveis por, aproximadamente, 81,42% de toda a produção mundial, ou seja, juntos os três países produzirão 260,59 milhões de toneladas.

A China, apesar de ser o maior consumidor de grãos de soja do mundo, é responsável por apenas 3,59% de toda a produção mundial, com a estimativa de produção para a safra

2015/16 de 11,50 milhões de toneladas.

Para o Brasil, o USDA estima um aumento de produção para a safra 2015/16, que começa a ser plantada em setembro de 2015, passando de 94,5 milhões de toneladas da safra 2014/15 para 97 milhões na safra 2015/16. Como veremos adiante, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima uma produção brasileira para safra 2014/15 de 96,20 milhões de toneladas (estimativa de agosto de 2015).

Tabela 2
Produção soja mundo - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
Estados Unidos	84,29	82,79	91,39	108,01	106,59
Brasil	66,50	82,00	86,70	94,50	97,00
Argentina	40,10	49,30	53,50	60,80	57,00
China	14,49	13,05	12,20	12,35	11,50
Índia	11,70	12,20	9,50	9,80	11,50
Paraguai	4,04	8,20	8,19	8,40	8,80
Canadá	4,47	5,09	5,36	6,05	6,20
Outros	14,84	16,20	16,41	19,45	21,46
Total	240,43	268,82	283,25	319,36	320,05

Fonte: USDA - agosto/15

2.2. Esmagamento mundial de soja

O consumo mundial de soja em grãos vem crescendo, em média, 4,45% ao ano. O USDA estima um aumento de esmagamento mundial de soja na safra 2015/16, em relação à safra 2014/15, de aproximadamente 5,14% e na safra 2015/16, o mundo deverá esmagar 271,61 milhões de toneladas de grãos.

A China é a maior consumidora e esmagadora de soja no mundo, com o esmagamento estimado em mais de 79,50 milhões de toneladas de grãos. Os Estados Unidos vêm em seguida com 50,62 milhões de toneladas, a Argentina com 41,50 milhões de toneladas e o Brasil com 39,55 milhões de toneladas. Juntos, os quatro países são responsáveis por 77,75% de todos os esmagamentos mundiais.

Tabela 3
Esmagamento soja mundo - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
China	60,97	64,95	68,85	74,20	79,50
Estados Unidos	46,35	45,97	47,19	50,21	50,62
Argentina	35,89	33,61	36,17	38,80	41,50
Brasil	38,08	35,24	36,86	39,45	39,55
Europa	12,41	13,16	13,44	13,90	14,50
Índia	9,65	9,90	8,30	7,40	9,10
México	3,68	3,65	4,03	4,28	4,35
outros	21,34	23,71	26,33	30,11	32,49
Total	228,36	230,18	241,18	258,34	271,61

Fonte: USDA - agosto/15

2.3. Importação mundial de soja

As importações mundiais de soja foram estimadas pelo USDA em 123,30 milhões de toneladas. A China, como maior esmagador mundial e com a produção de apenas 11,50 milhões de toneladas, é o maior importador de soja do mundo, com aproximadamente 64,07% de toda soja em grãos importados.

Na safra 2015/16, vislumbrou-se um aumento de esmagamento na China em apenas 2,59%, o menor percentual dos últimos 5 anos, de um valor total estimado em 79,00 milhões de toneladas de exportação contra 77,00 milhões de toneladas da safra passada.

Os demais países juntos são responsáveis por apenas 35,93% das importações mundiais, com a União Europeia em segundo lugar (10,95%), com a importação de 13,5 milhões de toneladas, e o México em terceiro lugar (3,29%), com 4,05 milhões de toneladas.

Tabela 4
Importação soja mundo - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
China	59,23	59,87	70,36	77,00	79,00
Europa	12,07	12,54	12,99	13,45	13,50
México	3,61	3,41	3,84	4,03	4,05
Japão	2,76	2,83	2,89	2,90	2,85
Taiwan	2,29	2,29	2,34	2,35	2,38
Indonésia	1,92	1,80	2,24	2,15	2,30
Tailândia	1,91	1,87	1,80	2,08	2,10
Turquia	1,06	1,25	1,61	1,95	2,10
Egito	1,65	1,73	1,69	1,88	1,95
Rússia	0,74	0,69	1,93	1,90	1,90
Outros	6,23	7,65	9,58	9,73	10,64
Total	93,45	95,91	111,28	119,71	123,30

Fonte: USDA - agosto/15

2.4. Exportação mundial de soja

O USDA estima que as exportações mundiais de soja no mundo, safra 2015/16, cheguem a 127,18 milhões de toneladas, representando aumento de apenas 2,31%, em relação as expectativas de exportações mundiais, safra 2014/15, que foi de 124,30 milhões de toneladas.

Segundo, ainda, tal Departamento, os três maiores produtores de grãos também seriam os maiores exportadores. O Brasil, na safra 2015/16, será o maior exportador de soja no mundo, com 54,50 milhões de toneladas de soja em grãos exportadas, com aumento de 9,44% em relação às exportações da safra 2014/15, que foram de 49,80 milhões de toneladas.

Os Estados Unidos viriam em seguida com 46,95 milhões de toneladas e uma queda em relação à safra passada de 5,48%, que foi de 49,67 milhões de toneladas.

A Argentina viria em terceiro lugar, com aproximadamente 9,75 milhões de toneladas em exportações na safra 2015/16, valor esse 1,56% maior que da safra passada, de 9,60 milhões de toneladas.

Tabela 5
Exportação soja mundo - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
Brasil	36,26	41,90	46,83	49,80	54,50
Estados Unidos	37,19	36,13	44,57	49,67	46,95
Argentina	7,37	7,74	7,84	9,60	9,75
Paraguai	3,57	5,52	4,80	4,60	4,60
Canada	2,93	3,47	3,47	3,78	3,83
outros	4,87	6,05	5,12	6,86	7,56
Total	92,19	100,81	112,64	124,30	127,18

Fonte: USDA - agosto/15

2.5. Estoque final mundial

Os estoques mundiais de soja, para safra 2015/16, devem ser os maiores estoques de passagem já praticados, historicamente, com aproximadamente 86,88 milhões de toneladas de soja em grãos.

O estoque de passagem mundial da safra 2014/15 foi de aproximadamente 80,57 milhões de toneladas, devido à grande produção mundial de 319,36 milhões de toneladas.

Para a safra 2015/16, com os Estados Unidos produzindo mais de 108 milhões de toneladas, espera-se um novo recorde de produção mundial com mais de 320,05 milhões de toneladas.

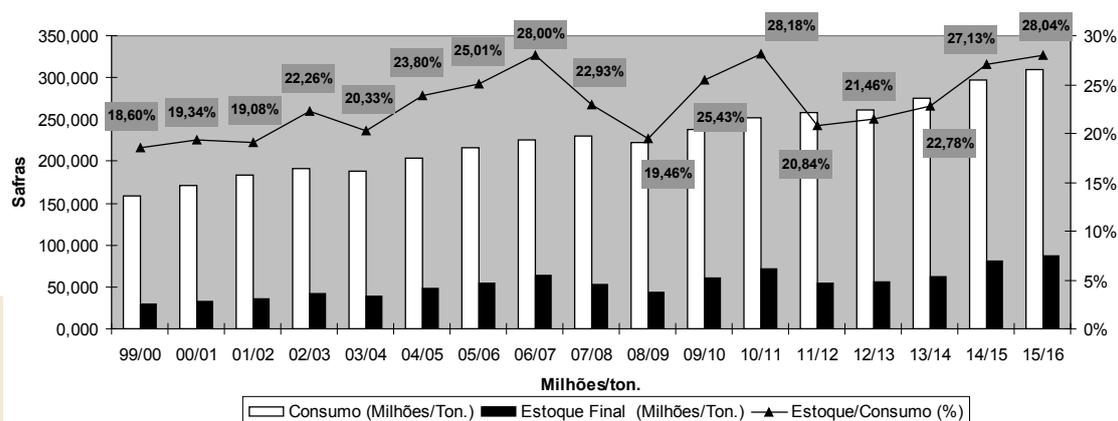
Tabela 6
Exportação soja mundo - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
Argentina	15,95	20,96	26,05	33,45	34,10
Brasil	13,02	15,33	15,95	18,32	18,30
China	15,91	12,38	14,43	17,55	16,15
Estados Unidos	4,61	3,83	2,50	6,53	12,78
Canadá	232,00	178,00	282,00	582,00	900,00
outros	4,17	3,48	3,52	4,13	4,64
Total	53,89	56,15	62,73	80,57	86,88

Fonte: USDA - agosto/15

Com isto, a relação estoque/consumo mundial passa a ser uma das maiores dos últimos 10 anos, com 28,04% de todo o consumo mundial, perdendo apenas para a safra 2010/11, onde esta relação era de 28,18%.

Gráfico 2
Relação estoque e consumo mundo



Fonte: USDA - agosto/15

2.6. Principais *players* do mercado internacional

Como já mencionado, os quatro maiores *players* de soja no mundo são: Brasil, Estados Unidos, Argentina e China. Os três primeiros como maiores produtores e exportadores e a China como maior importador e consumidor.

2.6.1. Estados Unidos

Os Estados Unidos, após produzirem 91,47 milhões de toneladas de soja em 2009, tiveram, consecutivamente, três anos de quebra de safra, voltando a produzir 91,38 milhões de toneladas apenas em 2013. Estas quebras foram ocasionadas por fortes secas nas épocas de plantio americano, afetando a produtividade média nesses períodos.

Em 2014 (safra 2014/15), os Estados Unidos produziram 108,01 milhões de toneladas, advindas de um aumento de área e, principalmente, de um clima excelente nos principais estados produtores.

Apesar do aumento de área em 0,59% na safra 2015/16, se comparada à safra 2014/15, os Estados Unidos, segundo o USDA, deverão produzir, aproximadamente, 106,59 milhões de toneladas de grãos, uma redução estimada de 1,43 milhão de toneladas em relação à safra anterior.

Esta redução de produção advém de uma menor produtividade propiciada pelo excesso de chuvas nos principais estados produtores americanos, no início do plantio e seca na época de floração e enchimento de grãos da safra 2015/16.

A estimativa de produção foi realizada no início de agosto de 2015, um mês antes da colheita americana. Desta maneira, são grandes as possibilidades de mudança de valores, a depender do clima norte-americano.

A maior parte das exportações americanas tem como destino a China, que, entre setembro de 2014 e julho de 2015, foi responsável pela importação de 29,58 milhões de toneladas do grão, de um total de 48,87 milhões de toneladas exportadas no mesmo período, ou seja, a China representa 60,52% de todas as exportações americanas.

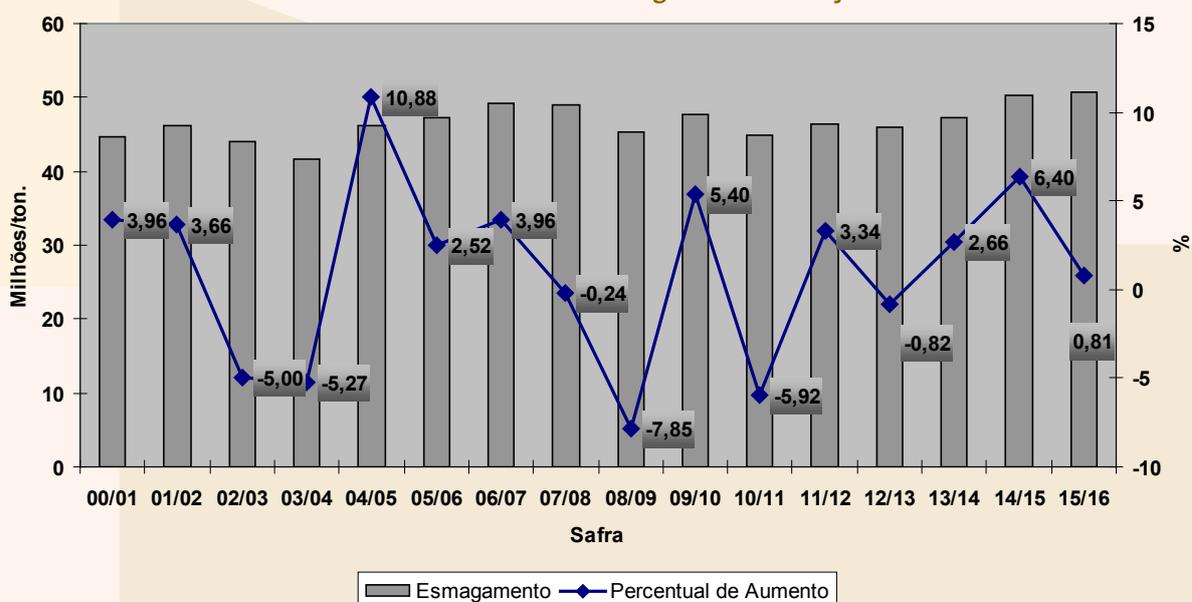
Como a China deverá aumentar suas importações na safra 2015/16, os Estados Unidos, como grande exportador para este país, possivelmente tomarão uma boa fatia deste aumento, elevando assim suas exportações.

Segundo o USDA, os Estados Unidos deverão exportar, aproximadamente, 46,95 milhões de toneladas de soja em grãos na safra 2015/16, representando uma queda de 5,48% em relação à safra 2014/15. Todavia, as exportações americanas têm ficado além das expectativas dos últimos anos. Para exemplificar citamos que, na safra 2014/15, até 08/06/2015, as exportações estavam estimadas em 48,85 milhões de toneladas, sendo este valor 1,88 milhão de toneladas acima do esperado (Outstanding Sales). Por isto, é bem provável que as exportações americanas não fiquem, apenas, no valor estimado pelo USDA de 46,95 milhões de toneladas, na safra 2015/16, afetando assim os estoques finais deste país.

O USDA estima que os esmagamentos americanos para safra 2015/16 sejam de 50,62 milhões de toneladas, com um aumento percentual de apenas 0,81%, em relação aos esmagamentos da safra passada.

O valor de esmagamento da safra 2015/16 também deve ser superior ao estimado pelo USDA, já que os Estados Unidos têm aumentado, com variações bem superiores, seus esmagamentos, com exceção da safra 2011/12 quando houve quebra de safra neste país.

Gráfico 3
Oferta e demanda EUA - esmagamentos de soja



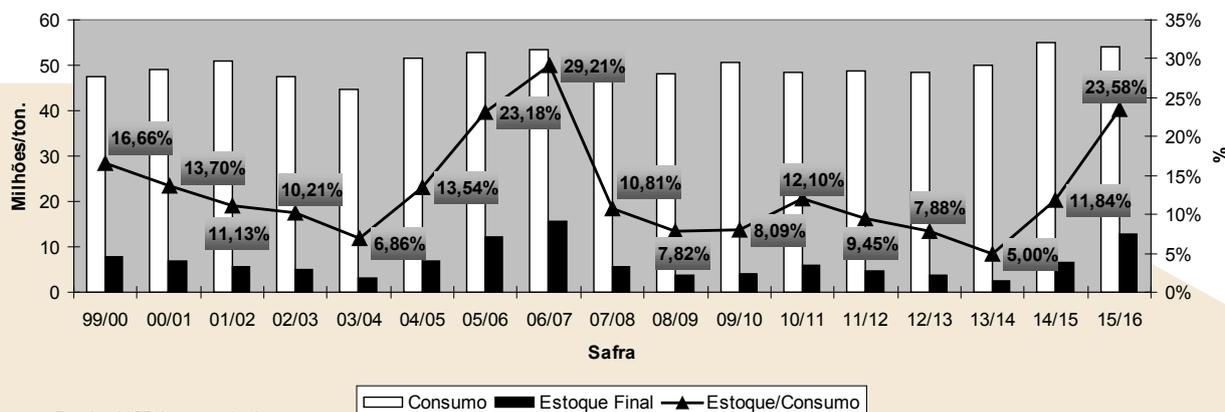
Fonte: USDA - agosto/15

O Fundo Monetário Internacional (FMI), em seu relatório de julho de 2015, estima que o crescimento econômico dos Estados Unidos deverá ser de 2,5% em 2015, e em 2016 de 3%, ou seja, valores percentuais acima dos estimados para 2013 de 2,2% e 2014 de 2,4%.

Com isto, não há nenhuma expectativa econômica, nos EUA, que afete o plantio, esmagamento e exportações dos grãos de soja deste país.

Desta feita, o USDA estima que os estoques finais americanos de soja sejam de 12,78 milhões de toneladas, representando um valor de 23,58% em relação ao consumo.

Gráfico 4
Relação estoque e consumo EUA



Fonte: USDA - agosto/15

Portanto, tanto os estoques finais quanto a relação estoque/consumo para a safra 2015/16 são os maiores praticadas historicamente nos Estados Unidos. Todavia, com grandes possibilidades de elevação de produção, esmagamentos e exportações, os estoques de passagem podem sofrer grandes variações até o final da comercialização, em agosto de 2016.

Tabela 7
Oferta e demanda EUA - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
Produção	84,29	82,79	91,39	108,01	106,59
Importação	0,44	1,10	1,95	0,82	0,82
Exportação	37,19	36,13	44,57	49,67	46,95
Esmagamento	46,35	45,97	47,19	50,21	50,62
Estoque Final	4,61	3,83	2,50	6,53	12,78

Fonte: USDA - agosto/15

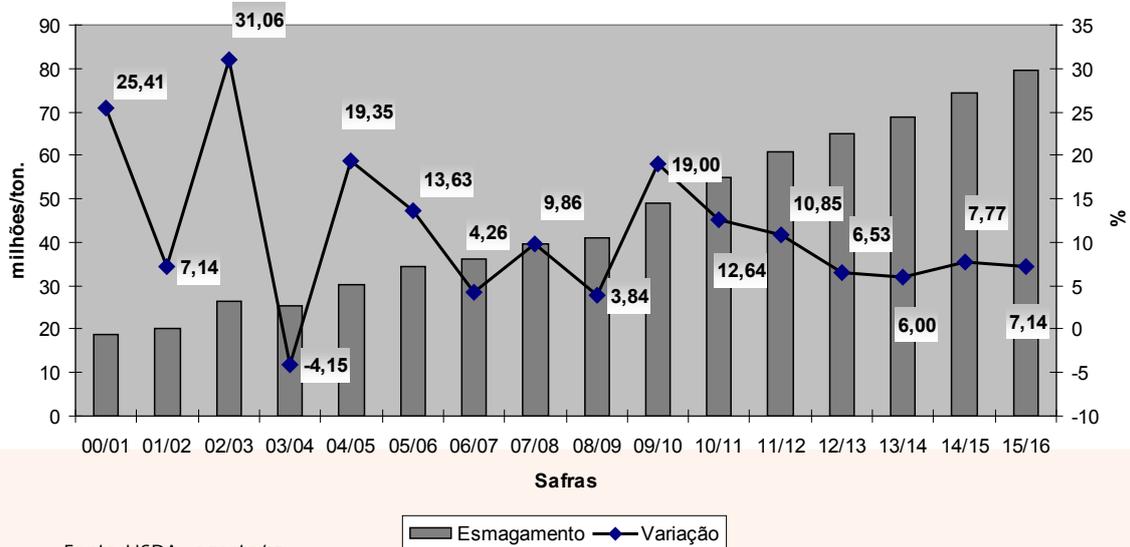
2.6.2. China

A China é o principal consumidor e importador de soja do mundo, com um esmagamento estimado em aproximadamente 79,50 milhões de toneladas. Com uma produção de apenas 11,50 milhões de toneladas, a China deve importar 79 milhões de toneladas para a safra 2015/16.

O FMI, em seu relatório de julho de 2015, estima que o crescimento econômico da China deverá ser de apenas 6,8%, em 2015 e, para 2016, apenas 6,3%, valores percentuais muito abaixo dos estimados para 2013, que foram de 7,7%, e 2014, de 7,4%.

Este baixo crescimento tem afetado diretamente os esmagamentos deste país, pois houve uma diminuição de crédito ofertado para as indústrias esmagadoras em 2015 e para 2016. Com isto, a China, nos últimos 5 anos, tem aumentado seus esmagamentos em 8,76%, em média, na safra 2014/15. Para a safra 2015/16 o aumento foi de apenas 7,14%, passando de 74,20 milhões de toneladas para 79,50 milhões de toneladas, respectivamente.

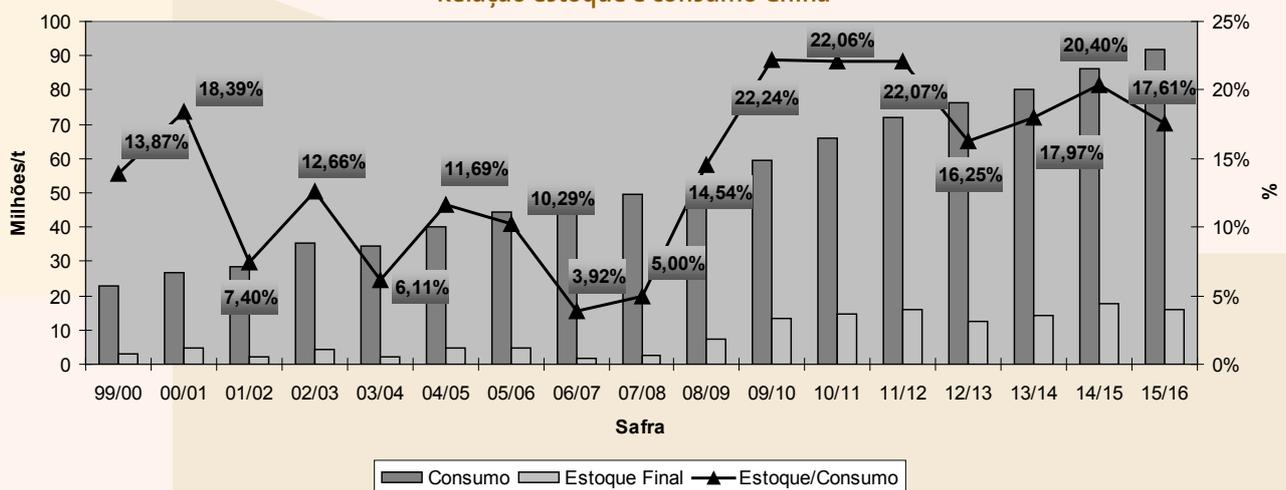
Gráfico 5
Oferta e demanda China - esmagamento soja



Fonte: USDA - agosto/15

A relação estoque/consumo da China ficou em 17,61%, percentual abaixo da média dos últimos 5 anos, que foi de 19,75%.

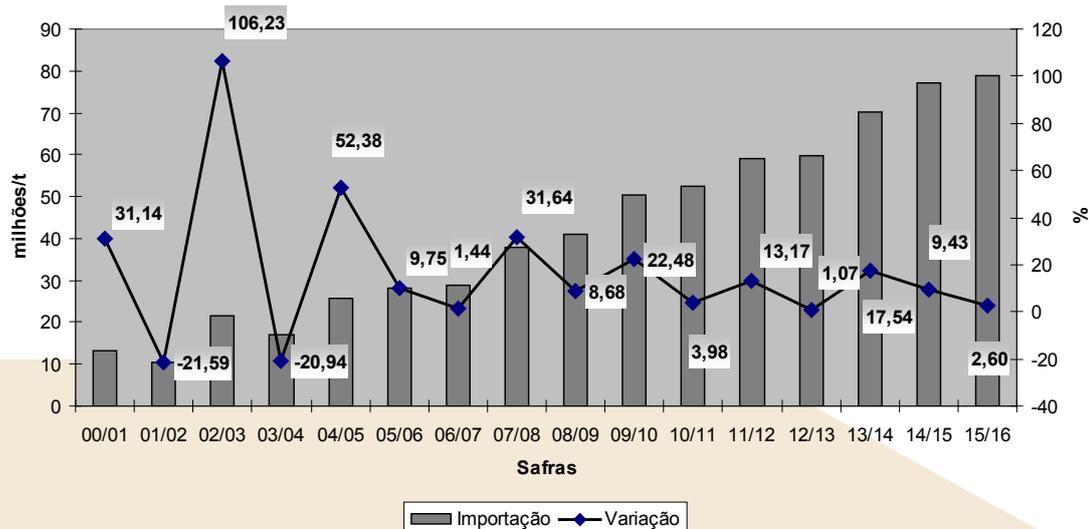
Gráfico 6
Relação estoque e consumo China



Fonte: USDA - agosto/15

Já o aumento percentual das importações chinesas, em 2,60%, é um dos piores dos últimos 10 anos, que tem valor decenal médio de 11,92%. Na safra passada, esta variação ficou em 9,43%, propiciando possibilidades otimistas no sentido de que as importações chinesas aumentem na próxima safra 2015/16.

Gráfico 7
Oferta e demanda China - importação soja



Fonte: USDA - agosto/15

Tabela 8
Oferta e demanda China - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
Produção	14,49	13,05	12,20	12,35	11,50
Importação	59,23	59,87	70,36	77,00	79,00
Exportação	0,28	0,27	0,22	0,18	0,20
Esmagamento	60,97	64,95	68,85	74,20	79,50
Estoque Final	15,91	12,38	14,43	17,55	16,15

Fonte: USDA - agosto/15

2.6.3. Argentina

Para a Argentina, o USDA estima uma redução de produção na safra 2015/16. Após uma safra recorde de aproximadamente 60 milhões de toneladas em 2014/15, devido ao ótimo clima, espera-se que para a safra 2015/16 a produção da Argentina não seja tão elevada e que feche a 57 milhões de toneladas. Os esmagamentos foram estimados em 50,62 milhões de toneladas e as exportações estimadas em 9,75 milhões de toneladas.

Estas exportações não são altas em relação ao Brasil e aos Estados Unidos, mas têm grande influência no quadro de oferta e demanda mundial.

Tabela 9
Oferta e demanda Argentina - milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 agosto
Produção	40,10	49,30	53,50	60,80	57,00
Exportação	7,37	7,74	7,84	9,60	9,75
Esmagamento	35,89	33,61	36,17	38,80	41,50
Estoque Final	15,95	20,96	26,05	33,45	34,10

Fonte: USDA - agosto/15

2.7. Preços internacionais

Os preços internacionais são dados pela Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) e têm sofrido grandes variações nos últimos anos. Os preços CBOT, entre 2004 e 2007, ficaram, em média, a UScents 703,42/bu (US\$ 258,46/t). Com os problemas econômicos ocorridos nos Estados Unidos em 2008, afetando toda a economia mundial e principalmente as *commodities* agrícolas, os preços chegaram a ser cotados a UScents 1.658,00/bu (US\$ 609,21/t), o maior valor cotado até o momento.

Após a recuperação econômica americana, os preços voltaram para os patamares normais, fechando o ano de 2008 a UScents 945,75/bu (US\$ 347,50/t), ficando estáveis até meados de 2010.

Na safra 2010/11, o USDA estimou que a safra americana de soja seria de 90,66 milhões de toneladas, enquanto que a safra anterior era estimada em 91,47 milhões de toneladas. Com isto, os preços internacionais voltaram a ser cotados em alta, chegando a UScents 1.451/bu (US\$ 533,15/t), em 2011.

Todavia, com a nova quebra de safra nos Estados Unidos, no Brasil e na Argentina, os estoques de passagem mundiais, que estavam em 70,80 milhões de toneladas na safra 2010/11, passaram para 54,12 milhões de toneladas na safra 2011/12.

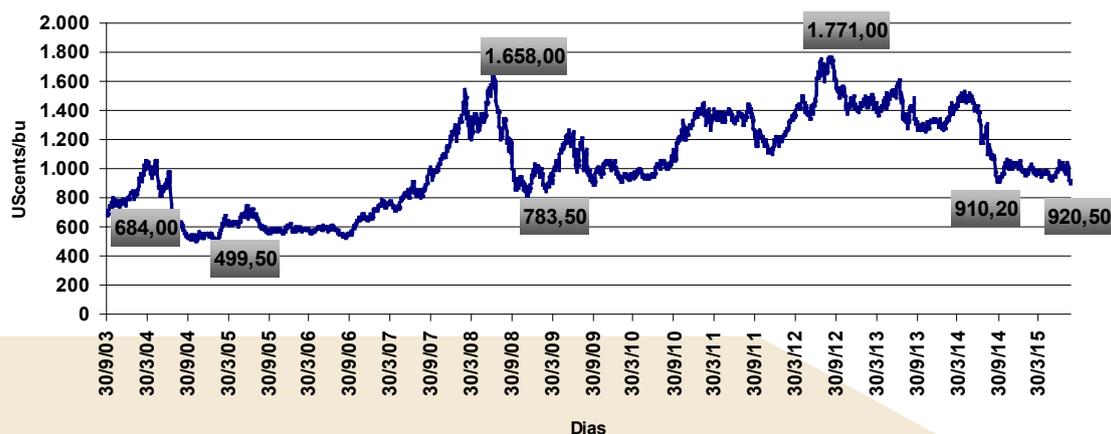
Este cenário, juntamente com uma nova quebra de safra nos Estados Unidos na safra 2012/13, provocou três quebras de safras consecutivas neste país. Os preços internacionais, em 2012, chegaram a ser cotados a UScents 1.771,00/bu (US\$ 650,73/t), maior valor praticado historicamente.

Mesmo com uma pequena quebra de produtividade nos Estados Unidos na safra 2013/14, este país voltou a produzir mais de 91 milhões de toneladas que, somadas às safras recordes do Brasil e Argentina, batem o recorde mundial, com produção estimada em mais de 275 milhões de toneladas.

Com isto, os preços só não começaram a baixar no primeiro semestre de 2014 porque as exportações e esmagamentos americanos foram altos e os estoques de passagem ficaram em apenas 2,5 milhões de toneladas, o pior estoque de passagem da história americana, afetando, assim, os preços internacionais, que chegaram a UScents 1.411,87/bu (US\$ 518,77/t), em média.

Com a estimativa do USDA de uma safra 2014/15 com mais de 100 milhões de toneladas – que se concretizou em 108,02 milhões de toneladas –, os preços internacionais caíram vertiginosamente, chegando a ser cotados a UScents 910,20/bu (US\$ 334,44/t), finalizando o ano em UScents 1.047,70/bu (US\$ 384,96/t).

Gráfico 8
Preços internacionais (CBOT)



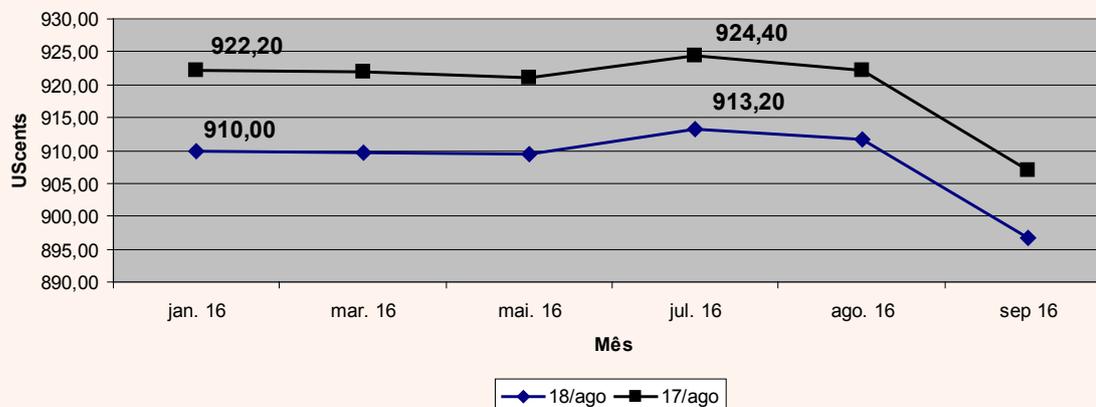
Fonte: CME/Group - CBOT

Com estoques de passagem americanos e mundiais altos na safra 2014/15, os preços internacionais continuaram em baixa no início de 2015 e, depois, deram uma pequena alavancada, devido a notícias de excesso de chuvas no início do plantio norte-americano, o que poderia afetar a produtividade deste país. Contudo, não foi suficiente para que os preços continuassem sua ascensão, pois, o USDA previu, em agosto de 2015, que para os Estados Unidos, a safra 2015/16, seria da ordem de 106,59 milhões de toneladas e os estoques de passagem, de 12,78 milhões de toneladas, ou seja, os maiores praticados historicamente.

Isto somado à melhora climática nos principais estados produtores americanos, fez os preços internacionais cair. Até a primeira quinzena de agosto de 2015, eles eram cotados a UScents 951,00/bu (US\$ 349,43/t), em média.

Para 2016, com a safra americana estimada em 106,59 milhões de toneladas, e com expectativa de safra mundial em alta e estoques de passagem americano e mundial recordes, os preços internacionais devem começar o ano em baixa. Na CBOT, as cotações futuras de janeiro a julho de 2016 estão entre UScents 920/bu (US\$ 338,04/t) e UScents 930/bu (US\$ 341,72/t).

Gráfico 9
Preços futuros (CBOT)



Fonte: CME/Group - CBOT

Contudo, segundo o mercado, a expectativa dos preços futuros para este mesmo período é de que fiquem entre UScents 900/bu (US\$ 330,69/t) e UScents 950/bu (US\$ 349,07/t).

3. Mercado nacional

3.1. Safra brasileira de soja em grãos

Segundo a Conab, em seu relatório de safras do mês de agosto de 2015, o Brasil produziu, aproximadamente, 96,20 milhões de toneladas de soja em grãos na safra 2014/15, valor que é 11,7% maior que os 86,12 milhões de soja em grãos produzidas na safra 2013/14.

O Brasil aumentou sua safra de soja em 74,8% nos últimos 10 anos, com aumento de área de 40,4% e produtividade de 24,5%.

Os principais estados produtores da safra 2014/15 são: Mato Grosso, com 29,2% da produção (28,13 milhões de toneladas); Paraná, com 17,8% da produção (17,12 milhões de toneladas); Rio Grande do Sul, com 15,4% (14,79 milhões de toneladas); e Goiás, com 9,1% (8,75 milhões de toneladas).

O Matopiba, que compreende Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, teve a produção estimada em 10,48 milhões de toneladas, aumento de 20,7%, em relação à safra passada, representando 10,9% de toda a produção nacional.

Tabela 10
Produção de soja - Brasil - em mil t

REGIÃO/UF	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 Previsão ¹	Percentual de Produção
Norte	1.977,2	2.172,2	2.661,5	3.391,3	4.284,5	4,5
RR	10,4	10,4	33,6	56,2	79,2	0,1
RO	425,3	462,2	539,3	607,7	730,6	0,8
PA	314,4	316,7	552,2	668,6	1.010,3	1,1
TO	1.227,1	1.382,9	1.536,4	2.058,8	2.464,4	2,6
Nordeste	6.251,5	6.096,3	5.294,8	6.620,9	8.013,2	8,3
MA	1.599,7	1.650,6	1.685,9	1.823,7	2.057,7	2,1
PI	1.144,3	1.263,1	916,9	1.489,2	1.833,8	1,9
BA	3.507,5	3.182,6	2.692,0	3.308,0	4.121,7	4,3
Centro-Oeste	33.938,9	34.904,8	38.091,4	41.800,5	44.201,1	45,9
MT	20.412,20	21.849,00	23.532,80	26.441,60	28.133,80	29,24
MS	5.169,4	4.628,3	5.809,0	6.148,0	7.177,6	7,5
GO	8.181,6	8.251,5	8.562,9	8.994,9	8.745,0	9,1
DF	175,70	176,00	186,70	216,00	144,70	0,15
Sudeste	4.622,1	4.656,3	5.425,9	5.015,3	5.873,5	6,1
MG	2.913,6	3.058,7	3.374,8	3.327,0	3.507,0	3,6
SP	1.708,5	1.597,6	2.051,1	1.688,3	2.366,5	2,5
Sul	28.534,6	18.553,4	30.025,8	29.292,8	33.831,2	35,2
PR	15.424,1	10.941,9	15.912,4	14.780,7	17.123,5	17,8
SC	1.489,2	1.084,9	1.578,5	1.644,4	1.920,3	2,0
RS	11.621,3	6.526,6	12.534,9	12.867,7	14.787,4	15,4
Norte/Nordeste	8.228,7	8.268,5	7.956,3	10.012,2	12.297,7	12,8
Centro-Sul	67.095,6	58.114,5	73.543,1	76.108,6	83.905,8	87,2
BRASIL	75.324,3	66.383,0	81.499,4	86.120,8	96.203,5	100,0

Legenda: (1) Estimativa em agosto/15
Fonte: Conab

3.2. Esmagamentos e consumo total brasileiro de soja em grãos

Em 2014, os esmagamentos de soja, estimados pela Conab, foram de 36,80 milhões de toneladas. Com o aumento do percentual de biodiesel no diesel passando de 5% para 7% no final de 2014, os esmagamentos de soja em grãos passaram para 41 milhões de toneladas na safra 2014/15, um valor 11,41% maior que os esmagamentos da safra de 2013/14.

Com o uso de sementes e outros usos somados aos esmagamentos, o consumo total de soja em grãos, no Brasil, passaria para 44,64 milhões de toneladas em 2015.

3.3. Exportação brasileira de soja em grãos

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), o Brasil exportou, aproximadamente, 40,69 milhões de toneladas de soja em grãos de janeiro a julho de 2015.

As exportações brasileiras de grãos começaram o ano de 2015 com forte queda em relação ao ano anterior.

Em janeiro e fevereiro, as exportações somaram apenas 953 mil toneladas de grãos exportadas, valor 66% menor que no mesmo período do ano anterior.

Em março e abril de 2015, mesmo não tendo sido as piores exportações dos últimos anos, também foram 39% menor que no mesmo período do ano passado, com exportação estimada pela Secex em 8,76 milhões de toneladas.

Estes baixos valores de exportações, no início do ano de 2015, foram causados pelo efeito de um atraso de plantio nos principais estados produtores de grãos, greve dos caminhoneiros e um incêndio que causou atraso no porto de Santos, maior porto exportador de soja em grãos do Brasil.

As exportações só voltaram à normalidade em maio, quando foram exportadas 9,34 milhões de toneladas de grãos, a maior exportação de soja em grãos para o período.

Entretanto, somente em junho o Brasil bateu recorde de exportação, com 9,81 milhões de toneladas de grãos.

Em julho, as exportações deram uma pequena arrefecida e o Brasil exportou 8,44 milhões de toneladas, somando, assim, 40,69 milhões de toneladas no período de janeiro a julho de 2015, valor 7,51% maior que as exportações no mesmo período de 2014. Com isto, a Conab estima que as exportações totais de soja em grãos para 2015 fiquem em, aproximadamente, 49,12 milhões de toneladas.

Tabela 11
Exportações brasileiras de soja em grãos

Mês/ano	2014				2015			
	Quant.	Valor	%	Preço	Quant.	Valor	%	Preço
	(t)	US\$1000FOB		Médio	(t)	US\$1000FOB		Médio
Jan	30.606	17.810	0,07	581,90	85.336	35.103	0,21	411,35
Fev	2.789.650	1.385.832	6,11	496,78	868.659	346.160	2,13	398,50
Mar	6.229.305	3.147.580	13,63	505,29	5.592.087	2.211.790	13,74	395,52
Abr	8.250.901	4.134.746	18,06	501,13	6.550.977	2.534.258	16,10	386,85
Mai	7.609.783	3.866.209	16,65	508,06	9.341.009	3.612.717	22,96	386,76
Jun	6.893.162	3.571.995	15,09	518,19	9.810.092	3.762.211	24,11	383,50
1º sem.	31.803.405	16.124.172	70	507,00	32.248.160	12.502.239	79	387,69
Jul	6.043.523	3.151.183	13,23	521,42	8.440.388	3.224.053	20,74	389,08
Ago	4.119.263	2.135.355	9,02	518,38				
Set	2.669.833	1.347.500	5,84	504,71				
Out	740.839	363.993	1,62	491,33				
Nov	176.556	81.601	0,39	462,18				
Dez	138.581	73.573	0,30	530,90				
2º sem.	13.888.594	7.153.206	30	515,04	8.440.388	3.224.053	21	381,98
Total	45.691.999	23.277.378	100	509,44	40.688.549	15.726.292	89	386,50

Fonte: Secex

O estado brasileiro que mais exportou foi Mato Grosso, com 11,87 milhões de toneladas, seguido do Rio Grande do Sul, com 6,67 milhões de toneladas e do Paraná, com 5,56 milhões de toneladas de grãos de soja.

Tabela 12
Exportações brasileiras de soja em grãos por UF

Unidades da Federação	2015		
	Quant. (t)	Valor - US\$1000FOB	%
Bahia	1.292.737	501.944	3,18
Distrito Federal	116.420	43.963	0,29
Espírito Santo	1.064	423	0,00
Goiás	2.653.425	1.011.519	6,52
Maranhão	1.324.493	514.903	3,26
Mato Grosso	11.873.297	4.604.792	29,18
Mato Grosso do Sul	2.809.123	1.083.604	6,90
Minas Gerais	1.638.151	638.770	4,03
Pará	714.350	275.273	1,76
Paraná	5.559.956	2.153.741	13,66
Piauí	489.161	189.021	1,20
Rio Grande do Sul	6.670.881	2.563.142	16,39
Rondônia	699.401	267.346	1,72
Roraima	10.183	3.981	0,03
Santa Catarina	1.214.429	468.865	2,98
São Paulo	2.266.528	879.808	5,57
Tocantins	1.333.898	517.183	3,28
Consumo de bordo	20.750,65	7.896,33	0,05
Total	40.688.549	15.726.292	100

Fonte: Secex

O país que mais importou grãos de soja do Brasil foi a China, com 76,55% de toda a importação brasileira, seguida da Espanha, com apenas 3,90% e a Holanda, com 3,17% das importações.

3.4. Estoque de passagem brasileiro de soja em grãos

Com a estimativa de safra batendo recorde de produção e com as exportações do início do ano baixas, os estoques de passagem do Brasil, período de janeiro a dezembro de 2015, foram estimados em mais de 7 milhões de toneladas, mas com a volta acelerada das exportações, os estoques de passagem voltaram aos patamares normais estimados pela Conab em agosto de 2015, em 4,26 milhões de toneladas, valor superior aos 1,41 milhão de toneladas estimadas para 2014 e bem perto da média dos últimos 5 anos, de 1,64 milhões de toneladas.

Sendo assim, no Brasil, hoje, praticamente tudo que é produzido de soja em grãos ou é exportado ou é consumido.

Tabela 13
Oferta e demanda Brasil - em mil toneladas

Soja em grãos					
Descrição/Safra	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 (*)
Estoque Inicial	2.607,2	3.016,5	443,9	740,1	1.415,8
Produção	75.324,3	66.383,0	81.499,4	86.120,8	96.203,5
Importação	41,0	266,5	282,8	578,7	400,0
Suprimento	77.972,5	69.666,0	82.226,1	87.439,6	98.019,3
Esmagamento	38.050,0	33.800,0	35.400,0	36.800,0	41.000,0
Semente e outros	3.920,0	2.954,0	3.294,2	3.532,8	3.638,9
Consumo total	41.970,0	36.754,0	38.694,2	40.332,8	44.638,9
Exportação	32.986,0	32.468,0	42.791,9	45.691,0	49.122,7
Estoque Final	3.016,5	443,9	740,1	1.415,8	4.257,7
Farelo de soja					
Descrição/Safra	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 (*)
Estoque Inicial	2.049,1	3.259,4	950,4	878,8	999,7
Produção	29.298,5	26.026,0	27.258,0	28.336,0	31.570,0
Importação	24,8	5,0	3,9	1,0	1,0
Suprimento	31.372,4	29.290,4	28.212,3	29.215,7	32.570,7
Consumo Interno	13.758,0	14.051,0	14.000,0	14.500,0	14.800,0
Exportação	14.355,0	14.289,0	13.333,5	13.716,0	15.500,0
Estoque Final	3.259,4	950,4	878,8	999,7	2.270,7
Óleo de soja (bruto e refinado)					
Descrição/Safra	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 (*)
Estoque Inicial	541,1	692,0	198,9	244,4	615,5
Produção	7.419,8	6.591,0	6.903,0	7.176,0	7.995,0
Importação	0,1	1,0	5,0	0,1	12,0
Suprimento	7.961,0	7.284,0	7.106,9	7.420,5	8.622,5
Consumo Interno	5.528,0	5.328,0	5.500,0	5.500,0	6.500,0
Exportação	1.741,0	1.757,1	1.362,5	1.305,0	1.400,0
Estoque Final	692,0	198,9	244,4	615,5	722,5

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab, Secex e Abiove

Nota: 1 Refere-se ao ano civil janeiro a dezembro

3.5. Preços nacionais

Os preços no mercado nacional de soja em grãos são afetados por vários fatores tais como fretes, impostos, despesas administrativas e quebras técnicas que interferem diretamente nos preços internos. Mas segundo estudos, os fatores que mais afetam os preços nacionais são as variações do dólar e, principalmente, os preços internacionais.

Apesar dos valores em baixa dos preços internacionais, os preços no mercado nacional, no período de janeiro a agosto de 2015, foram acima da média dos últimos 5 anos, já que o dólar teve grande valorização frente ao real em 2015 e foi cotado a R\$ 3,035/dólar, em média, neste período.

No Mato Grosso, os preços médios, de janeiro a agosto, foram de R\$ 55,06/kg; no Paraná, de R\$ 60,25/kg; no Rio Grande do Sul, de R\$ 60,02/kg; em Goiás, de R\$ 57,57/kg; e na Bahia, de R\$ 56,97/kg.

Tabela 14
Preço pago ao agricultor em 2015 - R\$/60kg

Período	01/2015	02/2015	03/2015	04/2015	05/2015	06/2015	07/2015	08/2015	Média
BA	53,73	54,58	54,88	55,61	54,60	55,46	62,07	64,83	56,97
GO	54,11	55,27	60,38	59,68	56,20	55,85	58,47	60,58	57,57
MA	53,15	55,83	59,09	59,12	57,00	55,40	57,86	64,65	57,76
MG	59,70	54,74	59,64	58,76	59,29	59,92	62,67	65,97	60,09
MS	55,18	53,17	56,56	55,83	54,24	55,37	59,52	62,23	56,51
MT	53,74	51,15	55,46	56,00	53,71	53,91	56,91	59,63	55,06
PI	57,67	54,42	57,67	54,92	55,57	55,92	62,37	66,52	58,13
PR	57,11	57,50	60,39	59,84	58,35	59,10	63,48	66,25	60,25
RS	57,37	55,14	60,54	60,58	57,98	58,66	63,05	66,83	60,02
SC	56,62	56,16	60,41	59,68	57,79	58,09	61,78	64,88	59,43
TO	59,37	60,06	54,82	54,11	54,33	57,81	60,24	63,30	58,01

Fonte: Conab

3.6. Rentabilidade

Com o dólar em alta, o custo de produção vem aumentando gradativamente no ano de 2015, com isto, a rentabilidade do agricultor no plantio de soja fica cada vez menor.

Em maio de 2014, o custo variável de produção de soja, que estava estimado em R\$ 1.609,73/ha, foi para R\$ 1.774,27/ha, ou seja, houve uma variação de 10,22% do custo variável de produção entre maio de 2014 e maio de 2015.

Em março de 2015, o custo variável de produção foi estimado em R\$ 1.715,59/ha, e em julho de 2015 em R\$ 1.859,13/ha, com variação de 8,36% entre março de 2015 e julho de 2015.

Tabela 15
Custo de produção - média simples Brasil

Custeio		Custo Variável		Custo Operacional		Custo Total	
ha	60kg	ha	60kg	ha	60kg	ha	60kg
Custo de Produção Brasil (Maio/14)							
1.315,47	25,77	1.609,73	31,53	1.852,83	36,37	2.351,32	46,09
Custo de Produção Brasil (Maio/15)							
1.467,15	28,81	1.774,27	34,87	2.017,73	39,72	2.519,69	49,67
Custo de Produção Brasil (Março/15)							
1.421,31	27,91	1.715,69	33,71	1.959,02	38,54	2.514,47	49,42
Custo de Produção Brasil (Julho/15)							
1.525,53	29,85	1.859,13	36,40	2.142,48	41,99	2.649,53	51,99
Variação (%)							
Maio de 2014 - Maio de 2015							
11,53	11,81	10,22	10,61	8,90	9,22	7,16	7,77
Março de 2015 - Julho de 2015							
7,33	6,94	8,36	7,98	9,37	8,94	5,37	5,21

Fonte: Conab

Deste modo, o lucro líquido do custo variável no Brasil em maio de 2015, com uma produtividade média Brasil de 3.000kg/ha e valor médio da saca de R\$55,80/60kg, ficou em R\$ 24,27/60kg (R\$ 1.213,50/ha).

Para 2016, estando os preços médios da saca de soja com o mesmo valor de maio de 2015, haverá uma lucratividade média Brasil do custo variável de R\$ 21,23/60kg (R\$ 1.061,5/ha), também com uma produtividade média Brasil de 3.000kg/ha.

Tabela 16
Rentabilidade Brasil - R\$/60kg - média simples Brasil

Maio 2015				
Preço Médio Pago ao Agricultor (maio/15)	Rentabilidade Custo Variável	Rentabilidade Custo Operacional	Rentabilidade Custo Total	Preço Mínimo 2015
56,10	24,57	19,73	10,01	26,38
Maio 2015				
Preço Médio Pago ao Agricultor (maio/15)	Rentabilidade Custo Variável	Rentabilidade Custo Operacional	Rentabilidade Custo Total	Preço Mínimo 2015
56,10	21,23	16,38	6,43	27,72
Maio 2015				
Preço Médio Pago ao Agricultor (maio/15)	Rentabilidade Custo Variável	Rentabilidade Custo Operacional	Rentabilidade Custo Total	Preço Mínimo 2015
-	-13,61	-16,99	-35,79	5,08

Fonte: Conab

Nota: (*) Estimativa para safra 2015/16

O custo variável de produção da safra 2015/16 deve ser um pouco maior (10%) que o custo de produção da safra 2014/15, e, assim, a diferença entre rentabilidade média Brasil do custo variável entre as safras 2014/15 e 2015/16 deverá ser negativa em 13,61%, perdendo, em média, mais de R\$ 167/ha de uma safra para outra.

4. Análise prospectiva para a safra nacional 2015/16

A safra 2015/16 mundial, estimada pelo USDA, foi de aproximadamente 320,05 milhões de toneladas, ou seja, maior safra de soja mundial já produzida.

Apesar da estimativa de produção dos Estados Unidos safra 2015/16 ser menor que a safra 2014/15, esta safra foi estimada em 106,50 milhões de toneladas, gerando assim um estoque de passagem americano de 12,78 milhões de toneladas.

Com os estoques de passagem mundial e americano sendo os mais altos da história, os preços internacionais que, até julho de 2015, foram cotados, em média, a UScents 984,71/bu (US\$ 361,82/t) deverão ficar, em 2016, entre UScents 950/bu (US\$ 349,07/t) e UScents 900/bu (US\$ 330,69/t).

Mesmo com os preços internacionais em baixa, em 2015 o dólar foi cotado, em média, a R\$ R\$ 3,035/dólar, chegando a ser cotado a mais de R\$ 3,50/dólar, segurando os preços no mercado nacional em 2015.

Para 2016, estima-se que o dólar continuará em alta e, segundo o Banco Central, deverá girar em torno de R\$ 3,40, o que deve segurar por mais tempo os preços internos.

Os preços internacionais devem ficar entre UScents 900,00/bu (US\$ 330,69/t) e UScents 950,00/bu (US\$ 349,07/t). Com isto, os preços nacionais devem ficar nos mesmos patamares ou um pouco menores que os preços praticados em 2015.

Tabela 17
Expectativa de preços pagos ao agricultor em Sorriso-MT e Cascavel-PR

Expectativa de Preços Pago ao Agricultor 2016 (Sorriso - MT) - US\$/R\$								
		2,40	2,60	2,80	3,00	3,20	3,40	3,60
CBOT (UScents/bu)	1.100	41,91	46,79	51,67	56,55	61,43	66,31	71,18
	1.050	39,31	43,97	48,63	53,30	57,96	62,62	67,28
	1.000	36,71	41,16	45,60	50,05	54,49	58,94	63,38
	950	34,11	38,34	42,57	46,79	51,02	55,25	59,48
	900	31,51	35,52	39,53	43,54	47,55	51,57	55,58
	850	28,91	32,70	36,50	40,29	44,09	47,88	51,68
	800	26,31	29,88	33,46	37,04	40,62	44,20	47,77
Expectativa de Preços Pago ao Agricultor 2016 (Cascavel - PR) - US\$/R\$								
		2,40	2,60	2,80	3,00	3,20	3,40	3,60
CBOT (UScents/bu)	1.100	53,20	58,08	62,96	67,83	72,71	77,59	82,47
	1.050	50,60	55,26	59,92	64,58	69,24	73,91	78,57
	1.000	48,00	52,44	56,89	61,33	65,78	70,22	74,67
	950	45,39	49,62	53,85	58,08	62,31	66,54	70,77
	900	42,79	46,81	50,82	54,83	58,84	62,85	66,86
	850	40,19	43,99	47,78	51,58	55,37	59,17	62,96
	800	37,59	41,17	44,75	48,33	51,90	55,48	59,06

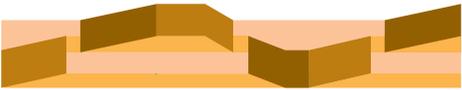
Fonte: Conab

Nota: Frete (Paranaguá-PR/Cascavel-PR) = R\$ 90,00/t - Prêmio Porto Paranaguá-PR = UScents 45,00/bu
Frete (Paranaguá-PR/Sorriso-MT) = R\$ 280,00/t. - Prêmio Porto Paranaguá-PR = UScents 45,00/bu

As exportações brasileiras de soja em 2016 devem ser superiores às quantidades exportadas em 2015, estimadas em mais de 49,12 milhões de toneladas. Segundo o USDA, o Brasil exportará aproximadamente 54,50 milhões de toneladas de soja em grãos em 2016, com o aumento das importações chinesas passando de 77 milhões para 79 milhões de toneladas. O Brasil deverá exportar 50,53 milhões de toneladas de grãos em média. Com uma variação de 3% para mais ou para menos, o Brasil deve exportar entre 49,02 milhões e 52,05 milhões de toneladas de soja em grãos.

Em face aos problemas econômicos que o Brasil tem passado, os esmagamentos brasileiros de grãos deverão ficar entre 41,00 milhões e 43,50 milhões de toneladas.

Com o uso de sementes e outros, somados aos esmagamentos, o consumo total de soja em grãos no Brasil ficaria entre 43,78 milhões de toneladas e 47,32 milhões de toneladas em 2016.



SORGO

LEANDRO MENEGON CORDER



1. Introdução

A origem exata do sorgo é desconhecida, o que se sabe é que ela remonta ao continente africano ou asiático. Embora seja uma cultura antiga, somente a partir do século XIX foi expandida para outras regiões. Nos países em desenvolvimento, o sorgo, principalmente o granífero, destina-se à alimentação humana de mais de 500 milhões de pessoas, enquanto nos demais países a cultura é utilizada essencialmente como alimento animal.

É uma cultura importante, sendo o quinto cereal mais produzido no mundo, atrás, apenas, do arroz, do trigo, do milho e da cevada. Sua maior área produzida localiza-se na África, enquanto a maior produção está na América do Norte (México e EUA). É também uma cultura que apresenta bastante versatilidade, podendo ser utilizada na alimentação humana e animal e servindo de matéria-prima para a produção de álcool anidro, bebidas alcoólicas, colas, tintas, vassouras, na extração de açúcar, produção de amido e óleo comestível.

Para utilização específica na agropecuária, o sorgo é destinado à ração animal, silagem e pastejo. Com o uso de variedades híbridas de elevadas qualidades e produtividades, este produto vem se transformando numa cultura de grande expressão para a produção animal (ração), devido a um conjunto de fatores como: seu alto potencial de produção, a boa adequação à mecanização, a reconhecida qualificação como fonte de energia para arração animal, a sua grande versatilidade (feno, silagem e pastejo direto) e a sua facilidade de adaptação às regiões mais secas, tornando-se assim, uma cultura mais segura que a do milho, porém com preços menos convidativos.

No Brasil são cultivados quatro tipos de sorgo:

- a) Granífero: sorgo de porte baixo, com grande produção de grãos e adaptado à colheita mecanizada;
- b) Forrageiro: sorgo de alta estatura, com grande produção de matéria verde, sendo utilizado principalmente para pastejo, corte verde, fenação e cobertura morta;
- c) Sacarino: sorgo de alta estatura, com colmos doces e produção mínima de grãos. Mais voltado para a produção de etanol e açúcares;
- d) Vassoura: sorgo de elevada estatura podendo atingir 3 metros, cuja panícula é utilizada para a confecção de vassouras, através da palha.

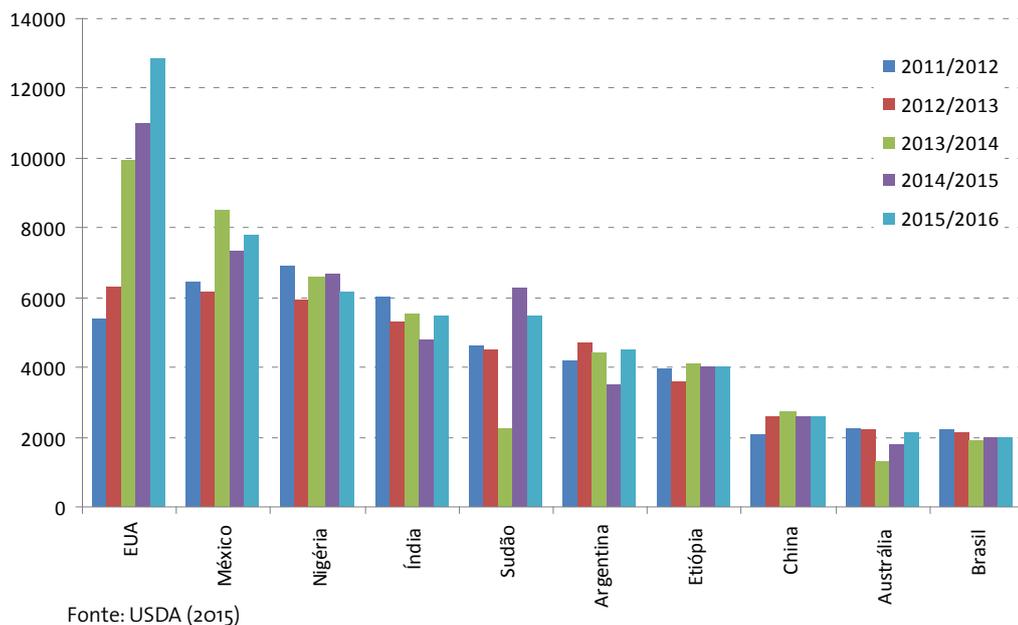
Neste artigo, serão apresentadas análises dos mercados nacional e internacional de sorgo granífero, com uma breve revisão do histórico recente do produto, objetivando, com base nessas informações, desenhar cenários possíveis para a safra 2015/16, bem como sinalizar para a cadeia produtiva do produto, em especial aos agricultores, as perspectivas para a próxima safra.

2. Panorama internacional

Como citado anteriormente, os maiores produtores de sorgo estão localizados principalmente na América do Norte, sendo os Estados Unidos e o México os países de maior produção. Nos dados estimados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), os EUA devem aumentar bastante sua produção em aproximadamente 16,75%. O México, segundo maior produtor de sorgo, também vê um aumento, mas percentualmente menor que o crescimento visto nos EUA, o que mantém os norte-americanos com a liderança da produção, que nos últimos anos só foi perdida na safra 2011/12 (Gráfico 1). Tal ocorrência deveu-se à questão climática desfavorável, que afetou bastante a produção americana naquele ano. Os demais produtores apresentados estão em ordem decrescente, de acordo com a produção estimada na safra 2015/16.

No México, a queda deu-se por um problema climático e por um problema de competitividade, que fez com que o país importasse sorgo dos EUA. Mesmo com o aumento da produção estimada para a próxima safra mexicana, não se pode dizer que a importação diminuirá, já que tudo dependerá da competitividade do sorgo de cada um desses países.

Gráfico 1
Produção mundial de sorgo, em países selecionados, em mil toneladas



A produção mundial de sorgo, para a safra 2015/16, está estimada, de acordo com o último relatório de Oferta e Demanda do USDA, em 67,1 milhões de toneladas, representando um aumento de cerca de 5,5% (3,53 milhões de toneladas) em relação aos 63,6 milhões de toneladas produzidas na safra 2014/15. Já o consumo mundial, estimado em 62,79 milhões de toneladas, mostra um aumento de 7,72% (4,5 milhões de toneladas), em relação as 58,29 milhões de toneladas da safra anterior. Com esse crescimento, o estoque final do produto deve aumentar em quase 300 mil toneladas, representando aumento de pouco mais de 13%, como apresentado na Tabela 1.

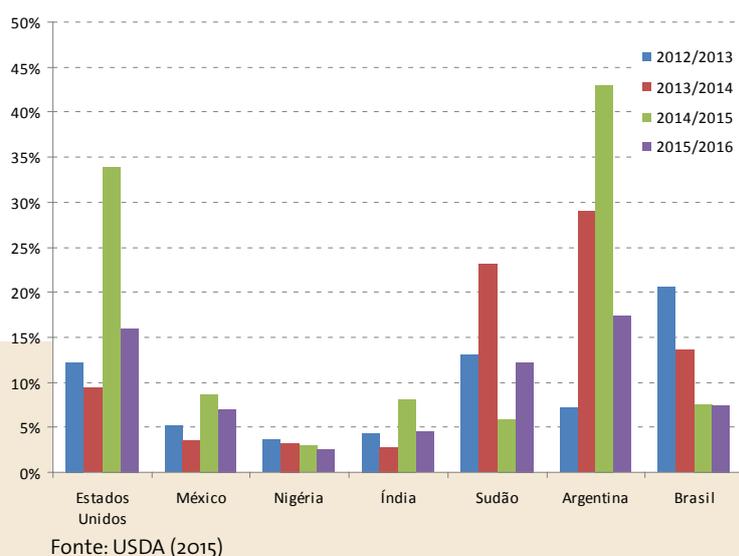
Tabela 1
Oferta e demanda mundial de sorgo entre 2010 e 2015*, em mil toneladas - mundo

Safra	Estoque inicial	Produção	Importações	Oferta total	Consumo			Exportações	Estoque final
					Alimentação	Ração	Total		
2010/2011	4.672	61.167	6.734	72.573	26.736	33.206	59.942	6.752	5.879
2011/2012	5.879	57.245	5.021	68.145	23.088	33.896	56.984	6.530	4.636
2012/2013	4.636	57.933	6.754	69.323	24.741	34.270	59.011	6.525	4.775
2013/2014	4.766	60.908	6.682	72.222	32.293	26.509	58.802	7.699	5.721
2014/2015	5.721	63.565	10.559	79.997	33.612	30.448	64.060	11.467	4.470
2015/2016*	4.470	67.095	12.040	83.605	33.774	31.817	65.591	13.086	4.928

Fonte: USDA (2015)

No ano passado, o sorgo viu sua demanda aumentar bastante, principalmente com a entrada da China como importadora do grão, o que fez com que o preço dele se mantivesse bem alto. Esse aumento veio principalmente para a produção de ração no país asiático, com um avanço menor para a utilização no consumo humano, como pode ser visto na Tabela 1. Por fim, a relação estoque/consumo diminuiu bastante no mundo, valendo destacar a queda em dois dos países que mais se aproveitaram da abertura chinesa: EUA e Argentina, que são grandes produtores do grão, enquanto que apenas no Sudão é visto um crescimento da relação estoque/consumo, como apresentado no Gráfico 2.

Gráfico 2
Relação estoque/consumo, em países selecionados

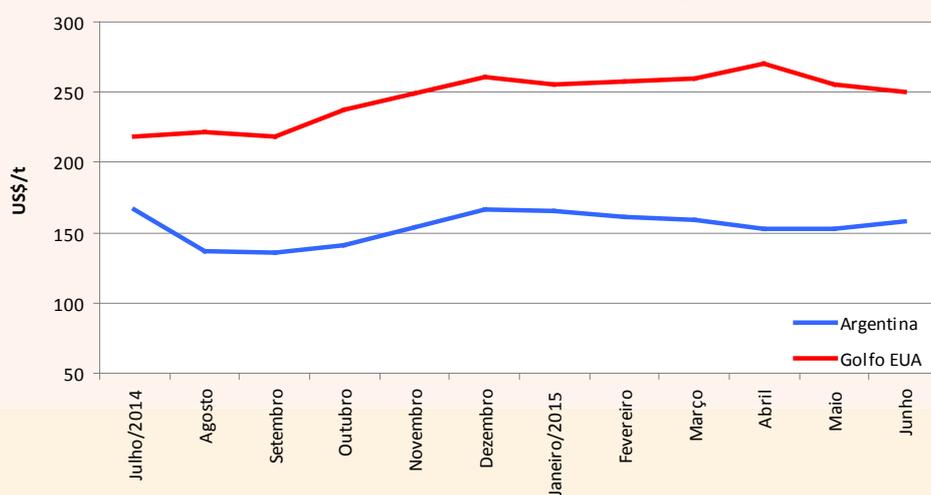


Com os estoques e a produção em alta, não se vislumbra uma tendência clara do que deve acontecer com os preços, pois seria necessário saber exatamente como é a demanda do produto para saber o que poderia acontecer com essa produção maior.

2.1. Preços internacionais

Apesar da aproximação do período de colheita no México e nos EUA, os preços de sorgo estão bem constantes, não havendo nenhum pico na entressafra e nem queda nesse período, pelo que foi citado anteriormente, já que a China aumentou sensivelmente a demanda pelo produto, modificando assim a estrutura de oferta-demanda anterior. Não se pode dizer que a importação continuará nesse mesmo ritmo ou mesmo se seguirá acontecendo. Com isso, verificou-se um preço anualizado de 13,47% em relação ao mesmo período de 2013/14 nos EUA (Golfo do México). Já na Argentina, o período recente se deu em um cenário de excesso de estoque, o que puxou a média para baixo e, apesar da recuperação nos dois últimos meses, os preços estão 18,53% abaixo em relação ao mesmo período do ano passado.

Gráfico 3
Preços nominais de sorgo na Argentina e Golfo do México, entre agosto de 2014 e julho de 2015



Fonte: SAGPyA (2015); FAO (2015)

Diante deste panorama, fica difícil prever o comportamento dos preços, ficando na dependência do preço de milho no mercado internacional e da demanda chinesa, que derivará diretamente dessa primeira variável. Mesmo com uma produção quase 10% superior devido às boas condições no Texas (EUA) e em Tamaulipas (México), há de se notar que ela ainda é pequena em relação ao milho, que segundo dados da USDA, deve apresentar uma pequena retração.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda

Novamente, a safra de sorgo sofreu diminuição de área plantada em relação à safra passada, redução causada principalmente no Centro-Oeste, principal centro produtor desse grão, com destaque para o Mato Grosso, que diminuiu a área quase à metade do plantado na safra passada. Em Goiás, maior produtor, o aumento da área se dá em um momento em que, no estado, o preço do sorgo está bem próximo ao do milho, mas com um custo de produção bem inferior, o que faz a decisão do produtor ser a de aumentar essa produção.

Segundo dados do “10º Levantamento de Avaliação da Safra de Grãos”, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Goiás lidera a produção nacional com 851,1 mil toneladas, aumento de mais de 20% em relação à safra anterior, seguido por Minas Gerais (497,5 mil toneladas) e por Mato Grosso (206,7 mil toneladas), revelando grande queda na produção mato-grossense do grão.

Tabela 2
Área plantada, produtividade e produção total de sorgo, entre 2012 e 2015 - Brasil

Região/UF	Área plantada, em mil hectares			Produtividade, em kg/ha			Produção, em mil toneladas		
	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
Norte	19,1	20,4	21,2	1923	1923	1835	36,7	39,2	38,9
TO	19,1	20,4	21,2	1923	1923	1835	36,7	39,2	38,9
Nordeste	92,5	145,5	155,6	396	1149	872	36,7	167,2	135,7
PI	1,4	7,7	6,2	1058	1819	2548	1,5	14,0	15,8
CE	0,6	1,3	0,7	480	1198	1489	0,3	1,6	1,0
RN	2,2	1,7	0,7	872	690	1671	1,9	1,2	1,2
PE	1,0	1,8	6,2	467	560	430	0,5	1,0	2,7
BA	87,1	132,8	141,8	371	1123	811	32,3	149,1	115,0
Centro-Oeste	478,4	433,4	332,2	2965	3069	3344	1418,5	1329,9	1111,3
MT	163,2	143,5	85,9	2727	2420	2406	445,0	347,3	206,7
MS	15,0	8,6	10,5	2647	2800	3500	39,7	24,1	36,8
GO	291,8	273,1	232,6	3085	3378	3661	900,2	922,5	851,5
DF	8,4	8,2	3,3	4000	4392	4927	33,6	36,0	16,3
Sudeste	183,3	183,0	175,6	2944	3010	3114	539,6	550,9	546,8
MG	163,7	170,2	161,8	2883	2981	3075	472,0	507,4	497,5
SP	19,6	12,8	13,8	3447	3400	3572	67,6	43,5	49,3
SUL	28,4	15,2	10,5	2465	2645	2426	70,0	40,2	25,5
RS	28,4	15,2	10,5	2465	2645	2426	70,0	40,2	25,5
Norte/Nordeste	111,6	165,9	176,8	657	1244	987	73,4	206,4	174,6
Centro-Sul	690,1	631,6	518,4	2939	3041	3248	2028,1	1921,0	1683,6
Brasil	801,7	797,5	695,2	2621	2668	2673	2101,5	2127,4	1858,2

Fonte: Conab – levantamento julho de 2015

Tabela 3
Quadro de oferta e demanda de sorgo no Brasil, em mil toneladas

Ano Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Consumo	Exportação	Estoque Final
2008/2009	177,7	1.934,90	8,2	1.840,00	5,1	275,7
2009/2010	275,7	1.624,20	3,2	1.860,00	0,6	42,5
2010/2011	42,5	2.314,00	0,2	1.910,00	0,4	362,5
2011/2012	362,5	2.221,90	0,3	1.960,00	0,1	624,6
2012/2013	624,6	2.101,50	0,4	2.091,00	5,3	630,2
2013/2014	630,2	1.891,20	0,5	1.890,30	9,6	591,4
2014/2015	591,4	1.858,20	0,2	2.014,00	12,8	423

Fonte: MDIC, SINDIRAÇÕES, Conab

3.2. Preços nacionais

Os preços recebidos pelos produtores estão no mesmo patamar em 2013/14 e em 2014/15, tendo seu preço nominal praticamente o mesmo, entre 3% para mais e para menos em todas as praças analisadas, pois o preço do milho se manteve bom durante a safra. O sorgo apresenta uma produção em menor escala comparativamente às principais *commodities* agrícolas (milho e soja) e seu consumo atua de forma subsidiária ao milho na composição de ração animal, o que acaba refletindo no seu preço, que é muito relacionado ao do milho, normalmente ficando abaixo de 80% do preço deste.

Para exemplificar essa relação entre os preços, foi utilizada uma correlação simples entre os preços nominais de sorgo, com valores bem relevantes para a maioria dos estados comparados. Os estados que apresentam correlação mais baixa, ou mesmo negativa, foram os que não tiveram o preço atualizado mensalmente, por falta de comercialização. Quanto mais próximo de 1 esse valor, maior a relação entre o movimento de uma variável em relação à outra, mostrando que os preços de sorgo são bem sensíveis às variações no preço do milho.

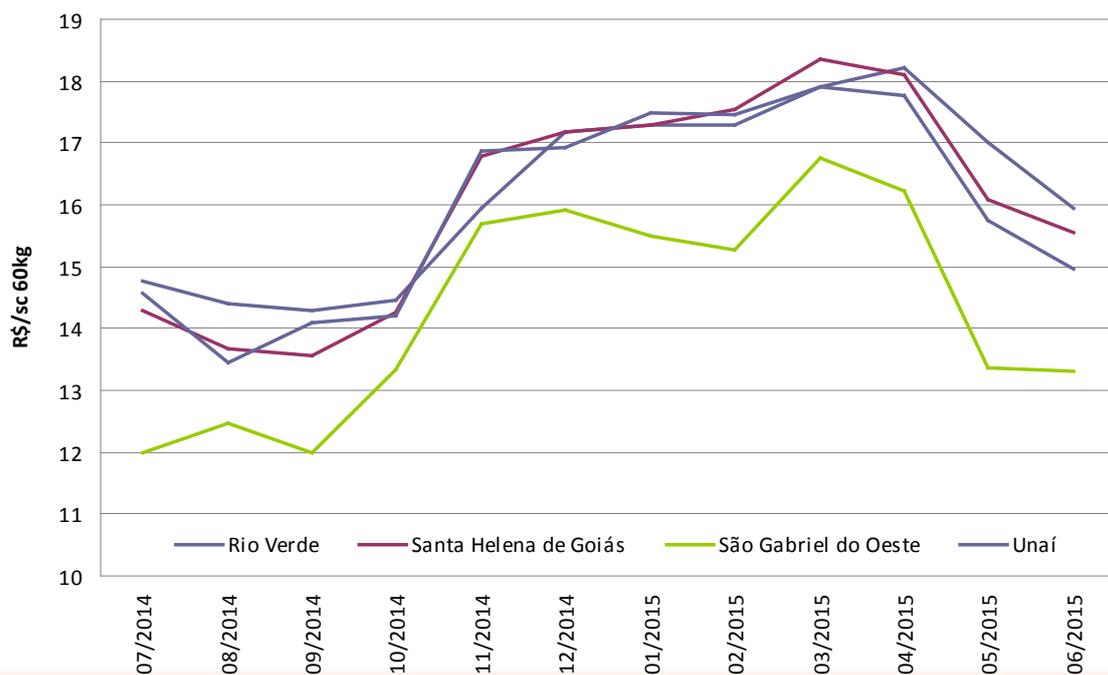
Tabela 4
Correlação entre preço de milho e sorgo recebido pelo produtor

BA	DF	GO	MG	MS	MT
-0,011828335	0,916761381	0,989042661	0,966535484	0,992557495	0,991931383
PI	PR	RS	SP	TO	
0,511843935	-0,2508239	0,760276859	0,777871272	0,263148588	

Fonte: Conab (2015)

Dessa forma, observa-se que o sorgo pode vir a sofrer com a grande produção de milho tanto aqui quanto lá fora, o que pode forçar os preços para baixo, como se verá a seguir, afetando conseqüentemente a rentabilidade do produto e preocupando o produtor, que viu o preço praticado muito próximo ao preço mínimo estabelecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em vários estados, e até abaixo desse patamar em algumas praças, como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Gráfico 4
Preços nominais de sorgo, em praças selecionadas



Fonte: Conab (2015)

3.3. Rentabilidade

Com base nos dados da Conab, comparando-se a rentabilidade da safra 2014/15 de sorgo e milho (safra das secas) na praça de Rio Verde/GO e assumindo como base o mês de julho/15, tanto para os preços recebidos, quanto para o custo de produção, pode-se observar que ao contrário do que se viu na safra passada, os produtos mostram rentabilidades parelhas semelhantes nessa localidade, com uma pequena vantagem do sorgo até o momento em que se considera o custo total, quando o milho é economicamente mais vantajoso.

A margem bruta sobre as despesas de custeio é de $-1,84\%$ para o milho e $30,52\%$ para o sorgo. A margem bruta sobre o custo variável e a margem líquida sobre o custo operacional para o milho atinge $-29,53\%$ e $-40,37\%$, respectivamente, enquanto o sorgo apresenta valores de $8,80\%$ e $-3,34\%$. Estes resultados mostram que, na atual conjuntura, os produtores de sorgo de Rio Verde estão operando acima dos custos variáveis, ou seja, estão cobrindo todas as despesas diretas para o plantio, enquanto depreciação e outros custos que não são sentidos no bolso do produtor no momento em que são feitos, não são pagos com a receita obtida. Os produtores de milho, ao contrário do que se viu em outros anos, estão em situação bem pior, devido aos custos menores do sorgo e ao diferencial de preço não ser tão grande. Vale lembrar que isso vale apenas para Rio Verde, necessitando, em cada localidade, uma outra análise de rentabilidade. Outro ponto a ser ressaltado é que os preços de milho estão em queda no momento, mas por ter um mercado mais maduro, grande parte da produção é negociada antes da colheita, com outros preços.

Tabela 5
Comparativo de rentabilidade entre sorgo e milho, em Rio Verde/GO

Discriminação	Preços Mercado - Produtor			
	Sorgo		Milho	
	R\$/HA	R\$/60KG	R\$/HA	R\$/60KG
ANÁLISE FINANCEIRA:				
A - Receita bruta	961,33	16,48	1.912,50	19,00
B - Despesas:				
B1 - Despesas de Custeio (DC)	687,00	11,45	1.644,92	19,35
B2 - Custos Variáveis (CV)	954,11	15,03	2.091,48	24,61
B3 - Custo Operacional (CO)	994,34	17,03	2.266,51	26,67
B4 - Custo total (CT)	1.410,58	21,26	2.601,25	30,61
a) - Margem Bruta s/ DC (A - B1)	274,33	5,03	267,58	-0,35
b) - Margem Bruta s/ CV (A - B2)	7,22	1,45	-178,98	-5,61
c) - Margem Líquida s/ CO (A - B3)	-33,01	-0,55	-354,01	-7,67
d) Margem Líquida s/ CT (A - B4)	-449,25	-4,78	-688,75	-11,61
ANÁLISE QUANTITATIVA:	KG/HA	60KG	KG/HA	60KG
Ponto de equilíbrio s/ DC	714,63	11,91	860,09	16,97
Ponto de equilíbrio s/ CV	992,49	16,54	1.093,58	21,59
Ponto de equilíbrio s/ CO	1.034,33	17,24	1.185,10	23,39
Ponto de equilíbrio s/ CT	1.467,32	24,46	1.360,13	26,85
INDICADORES:				
Receita sobre o Custeio		1,44		0,98
Receita sobre o Custo Variável		1,10		0,77
Receita sobre o Custo Operacional		0,97		0,71
Receita sobre o Custo Total		0,78		0,62
Margem Bruta (DC) / Receita (%)		30,52%		-1,84%
Margem Bruta (CV) / Receita (%)		8,80%		-29,53%
Margem Líquida (CO) / Receita (%)		-3,34%		-40,37%
Margem Líquida (CT) / Receita (%)		-29,00%		-61,11%

Fonte: Conab (2015)

4. Análise prospectiva

4.1. Produção

Considerando as estimativas para essa safra como corretas para o Brasil e bem plausíveis para os EUA, resta estimar os cenários possíveis para a safra 2015/16.

- Taxa de câmbio: R\$3,40/US\$
- Crescimento da economia em 2015: -1,5%
- Crescimento da economia em 2016: 0,2%

Começando pelos EUA, a colheita do produto, que começa em setembro, deve ser 16,74% maior que a da safra 2014/15, carregada principalmente pelo aumento da área, que deve aumentar mais de 20%.

Com isso, estima-se que os estoques cresçam bastante ao final do período, pois mesmo com a grande produção da safra passada, não houve a esperada recomposição de estoques devido à maior demanda mexicana, o que causou, inclusive, a diminuição do estoque norte-americano. Fato esse que, alinhado com a política de aumento de estoques para evitar falta de produto (como ocorrido na safra passada, por causa da seca), levou a um aumento da produção, que acabou sendo escoada para o mercado externo (México e China), não permitindo que houvesse uma recuperação dos níveis de estoque.

Para o Brasil, o produto deve continuar perdendo bastante área no Mato Grosso, contudo ganhando mais espaço em Goiás, em condições de preço que devem ser um pouco piores que as vistas no ano passado, já que a produção de milho tende a ser recorde. Um fator que pode alterar esse cenário são os problemas climáticos, entretanto como não é possível prevê-los com tanta antecedência e exatidão, será usado um cenário normal do ponto de vista climático.

Neste foco, em um cenário que a produção seja um pouco maior, não se deve haver preocupação com a demanda da produção, visto que o país trabalha com redução de estoque há três anos, tendo maior procura do que a quantidade produzida. Também não ocorrerá um problema de superoferta, no caso da produção aumentar em relação à previsão vista na Tabela 2.

Outro ponto a ser analisado é a destinação do produto: o sorgo brasileiro é, basicamente, consumido internamente. Já o milho, que é o produto substituto ao sorgo, tem bastante mercado fora do país, o que é um ponto positivo em um momento em que o dólar projetado está cotado em R\$ 3,40, fazendo com que a exportação do produto fique mais interessante, apesar do aumento do custo de produção.

Analisando sob o ponto de vista da política de ajuste fiscal do governo federal, primariamente, não há um efeito forte sobre o produtor, pois tanto um movimento expansionista ou retracionista não afetam tanto os produtos agrícolas, que têm elasticidade preço-renda inelástica, ou seja, reage pouco ao crescimento da economia. Por outro lado, o setor agrícola é pesadamente auxiliado pelo Estado, através de programas de escoamento, auxílio para armazenagem, juros menores, regime tributário diferenciado, garantia de preço mínimo etc, e no caso de haver cortes no orçamento, algumas dessas benesses podem ser mais difíceis de conquistar.

Para a safra norte-americana, os dados do USDA mostram produção e estoques em alta, o que é uma notícia ruim para o produtor. Os estoques atuais podem estar baixos, mas caso ocorra um aumento de praticamente 50%, colocando-o em patamares historicamente altos, deverá haver uma pressão levando os preços para baixo e diminuindo a competitividade do sorgo.

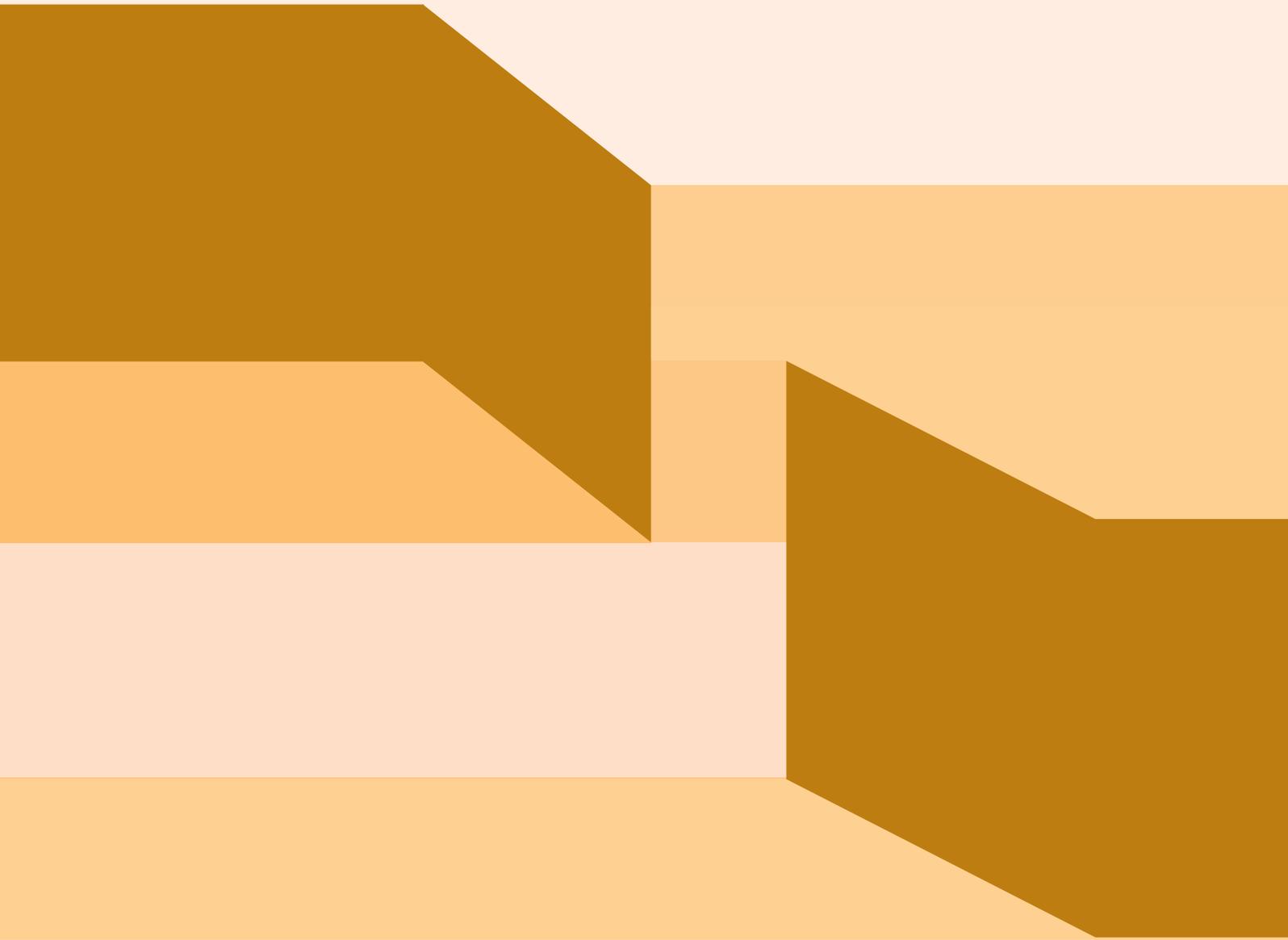
Assim, se limitando a essas análises e aos dados do levantamento de safra da Conab para o milho brasileiro e dos dados do USDA para o mercado norte-americano, o mercado não está em um momento de aumento de preços, pois apesar dos dados serem conservadores para o Brasil, os números americanos estão longe de ser bons para quem produz milho/sorgo.

5. Conclusão

O grande balizador de preços de sorgo, no Brasil, é o milho. Logo, para se entender o que pode acontecer com o mercado de sorgo é necessário entender a situação do mercado de milho. Com a boa safra de milho nos EUA e no Brasil prevista para a safra 2014/15, o que pode levar os estoques ficarem em níveis altos, se consubstancia uma situação de preços mais baixos, pois mesmo no caso de conversão total de 15 milhões de toneladas em estoque, ainda haverá muito milho no mercado para comercialização, o que deve ratificar preços mais baixos.

Nesse cenário, a produção nos EUA, maior produtor mundial do grão, deve aumentar na próxima safra, já que lá os preços estão bons. Por outro lado, a relação estoque/consumo pode crescer bastante e ser um impeditivo para que o mercado remunere os custos de produção. Se para os produtores norte-americanos isso já é um problema sério, apesar dos diversos instrumentos de proteção a que eles têm acesso, para o produtor brasileiro, na forma em que se encontra a economia do país, a situação é muito pior. Deste modo, o preço do sorgo, acompanhando o do milho, pode cair. A área para o Brasil pode sofrer nova redução, devido ao mercado do milho estar mais aquecido pela valorização do dólar frente ao real. Por ter se tornado uma cultura localizada muito próxima de produtores de ração e/ou grandes produções de animais para o abate, poderá haver uma migração da produção para outras regiões.

Para minimizar o risco do produtor em trabalhar com prejuízo, são necessários investimentos em pesquisas de novas variedades e tecnologias, para que a produtividade por hectare compense os preços mais baixos e diminua o intervalo entre a rentabilidade do sorgo e do milho.



Ministério da
**Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

